

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Personagens femininas e personagens infantis nos contos de Grimm:

um estudo de imagens e relações

MARIA AMÉLIA DE CASTRO COTTA

Campinas

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Personagens femininas e personagens infantis nos contos de Grimm:

um estudo de imagens e relações.

MARIA AMÉLIA DE CASTRO COTTA

Tese apresentada à Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação. Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem - GPPL.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Luiza Bustamante Smolka

Campinas

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

**Personagens femininas e personagens infantis nos contos de Grimm:
um estudo sobre imagens e relações**

Autora : Maria Amélia de Castro Cotta

Orientadora: Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida
por **Maria Amélia de Castro Cotta** e aprovada pela Comissão
Julgadora.

Data: 29/06/2011

Assinatura:.....



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751

C827p

Cotta, Maria Amélia de Castro.
Personagens femininas e personagens infantis nos contos de Grimm: um estudo sobre imagens e relações / Maria Amélia de Castro Cotta. -- Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Ana Luiza Bustamante Smolka.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Contos de fadas. 2. Personagens – Mulheres. 3. Personagens literários. 4. Infância. I. Smolka, Ana Luiza Bustamante. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

11-082/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês: Female characters and child characters in Grimm's fairy tales: a study of images and relationships

Palavras - chave em inglês:

Fairy tales

Figures – Women

Literary figures

Childhood.

Área de concentração: Psicologia Educacional

Titulação: Doutor em Educação

Banca examinadora:

Ana Luiza Bustamante Smolka (Orientador)

Ana Lúcia Horta Nogueira

Angel Pino Sirgado

Elizabeth Santos Braga

Lilian Lopes Martin da Silva

Data da defesa: 29-06-2011

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: ameliacotta@gmail.com

Dedico este trabalho às crianças. Que os adultos possam ouvi-las antes de interpretá-las; protegê-las antes de aniquilá-las; observá-las antes de julgá-las; conhecer a sua história antes de contar-lhes as deles. Aprendi que no drama de muitas crianças está a sua vida, a sua história, o seu contexto cultural.

AGRADECIMENTOS

No momento de um estudo longo e de grande intensidade, muitas pessoas e suas diferentes ações tornam-se importantes. Um telefonema de uma amiga distante, uma reportagem que se ganha relacionada ao tema, um texto enviado, um almoço feito, uma crítica, um elogio, uma ajuda tecnológica, um espaço novo para escrever, um contato com uma criança, um poema lido, um email recebido. Assim, todas as pessoas nesse momento parecem se integrar a uma tese. O desejo é de agradecer a todos, sem nenhuma formalidade ou obrigação. É o que tentarei fazer, sabendo que não caberão todos aqui.

Da minha família todos se integram aos agradecimentos. Pessoas vivas e mortas, porém, todos presentes seja em pensamento ou pelas marcas deixadas..

Jacy é o meu pai que se foi há seis anos. Agradeço a ele por ter deixado a coleção dos irmãos Grimm e muitos outros livros interessantes. Ele tinha por costume comprar coleções de livros oferecidas por livreiros na porta de casa. Para cada filho que iria nascer, uma coleção. Li e reli muitas vezes os contos de Grimm. Admirava o seu jeito silencioso de ler e de ouvir poemas na sala de minha casa

Conceição, minha mãe. Uma pessoa prática, sensível, que demonstra os seus sentimentos de diferentes maneiras. De um capricho impecável. Jamais abandonou os seus filhos, pequenos ou grandes. Quando não sabe o que dizer mediante uma dificuldade de um filho, reza, faz comidas inusitadas, oferece um chá e briga com os livros que estão em minha casa. Quase justifica que os livros são a causa de todos os problemas que tentamos resolver.

Irmãos: Ulisses (Lissinho), Cezar e Tânia. Cada um de um jeito oferece carinho, apoio, angustiam-se quando expunha as minhas dificuldades acadêmicas. Acharam o tema da tese "muito sofrido" e tentaram retirar-me desse tema. Persisti por eles, assim mesmo. Lissinho, um companheiro de todas as horas, um amigo. Cumplicidade selada há anos. Cezar, um crítico que parece não dar muita importância para esses estudos, mas se preocupou com o andamento deles. Tânia, expressa as suas preocupações, o seu carinho com a sua arte. Compreende o meu estudo e o materializa por meio de quadros de origami.

Sobrinhos? Ah sobrinhos!!! Marcela, Lucas, Luísa, Rafael, Natália, Leandro, Cesar Augusto. Todos eles foram e são importantes para o meu modo de ver a criança e hoje a juventude. Estar perto deles é aprender sempre!!!

Pedro! Como não deixar de agradecer ao Pedro, à sua imaginação, às suas conversas inteligentes. Acompanhou grande parte de minha tarefa, que ele não se conforma nunca de ser tão grande, diferente dos deveres de casa que ele traz da escola. Pedro é uma criança de seis anos de idade, que um dia chegou perto de mim e disse: "É tudo mentira, não existem contos de fadas". Senti-me provocada no momento da escrita pela sua frase, pela sua imaginação, pelo seu modo de ser.

Amigos? Cada um ao seu modo contribuiu com esse estudo. A Maria da Graça ofereceu-me uma revista de turismo motivando a minha ida para a Alemanha. Gueibi, com as suas conversas bem humoradas, discutia comigo sobre a pesquisa. Licínia ofereceu a sua casa para que morasse em Campinas, esteve presente em algumas leituras do texto. Aninha, uma amiga carinhosa e sensível reanimava-me quando parecia que não tinha mais nada a dizer. Celestinha, com os seus conselhos adequados, revelando-se sempre uma amiga presente. Elisete, uma amiga protetora, fiel, presente nas minhas dificuldades tecnológicas. Meire, uma amiga que cuidou de mim, ouviu os meus desabafos, incertezas, acolhendo-me em sua casa quando estava em busca de silêncio e distanciamento do meu cotidiano.

E Lara? Lara Padilha Carneiro é uma revisora de textos inesquecível. Relaciona-se com o texto, com a pessoa que escreve, sensibilizando-se com as palavras alheias, entendendo-as como fonte de expressão de uma pessoa que ali está. Adentra nas imperfeições do texto de modo respeitoso, competente e carinhoso.

Professores? São sempre inesquecíveis quando fazem suas colocações inquietantes e instigadoras. Agradeço ao Prof. Angel Sirgardo Pino, Profa. Ana Lucia Nogueira, Profa. Elizabeth dos Santos Braga, Profa. Lilian Lopes, Profa. Luzia Bueno, Profa. Maria Clotilde Rossetii-Ferreira, Profa. Maria Helena Pistori. Um agradecimento especial a Profa. Ana Luisa Bustamante Smolka, minha orientadora, pela acolhida, paciência e respeito às minhas opções.

Agradeço finalmente à CAPES por ter financiado parte desta pesquisa.

Acredito que nem todos os agradecimentos foram feitos. Mas, que cada pessoa em

particular que conviveu com as minhas ansiedades e inquietudes sintam-se contempladas em meus agradecimentos. Agradeço. Simplesmente agradeço.

RESUMO

O presente estudo tem como propósito analisar as personagens femininas e as personagens infantis no conto Irmãozinho e Irmãzinha (O Gamo Encantado), dos irmãos Grimm, explorando as possíveis relações desse conto com as condições da infância órfã e abandonada na contemporaneidade. A hipótese que sustenta o estudo encontra-se no pressuposto de que os contos, como obra literária, transcendem espaço e tempo de sua produção e, lidos ainda hoje, mobilizam imagens e suscitam debates sobre as possíveis interrelações e sobre as posições e lugares sociais ocupados pela criança e pela mulher na sociedade atual. Para proceder à análise do conto, realizamos leituras de diferentes tradutores, optando pela tradução de Íside Bonini (1961). As ideias de Vigotski e Bakhtin, mais especificamente os conceitos de dialogia e drama, deram suporte teórico às análises realizadas. Os temas que constituem os contos apontam para questões contemporâneas da condição humana, mostram posições e papéis sociais, lugares de poder, relações familiares; deixam entrever concepções de maternidades, de infâncias; circunstâncias como a orfandade, o abandono, os maus tratos. Esses temas encontram-se entrecruzados com a história da infância, mobilizando sentidos sobre a relação assimétrica entre adulto e criança e as complexas relações do cotidiano. Com base nas categorias levantadas, são analisadas as imagens de mulher, mãe, madrasta, maternidade; as condições das crianças: abandono e resistência e os sentidos de abandono e de ser órfão ontem e hoje.

Palavras chaves: **Personagens femininas. Personagens infantis. Infâncias. Maternidades. Contos de Grimm.**

ABSTRACT

This study aims to analyze the female characters and children's characters in Little Brother and Little Sister's tale (The Enchanted Deer), of Grimm's brothers, exploring the possible relations with the conditions of the tale and orphaned and abandoned children in contemporary society. The hypothesis that guides the study is the assumption that the stories, as a literary work, beyond space and time of its production, and still read today, mobilize and raise discussions about the possible interrelations and social positions in places occupied by child and woman in society today. To undertake analysis of the tale, we performed readings of different translators, opting for Iside Bonini's translation (1961). The ideas of Vygotsky and Bakhtin, more specifically the concept of dialogue and drama, gave theoretical support to the analysis performed. The tales themes include issues of contemporary human condition, showing positions and social roles, positions of power, family relations; they suggest ideas of motherhood, childhood and circumstances as orphanhood, abandonment and abuse. These themes have relations with the history of childhood, mobilizing senses about asymmetric relationship between adult, child and the complex everyday life. Based on the raised categories, were analyzed the images of wife, mother, stepmother, maternity, the conditions of children - abandonment and resistance - and the senses of abandonment and orphanhood yesterday and today.

KEYWORDS: Female characters. Children's characters. Childhood. Maternities. Grimm's tales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição temática de estudos acadêmicos sobre contos de fadas (1990-2009).....	10
Figura 2. Ilustração de Ludwig Emil Grimm, 1806	23
Figura 3. Pintura ilustrando os irmãos Grimm, Dorothea Viehmann e crianças.....	32
Figura 4. Estátuas dos irmãos Grimm e da Sra. Viehmann.....	36
Figura 5. Inscrições sob estátuas dos irmãos Grimm e da Sra. Viehmann	37
Figura 6. Entrada externa da taverna/cevejaria com a figura de Dorothea Viehmann, em Baunatal (2010)	37
Figura 7. Entrada interna da Cervejaria com a estátua de barro da Sra. Dorothea (2010)	38
Figura 8. Interior da Taverna/ Cervejaria.....	38
Figura 9. Retrato de Dorothea Viehmann por Ludwing Emil Grimm	39
Figura 10. Estátua próxima à residência dos irmãos Grimm	42
Figura 11. Fotografia tirada em Kassel (2010)	42

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 1961 - 1996	121
Quadro 2 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 1996-2003	122
Quadro 3 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 2005 - 2007	123
Quadro 4 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 2007 e 2008.....	124
Quadro 5 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 2008 - 2010	125
Quadro 6 Traduções brasileiras dos “Contos Isolados” da Obra dos Irmãos Grimm: 1990	125
Quadro 7 Traduções Brasileiras dos “contos isolados” da Obra dos Irmãos Grimm: 1990 - 1998.	126
Quadro 8 Traduções brasileiras dos “Contos Isolados” da Obra dos Irmãos Grimm: 1998 – 2009	127

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	vi
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
LISTA DE FIGURAS	xi
LISTA DE QUADROS	xi
SUMÁRIO	xii
INTRODUÇÃO	1
CAMINHOS DA PESQUISA	1
PRIMEIRAS PISTAS.....	2
ESTUDOS E PRODUÇÕES SOBRE OS CONTOS DE FADAS E A INCLUSÃO DOS CONTOS DOS IRMÃOS GRIMM.....	4
SOBRE OS OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	14
A TESSITURA DO TEXTO	18
1. EM BUSCA DOS IRMÃOS GRIMM	21
1.1 IRMÃOS GRIMM: DO INGRESSO NO CURSO DE DIREITO À DOCÊNCIA NA UNIVERSIDADE DE GOTTINGEN	23
1.2 INFLUÊNCIAS, TRAJETÓRIAS E INTERESSES DOS IRMÃOS GRIMM.....	27
1.3 CONTOS PARA CRIANÇAS?.....	30
1.4 RECOLHA DOS CONTOS: PARTICIPAÇÃO DA SRA. DOROTHEA VIEHMANN E OUTROS	33
1.5 REENCONTRO COM OS IRMÃOS GRIMM.....	41
2. IRMÃOZINHO E IRMÃZINHA (O GAMO ENCANTADO)	45
2.1 .CONTO: UMA ANÁLISE	52
2.1.1. Mãe, Madrasta.....	52

2.1.2.	Floresta: o tempo e o espaço da infância.....	56
2.1.3.	Transformações das personagens	58
3.	PERSONAGENS FICTÍCIAS E AS SIGNIFICAÇÕES NO MUNDO REAL	68
3.1	IMAGENS DE MULHER, MÃE, MADRASTA, MATERNIDADE	70
3.2	CONDIÇÕES DAS CRIANÇAS: ABANDONO E RESISTÊNCIA	85
3.3	SENTIDOS DO ABANDONO E DE ÓRFÃO (ONTEM E HOJE)	90
4.	A TRILHA DOS CONTOS... TEXTOS E CONTEXTOS	100
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
	BIBLIOGRAFIA.....	113
	ANEXO	120

INTRODUÇÃO

Caminhos da Pesquisa

No início do curso de doutorado, os contos de Grimm não faziam parte do material empírico para analisar a temática que me propunha discutir: orfandade. Planejava analisar o termo e a condição do órfão¹ pela via legislativa e colecionei reportagens dos anos de 2007, 2008 e 2009 que diziam sobre o abandono de crianças na atualidade.

Com as reportagens em mãos, resolvi classificá-las. Coloquei em uma mesma categoria as reportagens dos bebês jogados pelas mães nas lagoas, lixos e bueiros. Na outra, as crianças abandonadas, maltratadas pelas mães, familiares e babás. Ao final, não consegui separá-las, devido à proximidade de situações que me levaram a uma única direção: condições de abandono e não mais de orfandade ou o abandono travestido de orfandade.

Acompanhei pelos jornais, fóruns e *chats* o perfil das mães que abandonaram os seus filhos. Algumas eram descritas como depressivas; outras, tiveram a criança com o amante ou namorado e tentaram ocultar este fato dele e da família. Em algumas situações, demonstraram arrependimento. Foram julgadas, condenadas e consideradas criminosas. Considerando a maternidade como socialmente construída e não um instinto, essa questão inquietava-me quanto à avaliação e julgamento das mães que abandonavam os seus filhos.

Além da legislação e notícias selecionadas, mantinha os contos de Grimm e a análise das personagens infantis e personagens femininas como parte de minhas intenções de pesquisa. Compartilhando o meu interesse pelos contos de Grimm com minha orientadora, cogitamos a possibilidade de organizarmos em três conjuntos os textos, tomando por base o material empírico já coletado, correspondentes a três campos: o literário, o jurídico e o da mídia.

Uma expressão pareceu-me desembaçar o conceito de orfandade e a relação desta com o abandono. Trata-se do conceito trazido para a qualificação pelo Prof. Dr. Angel Pino, de “orfandade metafórica”, quando comentou: “A orfandade para quem tem pais é uma orfandade

¹ A palavra latina *orphanu*, de origem grega, *órphanós*, constitui-se em um adjetivo dado àquele que perdeu os pais ou um dos genitores. Também pode ser usado para aqueles que perderam um “protetor”. Figurativamente, o órfão pode ser entendido como aquele que foi abandonado, desamparado. Esses conceitos parecem precisos quando não indagamos sobre a forma como se deu ou ainda se dá a “perda” de pais ou protetores e não analisamos a extensão dos conceitos de abandono e desamparo.

metafórica”.

Esse comentário gerou novos significados e sentidos para a orfandade e o abandono, abalando a distinção entre o literal e o figurativo. A chave da orfandade metafórica parece estar na flexibilização ou mesmo na superação de uma série de dicotomias: orfandade social, orfandade e abandono etc.

Pensava na orfandade social associando-a às restrições na vivência das crianças e nas singularidades sócio-culturais não respeitadas. Uma infância que dizia sobre as crianças que estão ao nosso lado, na casa do vizinho; nos acampamentos dos sem-terra; com donos de circo; nos parques, nas guerras fora e dentro de nosso país; nos hospitais sem atendimento próprio; na ausência de locais para brincar e estudar; nas leis que não se efetivam; nas ruas frias; nas casas em que há violência doméstica; nas escolas, “sem aprender”; nos abrigos e ambientes similares... e em tantos outros lugares. Essas crianças, pensadas no primeiro momento da escrita do meu estudo, eram entendidas (e ainda são) como pessoas que não têm os seus direitos legitimados, que não possuem o reconhecimento de seu próprio nome, de sua própria história, da sua cultura, de seu grupo social.

Com todas essas preocupações e indagações, decidimos que os contos de Grimm fariam parte desse estudo, por trazer em seu conteúdo situações de personagens órfãs, relações entre essa condição e a ausência materna que por vezes recai no abandono para as personagens infantis. Sendo assim, dediquei-me a leituras de diferentes traduções dos contos, em busca da seleção daquele que iria analisar.

Primeiras Pistas

Lendo outras traduções dos Grimm, além da já conhecida tradução de Íside Bonini (1961), pude perceber o valor cultural que carregam e como possuem certa autonomia, com direito a voz para conseguir dar ao texto original um sentido e um significado. Uma tradução também possui uma força organizadora. O tradutor torna-se próximo do autor, toma consciência do trabalho e da criação do *outro* e também cria. Há um acontecimento artístico e literário na relação *eu* e o *outro*, mas que resguarda alguns limites que não se traduzem na obra do *outro* e nem na própria obra.

Com as leituras realizadas, sobretudo de Bakhtin, quanto à discussão sobre a literatura e

o texto literário que se inserem num tecido de relações ao qual também pertencem o leitor e as condições de recepção e circulação das obras literárias, fui provocada a realizar um levantamento sobre as traduções brasileiras dos irmãos Grimm. Nesse momento, a minha intenção era investigar sobre os tradutores existentes e o período de maior divulgação dos contos de Grimm. Sendo assim, realizei um levantamento das editoras brasileiras, que totalizaram 122 e, posteriormente, investiguei, em cada editora, via internet, sobre as traduções dos irmãos Grimm. Quando havia dúvidas quanto a autores, enviava mensagens eletrônicas para as editoras e, em sua maioria, não obtive resposta.

O levantamento das traduções brasileiras está apresentado sob a forma de quadros no Anexo, ao final deste estudo. Os critérios gerais utilizados para organizá-lo foram:

- a) traduções de contos em obras/coletâneas;
- b) traduções de contos isolados.

Organizei os achados em ordem cronológica, iniciando pela tradução mais antiga encontrada. Por essa amostragem é possível dizer que o conto *Chapeuzinho Vermelho* é o que recebeu maior número de traduções na década de 90, ficando em segundo lugar os contos *Cinderela*, *A Bela Adormecida*, *A guardadora de gansos*, *O Pequeno Polegar*, *João e o pé de feijão* e *O alfaiate valente*. Por último ainda temos as traduções dos contos: *Os seis criados do príncipe*, *A casa da floresta* e *Rapunzel*.

O período de maior divulgação dos contos isolados está entre os anos de 1990 e 1999, num total de 13 contos. Entre o ano de 2000 e 2009 há oito contos traduzidos. A posição se inverte em relação aos contos parciais e completos. Em 1961, há a tradução de uma coletânea de contos. Na década de 1980, de 1986 a 1987, há cinco coletâneas e na década de 1990, em 1996, há duas coletâneas traduzidas.

O período de maior divulgação das traduções dos contos parciais e completos de Grimm está entre o ano de 2001 e 2010, sendo: uma em 2001, quatro em 2002, uma em 2003, duas em 2005, duas em 2007, quatro em 2008 e uma em 2010.

A partir dos achados da amostra sobre as traduções, é possível entrever que há um crescente interesse pelos contos dos irmãos Grimm e pelos tradutores e escritores brasileiros, o que parece confirmar a atualidade das questões suscitadas por esses contos. É possível também constatar que as características das edições, como conter ou não nomes dos tradutores e

ilustradores, alteram-se por circunstâncias históricas, econômicas, sociais e literárias.

Essas observações colocam em pauta a via de recepção da obra dos Grimm no Brasil e algumas hipóteses sobre o universo de traduções e adaptações, que possivelmente trazem alterações ou um repensar sobre o modo de contar essas histórias, de veicular a palavra que serve como indicadora de mudanças e de expressão de relações e lutas sociais. As variações inerentes à língua refletem as variações sociais. (BAKHTIN, 2000).

Estudos e produções sobre os contos de fadas e a inclusão dos contos dos irmãos Grimm

Quando se fala em contos de fadas, três nomes são mais lembrados: Charles Perrault², os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen³. Suas produções são responsáveis por narrativas que atravessam gerações e que são alvo de leituras e releituras por crianças e adultos. Além disso, são instigantes para a pesquisa em diferentes áreas: psicanálise, sociologia, antropologia e literatura pelo viés da recepção, da semiótica, do estruturalismo etc.

Mas, de um modo geral, não é possível asseverar sobre as origens dos contos por terem em sua essência relatos do cotidiano e estarem situados em um contexto histórico, social e cultural. Cada conto pode ser apreendido na cultura cujos usos, costumes e mentalidades refletem nas narrativas; é parte de um patrimônio histórico da humanidade e que possivelmente irá se manter e perpetuar ao longo de gerações futuras. Como eixo comum entre os contos de diferentes contistas e escritores está a tradição oral.

Atribuir importância aos contos de fadas é um modo de valorizar a fantasia, de lembrar-se da criança e das sociedades que se envolvem com esse tipo de narrativa, estabelecendo assim contato com os mitos, a ancestralidade, a origem, sua vinculação com a caminhada da humanidade na história do mundo.

Uma das características dos contos é que foram em sua maioria originados em períodos

² Charles Perrault (1628-1703). Escritor e arquiteto francês célebre pela coletânea para crianças *Contos da Mãe Gansa*, que publicou em 1697, com o nome de seu filho *Perrault d'Armancour*. (ABRAMOVICH, 1991, p.122).

³ Hans Christian Andersen (1805-1875). De nacionalidade dinamarquesa; seu pai era sapateiro e sua mãe lavadeira. Sua vida foi como um conto de fadas, em que meninos e meninas pobres passam por terríveis humilhações e, como por magia, chegam a experimentar situações maravilhosas. Obteve fama pelo seu trabalho ainda em vida. O Romantismo da época, com o seu entusiasmo pelas tradições e lendas populares, provocou a aparição de um amplo repertório de contos, em que o lirismo alterna com o grotesco e o encanto oferece faces dramáticas. Pela emoção, fantasia e lirismo de seus contos, Andersen tem encantado várias gerações de crianças e adultos. (ABRAMOVICH, 1991, p.125).

em que a religião, por ser a principal referência para a vida, está presente nos temas e expressões. Muitos contos são similares às histórias, parábolas e textos bíblicos.

Um dos autores consagrados nos estudos sobre os contos é o psicanalista Bruno Bettelheim (1980), que realizou em sua clínica estudos com crianças gravemente “perturbadas”. Esse autor, ao se referir aos contos, ressalta as alusões religiosas que trazem, sem se ater a elas, por não ser o propósito de seu estudo. Concentrou-se nos pontos centrais de alguns contos que podem ser significativos para as crianças que vivenciam ou vivenciaram problemas existenciais ou alguma situação em particular, como separação de pais, o medo, a morte. “Os contos de fadas enriquecem a vida da criança e dão-lhe uma dimensão encantada exatamente porque ela não sabe absolutamente como as estórias puseram a funcionar seu encantamento sobre ela”. (p.27).

No campo da psicologia e por meio da psicanálise, o autor supracitado ressignificou os contos de fadas, atribuindo a eles não somente uma fonte de divertimento, mas também de traduções da linguagem simbólica do inconsciente. “[...] contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente em qualquer nível que esteja funcionando”.(p.14). Ao trabalhar com crianças em seu consultório, certificou-se sobre o interesse delas pelos contos folclóricos, pelo fato de abordarem temas que fazem parte da existência humana e por conterem personagens que se defrontam com obstáculos que conseguem superar, encontrando, assim, uma resposta reasseguradora de seus conflitos internos; ou seja, a criança encontra conforto para seus medos, suas angústias e também justificativas para sentimentos ruins.

Em defesa dos contos, Bettelheim (1980) assevera que a criança reconhece que há uma linguagem simbólica nessas narrativas que não condiz com a realidade cotidiana, proporcionando à criança a possibilidade de lidar com sentimentos de bondade e maldade apresentados de modo polarizado – quando trazem imagens de uma má ou boa figura materna ou paterna – ou ainda sintetizados – quando fadas e bruxas fazem parte de uma só pessoa, ou seja, as pessoas reúnem toda espécie de sentimentos, aparentemente contraditórios: bondade e maldade; amor e ódio; alegria e tristeza.

O autor declara-se favorável ao contato das crianças com os contos de fadas, que as ajudariam a lidar melhor com seus traumas e complexos. Reconhece que os contos possuem elementos sonhadores, utópicos, fantásticos que são alvo de discussões. No entanto, para o autor, os sonhos podem também ser um modo de compreender melhor a si mesmo e trazer uma

percepção renovada sobre os fatos e sobre a vida.

Enquanto um conto de fadas pode conter vários traços semelhantes ao sonho, sua grande vantagem sobre o sonho é que tem uma estrutura consistente, com um começo definido e uma trama que se movimenta em direção de uma solução satisfatória. Essa é alcançada no final. O conto de fadas tem também outras vantagens importantes quando comparado a fantasias particulares. (BETTELHEIM, 1980, p.73).

Com as modificações das constituições familiares, os contos também convencem as crianças quanto às incertezas, medos, vitórias vividas pelas personagens que enfrentam situações de rejeição e abandono, mas que encontram de certo modo relações significativas e compensadoras no mundo em que vivem.

Nas reflexões de Bettelheim (1980) e em diferentes contos, a madrasta malvada que aparece comumente representa a possibilidade da criança de integrar dois mundos: o da realidade e o da imaginação. A criança tem assim a oportunidade de experimentar nessa personagem as contradições humanas, percebendo que, embora existam “fadas”, há também “bruxas”; que, por circunstâncias adversas, os pais não biológicos suscitam raiva, culpa. Sendo assim, ao mesmo tempo em que a fantasia da madrasta malvada preserva a imagem da mãe boa, o conto também ajuda a criança a não ser assolada pela vivência da mãe malvada.

[...] os pais nos contos de fadas ficam divididos em duas figuras, representativas dos sentimentos opostos de amor e rejeição, também a criança externaliza e projeta num “alguém” todas as coisas ruins que são muito ameaçadoras para que sejam reconhecidas como parte dela mesma. A literatura do conto de fadas não deixa de considerar a natureza problemática de vermos algumas vezes a mãe como madrasta malvada; a seu próprio modo, os contos nos advertem das consequências de nos deixarmos arrebatar pela raiva. (BETTELHEIM, 1980, p.87).

Os contos de fadas têm poder curativo. Daí a importância, ressaltada pelo autor, de que as crianças entrem em contato com esse tipo de narrativa, para que possam a partir dela canalizar suas questões internas, encontrar respostas e adquirir o equilíbrio necessário para enfrentar os conflitos do tempo.

Bettelheim (1980) não ignora os contos como arte, como forma ímpar de literatura, “[...] como obra de arte, os contos de fadas têm muitos aspectos dignos de serem explorados em

acréscimo ao significado psicológico”. (p.21). Com esse autor, os contos ganharam relevância e maior atenção de outras áreas.

Na visão de Bettelheim (1980), o ato de abandonar o filho é um elemento mágico no conto, pois isso representa o desejo do pai de que o filho cresça e encontre o seu destino. Do mesmo modo, é o desejo do filho pela própria independência. Sendo assim, o abandonar no conto de fadas pela via da psicanálise caracteriza-se pela desvinculação com a casa paterna em busca do crescimento.

Por meio de um conto ou uma história que não é real, com a predominância do maravilhoso, podem estar de modo disfarçado os sentimentos que habitam o interior da criança, como o sentimento de raiva ao ser abandonado pelos pais ou a possibilidade de vencê-los em esperteza; passando para a criança mensagens importantes para sua vida, como nunca desistir perante os obstáculos por mais que no início pareçam difíceis.

É inegável a contribuição do autor, mas esse não é o único modo de ver os contos de fadas. Também no campo da psicologia, a autora Marie Louise von Franz⁴, utilizando conceitos de C. G. Jung⁵, aborda a figura do feminino nos contos de fadas, tomando os contos de Grimm e de outros autores para sublinhá-la como nuclear nas narrativas, o que não significa que as personagens criadas tratam dos problemas femininos sentidos verdadeiramente pelas mulheres, por serem em sua maioria produzidas por homens, que, ao escrever os contos, exprimem suas projeções de imaginação, aspirações e diferenças em viver o polo feminino.

Indaga a autora: “O que representam as personagens femininas nos contos de fadas? A princesa nasceu de uma imaginação feminina ou de uma imaginação masculina?” Responde tais questões dizendo que esses motivos não são tão fáceis de demarcar porque, “na realidade, não podemos separar inteiramente as duas: a mulher real exerce uma influência sobre a alma do homem, e inversamente a alma do homem influencia a mulher”. (FRANZ, 2010, p.11).

Para essa autora, os contos esclarecem, sob o desenrolar da função compensatória do inconsciente. Apresenta uma relação cuidadosa entre os sonhos e os contos, sem aplicar termos junguianos às personagens, dizendo, por exemplo, que o herói é o ego, o self; a princesa, alma.

⁴ Psicanalista, pesquisadora e escritora da Alemanha, mas ativa na Suíça, importante continuadora do trabalho de Carl Jung.

⁵ Psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, também conhecida como psicologia junguiana.

“Uma das dificuldades na interação tanto dos sonhos quanto dos contos de fadas consiste em evitar considerar as imagens em sua significação literal. Outro erro em que incorrem numerosos intérpretes é o de discutir ‘em torno’ do assunto, sem procurar ligá-lo à situação psicológica real que o provocou”. (FRANZ, 2010, p.35).

Sendo assim, as personagens dos contos não são tratadas em sua análise como verdadeiramente seres humanos, “e sim como imagens de processos arquetípicos, aos quais falta o contexto humano, a vida real, individual e objetiva”. (p.136).

As personagens más, como as feiticeiras e as bruxas, para a autora em questão, encarnam o orgulho ferido e o rancor, sentimentos relacionados aos problemas das mulheres. São ainda analisadas como personagens que recusam o princípio feminino, tornando-o negativo. São elas que encarnam o medo da vida e de seu mistério, o temor do inconsciente em entrar na aventura interior. “O objetivo proposto pelos contos corresponde ao que Jung denominou de individuação, a realização da totalidade psíquica, união de dois princípios, o masculino e o feminino”. (p. 306).

As dificuldades femininas estão em integrar e superar feridas afetivas, os sentimentos feridos. Isso se reflete nos contos, considerados uma história coletiva e não pessoal. Para Jung e Franz, os contos dão expressão aos processos do inconsciente tanto pessoal quanto coletivo. Ao escutá-los, permitimos que os processos revivam restabelecendo a conexão do consciente com o inconsciente, ou, em outras palavras, o encontro do ser humano com a sua alma ou eu interior, chamado de *self*. Daí, os contos de fadas não serviriam apenas para a superação de complexos, mas também como auxiliares no processo de individuação e autoconhecimento.

Bettelheim (1980) e Franz (2010), pensando e escrevendo em diferentes tempos e lugares, trazem preocupações e intenções diferenciadas quanto aos contos. Bettelheim mantém a sua preocupação com a criança, entendendo que os contos são um modo de trabalhar vivências, sentimentos e expressões infantis. Franz (2010) tensiona a relação entre as personagens femininas e personagens masculinas para analisar o universo feminino.

Ao que me parece, a preocupação com a análise de personagens femininas nos contos relacionando-as à mulher ganhou mais força do que a análise sobre as personagens infantis relacionando-as à infância. Instigada a encontrar indícios dos estudos realizados sobre os contos de fadas, em especial dos contos de Grimm, e com a expectativa de verificar quais as temáticas

relacionadas a esses contos, bem como as áreas que mais os investigam, realizei uma busca no banco de dissertações e teses no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – CAPES, a partir de do ano de 1990⁶. Registrarei aqui apenas as observações referentes aos últimos dez anos.

Ao ler os resumos desses estudos, busquei identificar o objetivo, a linha de pesquisa e as abordagens e /ou matriz teórica e metodológica que os nortearam. Ao todo, foram lidos 39 resumos. Nos últimos dez anos foram realizados 24 estudos sobre os contos de fadas com a inserção dos contos dos irmãos Grimm. Houve um aumento significativo desses estudos na década de 90, cujas abordagens podem ser assim apresentadas:

- a) recuperação da intertextualidade;
- b) elementos mágicos, mitologias presentes nos contos de fadas;
- c) personagens femininas (heroína, bruxa) e a (re)significação da dualidade feminino/masculino;
- d) reconstrução da origem, das versões, traduções, reescritura dos contos;
- e) relação dos contos com a educação (adaptação do meio e a adaptação de si mesmo);
- f) representação da infância por meio da análise dos contos de Grimm comparados com outros textos literários contemporâneos ou não;
- g) representação do casamento nos contos;
- h) entrelaçamento dos contos dos irmãos Grimm com outros textos literários;
- i) criança em situação de abrigo;
- j) relação dos contos com produções fílmicas, audiovisuais;
- k) estudos linguísticos dos contos.

Quanto à área temática, há 13 estudos que se inserem no campo da literatura (literatura comparada e literaturas estrangeiras, literatura brasileira, teoria literária); dois estudos que relacionam literatura e educação/ensino; dois estudos sobre a relação teoria e história; dois

⁶ Esse não é o único órgão que possui banco de teses. Além disso, não se pode garantir que as dissertações e teses desenvolvidas no período de 1990 a 2009 estão registradas na CAPES. Além de órgãos, as Universidades também incluem em sua biblioteca dissertações e teses que podem ser consultadas. No entanto, utilizei apenas o banco da CAPES, a fim de trazer um panorama, ainda que restrito, dos estudos e pesquisas realizadas com a temática dos contos de fadas, incluindo os contos dos irmãos Grimm.

estudos sobre Literatura regional; quatro estudos na área de comunicação (comunicação visual, mídia, filmes); dois na área da linguística aplicada e um estudo na área da psicologia.

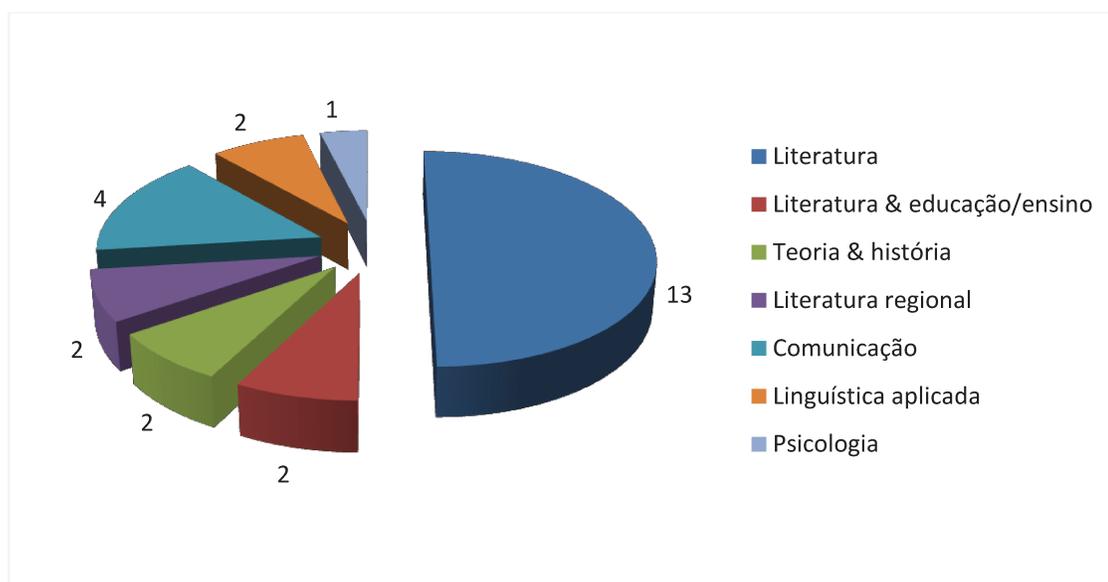


Figura 1. Distribuição temática de estudos acadêmicos sobre contos de fadas (1990-2009)

Fonte: Elaborada pela doutoranda.

Sobre os autores citados para justificar a escolha das abordagens ou matriz teórica e metodológica, Jung e Vladimir Propp continuam sendo mais utilizados nas análises. Para uma análise psicológica dos contos, Winnicott, autor da psicanálise, é citado juntamente com o desenvolvimento de um método de análise para observação de bebês, chamado método de Bick.

Bachelard também é citado em uma das pesquisas. (DEXHAIMER, 2002). Além dele, outros autores são mencionados como: Mircea Eliade para analisar o mito e o paradigma da conduta; Jauss e Iser; Corso e Corso; Bettelheim; Walter Benjamin; Gustavo Hócke; Gilberto Freire; Luis Câmara Cascudo e Nely Coelho.

Há um estudo que utiliza análise do discurso da teoria francesa e a teoria crítica feminista; outro que utiliza um método recepcional de Aguiar e Bordini (1993) (POMPEU, 2007) e, ainda, um estudo que se propõe a analisar a literatura infantil sob a abordagem estética maneirista. Trata-se de uma análise linguística sustentada por uma metodologia inspirada em Schaff, segundo Isidoro Blinkstein. (COSTA, 2009).

Os autores Bakhtin e Vygotsky são citados uma vez. Bakhtin é associado ao dialogismo

presente nos contos e usado pela área da Comunicação. (ZEMINIAN,2008). Vygotsky aparece em um estudo juntamente com outros autores, Benjamin, Corso e Corso, Bettelheim. (SEITENFUS,2009). O interesse da teoria da comunicação pelos contos dos irmãos Grimm emerge também nesse período, em quatro estudos.

Esses dois autores, Bakhtin e Vygotsky, ambos nascidos no século XIX, ainda são pouco lembrados nos estudos sobre os contos ou o são mais diretamente em análises literárias. Em nosso estudo, esses dois autores inspiram as minhas análises. O diálogo que estabeleci com ambos, na busca de compreensão das condições de produção e repercussões dos contos, constitui uma das contribuições deste estudo.

Dos contos dos irmãos Grimm citados para análise dos estudos mencionados, Cinderela (A Gata Borralheira) é o mais evidenciado, diferentemente da década de 90, quando a análise recaiu sobre o conto Chapeuzinho Vermelho. Em seguida temos: A Bela Adormecida; Branca de Neve; João e Maria. Os contos Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, Irmãozinho e irmãzinha (O Gamo Encantado) são citados apenas uma vez nos estudos realizados na última década.

A preocupação com a infância aparece nos estudos por meio do tema que envolve o abrigo, mas prevalece, sobretudo, a relação da criança com a leitura e/ou texto literários. Emergem estudos na área da linguagem por meio dos conceitos de intertextualidade, atenção à diversidade de traduções e versões dos contos dos irmãos Grimm. Para contrastar com os irmãos Grimm, os contos de Perrault também são escolhidos.

Constata-se ainda que, dos 39 resumos lidos, 37 são de autoras do sexo feminino. Há apenas dois autores, do sexo masculino, que realizaram estudos sobre essa temática entre os anos de 2000 e 2009. Essa constatação provoca indagações sobre a participação das mulheres no estudo da literatura infantil e sobre um gênero em particular: os contos de fadas(questão que, entretanto, não será objeto de considerações no presente trabalho).

Ressalto ainda que, lendo dissertações, teses, artigos no campo da literatura, há duas autoras comumente citadas nas referências bibliográficas. São elas: Fanny Abramovich (1991) e Nely Coelho (1993). Talvez, a contribuição de ambas na década de 1990 possa ser justificada pelo fato de terem valorizado a literatura infantil, analisando elementos e ressaltando temas relacionados à vida que estão presentes nesse gênero, apresentando a literatura como um meio importante para a formação de leitores infantis.

Abramovich (1991) apresenta os contos de fadas como narrativas maravilhosas e encantadoras, que instigam a fantasia, o imaginário, destacando a intervenção de entidades fantásticas como as bruxas, fadas, duendes, animais falantes. Para ela, os contos partem de problemas vinculados à realidade e em seu desenvolvimento há buscas de soluções, no plano da fantasia, recorrendo, assim, aos elementos mágicos. “Por lidar com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje...”. (ABRAMOVICH, 1991, p.120).

A autora faz referências a Walt Disney, dizendo que ele adocicou os contos de fadas em suas projeções fílmicas, retirando deles os conflitos essenciais, a densidade e a revelação. Critica também as edições brasileiras que não mantêm a integridade da história. Por fim, Abramovich evidencia os temas presentes nos contos, como: o medo, o amor, a dificuldade de ser criança, as carências, as autodescobertas, as perdas e buscas.

Coelho (1993) realiza um estudo sobre o maravilhoso na literatura, distinguindo contos maravilhosos de contos de fadas. No primeiro, a autora diz que esses se referem ao tipo de narrativas orientais difundidas pelos árabes. “O núcleo das aventuras é sempre de natureza material/social/sensorial (a busca de riquezas; a satisfação do corpo; a conquista do poder, etc)”. (p.154).

Sobre os contos de fadas, a autora diz que são de natureza espiritual, ética, existencial. Destaca a figura da fada⁷ como provocadora de atenções da criança e dos homens, pois pertence ao mundo dos mitos e “encarna a possível realização dos sonhos ou ideais, inerentes à condição humana”. (COELHO, 1993, p. 155).

Coelho (1993) ressalta a presença de mediadores mágicos nos contos de fadas, de onde se pode deduzir que surgiram no estágio em que o pensamento mágico dominava a humanidade. Estendendo-se sobre a explicação das fadas nos contos de fadas em diferentes áreas do conhecimento, cita a psicologia, que interpreta essa personagem como “símbolo de ‘nossas faculdades’, – possibilidades latentes, de súbito ‘iluminadas’ e postas em ação”.

Nesse sentido, a “fada esquecida” (que se revolta contra esse esquecimento e se transforma em bruxa) é identificada com o “ato falho” da psicologia freudiana.

⁷ Fada deriva do termo latino "*fatum*", que significa destino. (COELHO, 1993, p.155).

Do ponto de vista religioso, seria a personificação dos estágios da vida espiritual. Em versão esotérica, as fadas simbolizam “os poderes sobrenaturais da alma ou da mente humana, ainda desconhecida do comum dos homens”. (in: Loeffler, *Le Symbolisme des Contes Féés*, citado por COELHO, 1993, p.156).

A referida autora também destaca a possível relação entre as fadas e a imagem da Mulher. Sendo assim, as fadas simbolizariam a face positiva e luminosa da força feminina. “Quanto à bruxa, essa carrega uma face frustradora, que ‘corta o fio do destino’”. (p.158). Apresenta ainda elementos comuns na estruturação dos contos maravilhosos, como o uso de talismãs, a força do destino, o desafio do mistério ou do interdito, a reiteração dos números, a magia e a divindade, os valores ideológicos.

Além das contribuições de Abramovich (1991) e Coelho (1993), cabe-me ressaltar Jacqueline Held, não muito citada nas bibliografias, mas que trouxe grande contribuição para a literatura infantil, em especial no campo da imaginação.

Held (1980) analisa a relação dialética entre o real e o imaginário. Cita os contos de Perrault, Grimm e Andersen para ilustrar essa análise. “(...) o fantástico seria o irreal no sentido estético daquilo que é apenas imaginável; o que não é visível aos olhos de todos, que não existe para todos, mas que é criado pela imaginação e pela fantasia de um espírito”. (p. 25).

Questiona o irreal do fantástico, pois nas narrativas há elementos reais; reúnem aspirações, necessidades e experiências humanas. Traz para a criança uma visão afetiva e animista do mundo. Indaga: “Existiria um ‘fantástico puro?’” Responde: “Do ponto de vista daquele que cria, a obra fantástica, assim como qualquer outro gênero literário, encontra sua fonte numa experiência cotidiana, com personagens conhecidas, acontecimentos vividos”. (p.28). Para a autora, o fantástico e o real estão inter-relacionados, se influenciam mutuamente com o objetivo de formar o pensamento lógico, emocional, social e de amadurecimento humano.

Held (1980) reconhece que a literatura infantil apresenta um discurso fértil, favorável à ludicidade, porque está permeada de figuras de linguagem, de palavras e de pensamento. O uso da linguagem pelo gosto de brincar com as palavras tem origem nas condições segundo as quais a criança, “mergulhada num banho de linguagem adulta”, vai pouco a pouco se apropriando dessa linguagem. O contato primeiro com as palavras se dá por meio do encantamento lúdico, no prazer de repetir, saborear e experimentar incansavelmente os sons e sua articulação, ao mesmo tempo em que retoma e recria significados diferentes e inesperados.

Uma das questões abordadas por ela é a relação entre ficção literária e a construção do real, normalmente vistas como opostas, mas que a autora trata como dialéticas. Quando se valoriza a imaginação criadora da criança, é possível compreender que por meio dessa função ela elabora uma linha tênue entre o real e o fictício, que permite maior lucidez e maior flexibilidade em sua própria manipulação do real e do imaginário. “[...] a ficção serve de ponto de partida, de trampolim para uma interrogação lógica, desejando a criança ‘dar às coisas o que é das coisas’ e descobrir a ‘verdade.’” (HELD, 1980, p.52). Pela imaginação criadora, a criança faz construções conscientes que transparecem na sua própria ficção.

O fantástico também se insere num espaço histórico, temporal. Não é possível isolar uma narrativa, uma história real do corpo da história. Aquilo que nos parece fantástico nos contos pode ter sido fantástico de um outro modo no século XIX. Assim como vivenciamos casos reais que são fantásticos hoje, mas que em outro tempo podem não causar o mesmo impacto.

Quanto à morte, por exemplo, frequente nos contos de Grimm, Held (1980) analisa como esse tema é complexo para a criança e coberto de abstração. A criança vive o agora, mas não deixa por isso de angustiar-se com a morte. Talvez por isso, nos contos a mãe morta apareça, para suscitar interrogações sobre a força da vida. Com a mãe morta, a criança sente a sua ausência e ao mesmo tempo começa a discernir sobre a vida e a morte. A presença e a ausência. Viver é interrogar-se sobre a própria história, entregar-se às lutas humanas que se fazem na fronteira entre a vida e a morte.

Sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa

Para proceder à análise do conto, considerei necessária a realização de leituras dos contos de Grimm de diferentes tradutores, mas decidi pela tradução de Bonini (1961) por entender que trazia a mesma estrutura composicional, divergindo de outras quanto a vocábulos, expressões, extensão, linguagem geral usada pelo tradutor. Ademais, não constitui foco de análise o estudo sobre as traduções.

Ao considerar os contos de Grimm como material empírico para estabelecer relações entre as personagens infantis e personagens femininas com as figuras da mãe, madrasta e crianças-órfãs, há de se examinar o que os autores acentuam nas personagens. Bakhtin (2006) assevera que a composição de personagens exhibe muitos modos de ser, traz respostas instáveis,

muitas faces e véus que necessitam ser desvendados. “A ficção sugere que talvez nossa visão de mundo real seja tão imperfeita quanto aquela dos personagens fictícios. É por isso que personagens fictícios tornam-se exemplos supremos da ‘real’ condição humana”. (ECO, p.7).

O objetivo geral deste estudo desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

- a) Estudar sobre o contexto de produção dos contos dos irmãos Grimm, reunindo fontes para apresentar vida, obra e intenções ao longo de sua trajetória;
- b) Analisar as personagens femininas e personagens infantis no conto do Irmãozinho e Irmãzinha (O Gamo Encantado), escrito no século XIX, sustentando-me nos conceitos de dialogia (BAKHTIN) e drama (VYGOTSKY);
- c) Investigar as ressonâncias das personagens fictícias do século XIX na discussão sobre as infâncias e maternidades nesse século e na atualidade.

O primeiro objetivo específico desenvolve-se por meio de uma reunião de informações sobre a história dos irmãos Grimm, utilizando fontes primárias e secundárias. São consideradas fontes primárias prólogos, prefácios e biografias de traduções dos contos de Grimm. Como fontes secundárias, *folders*, informativos, jornais, fotografias e entrevista realizada com o Dr. Lauer em Kassel, Alemanha⁸.

Quanto à decisão de conhecer parte da trilha dos irmãos Grimm na Alemanha, se deu pelo fato de ter como expectativa recolher fontes sobre os autores e muito especialmente sobre Dorothea Viehmann, camponesa citada comumente nos estudos sobre os irmãos Grimm como responsável por grande parte das histórias narradas nos contos.

Estando na Alemanha, iniciei minha busca pela cidade de Bremen, que possui uma estátua construída em 1951, representando um dos contos de Grimm: “Os músicos de Bremen”. Posteriormente, fui para a cidade de Kassel, buscando nas casas turísticas a trilha dos irmãos Grimm e estudiosos sobre o tema que poderiam me atender, ser entrevistados.

Em Kassel, conheci o Museu dos Irmãos Grimm, a casa de sua família, a biblioteca em que trabalharam, o arquivo dos irmãos Grimm e entrevistar Bernhard Lauer. A indicação do

⁸ Bernhard Lauer é Diretor da Associação dos irmãos Grimm e do Museu dos irmãos Grimm em Kassel, Alemanha. O museu estava sendo restaurado no momento em que lá estive. Fui atendida no Arquivo dos irmãos Grimm, que reúne seus contos em várias línguas e seus primeiros manuscritos. Essa associação tem por objetivo a divulgação do trabalho realizado pelos autores e recentemente incluiu os contos de Grimm ao Patrimônio da Humanidade, reconhecidos pela UNESCO.

nome de Bernhard Lauer foi feita por uma das casas turísticas do local. Tendo o telefone em mãos, foi possível marcar o dia, horário e local para a realização da entrevista.

Na entrevista, as perguntas versavam sobre a composição dos contos dos irmãos Grimm, influenciadores, personagens, relação entre os contos e a história e, finalmente, sobre a figura de Dorothea Vielhmann.

Ao chegar à Alemanha, havia definido pela análise de dois contos de Grimm para esse estudo. Sendo assim, busquei esses contos, prólogos de traduções que diziam sobre os irmãos Grimm, sobre as fontes que utilizaram. Solicitei à secretaria do arquivo a reprodução desses materiais e adquiri a síntese da obra dos autores escrita em alemão, pinturas dos contos originais, revistas com entrevistas a acadêmicos sobre os irmãos Grimm, postais, informativos e *folders*.

A entrevista realizada com o Dr. Bernhard Lauer foi semi-estruturada e realizada no Arquivo dos Irmãos Grimm, perfazendo um total de 40 minutos. Foi realizada na língua inglesa e parte de sua transcrição será utilizada no primeiro capítulo com o objetivo de complementar informações das fontes primárias e suscitar um diálogo entre as diferentes fontes utilizadas para a composição do capítulo. Na oportunidade, ele sugeriu a leitura de uma tese que se transformou em livro de uma autora da cidade de Coimbra, em Portugal. Trata-se de Maria Tereza Cortez, autora do livro *Os Contos de Grimm em Portugal. A recepção dos Kinder – und Hausmarchen entre 1837 e 1910*.

Essa autora foi também referência para a construção do primeiro capítulo. Além dela, ressaltou a importância de um ilustrador brasileiro, Salmo Dansa, para os contos de Grimm. Trata-se de um artista plástico e Mestre em Design (PUC-Rio). Em 2008, teve duas exposições individuais na Alemanha: “Salmo Dansa. As Bruxas de Grimm – *Die Brüder Grimm in Brasilien*”, no *Brüder Grimm-Museum Kassel*, e “Marina e Mariana”, na *IJB*. Sua versão de “João e Maria” participou da coletiva *Marchen in Bildern aus aller Welt*, na *IJB*, onde também recebeu uma bolsa de três meses para desenvolver pesquisa sobre livros de imagem.

Para atender ao segundo objetivo específico deste estudo, adentro em dois conceitos que constituem a base teórica e metodológica para a construção do segundo capítulo: dialogia e drama. Inspiro-me no conceito bakhtiniano de dialogismo que diz respeito ao modo de funcionamento da linguagem, constituindo-se por enunciados que se revelam a partir dos outros.

Bakhtin concebe o dialogismo como o princípio constitutivo da linguagem e a condição

de sentido do discurso. Na base desse conceito está a fundamental relação com o outro, a questão da alteridade, a forma verbal de interação. O outro participa, inescapavelmente, do discurso do “eu”. Diálogo, por princípio, emerge numa relação de um com outro, numa relação de (pelo menos) dois. Mas, para Bakhtin, o diálogo não existe apenas numa situação face a face. Implica uma pluralidade de vozes e uma história de relações.

Ao afirmar isso, entendemos que o dialogismo vai além dessas formas composicionais, é o modo de funcionamento real da linguagem, é o próprio modo de constituição do enunciado. Bakhtin diz que há relações entre textos e dentro dos textos. Nesse sentido, o discurso literário não é um ponto, um sentido fixo, mas um entrelaçamento de vozes sociais e pessoais. Isso sugere, de certo modo, tratar as personagens no drama literário por meio da percepção do trágico, de uma construção consciente e lúcida que nos permite confrontar o caráter simbólico do conto como ficção e suas significações no mundo real.

Quanto ao terceiro objetivo deste estudo, trago a análise das personagens fictícias e suas significações no mundo real. Nos contos as personagens vivem conflitos e situações psiquicamente desestabilizadoras, muito semelhantes àquelas pelas quais passam os leitores, o que resulta numa relação simbólica entre a ficção e a realidade, provocando a identificação do leitor com o que foi lido.

Os contos remetem os leitores a situações fantásticas, com conteúdos vitais que se tornam importantes pelo significado simbólico que assumem.

Escolho três categorias para desenvolver esse capítulo: Imagens de mulher, mãe, madrasta, maternidade; Condições das crianças: abandono e resistência e a Orfandade e Abandono (ontem e hoje)

Com essas categorias de análise, resalto no conto a trama de relações e de posições sociais que sustentam e orientam as ações das personagens. Procuro, assim, dar destaque à intrincada rede de relações e sentimentos que se entretecem no texto.

As indagações sobre a temática parecem inesgotáveis e muitos são os sentidos atribuídos às infâncias e maternidades. Emergem do conto e para o conto analisado significações das ações humanas, algo que transcende as personagens, problemas peculiares da relação materno-filial que está imersa num universo histórico e cultural.

A tessitura do texto

Em busca dos Grimm é o título do primeiro capítulo. Nele, apresentarei o quadro histórico e cultural e as condições de produção da obra de Grimm. Com as controvérsias que pesam sobre os irmãos Grimm e sobre as fontes utilizadas por eles, penso que este estudo apresenta a contribuição de trazê-los de diferentes lugares e tempos. No entanto, as histórias desses autores continuam em aberto, já que podemos concebê-los de diferentes lugares, situações, contextos.

No segundo capítulo, analisarei as personagens femininas e personagens infantis no conto do Irmãozinho e Irmãzinha (O Gamo Encantado), considerando o conceito de drama desenvolvido por Vygotsky e de dialogia, desenvolvido por Bakhtin. Essas personagens são, sobretudo, objetos semióticos que condensam imagens nem sempre remetentes ao visível, mas que provocam associações que emergem de experiências socioculturais.

A tradução que será tomada para análise é da tradutora Iside Bonini (1961). Trata-se de um conto melódico, com um enredo e personagens surpreendentes. que podem de certo modo trazer o “real” da condição humana. Em Bakhtin essa é por excelência a função da literatura.

A narrativa inicia-se com uma provocação por meio da tentativa de diálogo com o texto e com a temática deste estudo, contribuindo para a possível identificação com o problema das personagens, ou seja, a condição de orfandade e maus tratos.

As ações das personagens no conto não são lineares, o decorrer do tempo não é detalhado, já que não é mencionada a sucessão dos anos e sua percepção é subentendida por meio de expressões que anunciam a passagem da irmãzinha para a mocidade, por exemplo; ficando claro apenas que os acontecimentos situam-se num tempo distante; mas esse elemento é de suma relevância para a solução dos conflitos das personagens. O interlocutor/leitor pode significar o conto a partir das informações dadas pelo narrador e também pelas indeterminações propostas. A imaginação do leitor complementa o sentido do que é proposto e também do que é suprimido.

Essas observações podem ser traduzidas nos conceitos de cronotopia e exotopia trazidos por Bakhtin. Ambos os conceitos tratam da relação espaço e tempo. O conceito de cronotopo está relacionado ao que Bakhtin denomina de “grande temporalidade”. Enquanto o espaço é social, o tempo é histórico, pois é a dimensão do movimento no campo das transformações e dos acontecimentos. A concepção de tempo para Bakhtin traz consigo uma concepção de homem.

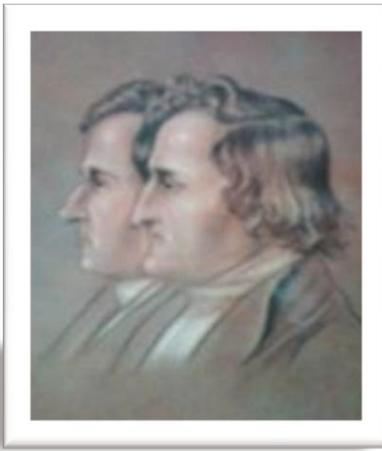
Assim, a cada nova temporalidade corresponde um novo homem. Cada cronotopo pode incluir outros cronotopos. Um exemplo disso é o cronotopo da floresta em que as personagens do conto adentram, que inclui o cronotopo do encontro com a madrasta e com o rei.

Nesse capítulo, trago a transcrição literal do conto de Bonini (1961) e, para analisá-lo, divido-o em três categorias: a) Mãe, Madrasta b) Floresta: o tempo e o espaço da infância c) Personagens em mudança. Ao tomar as personagens para análise, penetro nas suas afirmações, empenhando-me em significar suas ações, os valores e sentidos que os enunciados deixam entrever. É um modo de avaliar a palavra que ecoa no conto e as impressões causadas pelas personagens.

Para proceder à análise do terceiro capítulo, apresento três categorias: a) As imagens da mulher, mãe, madrasta, maternidade; b) As condições das crianças: abandono e resistência; c) Os sentidos do abandono e de ser órfão ontem e hoje.

Por fim, apresento algumas reflexões e considerações sobre o estudo realizado: Na trilha do conto... textos e contextos, apontando algumas indagações e contribuições para pesquisas futuras. Discuto ideias e pressupostos, na tentativa de compreender o abandono a partir de uma contextualização histórica e de algumas polêmicas persistentes na contemporaneidade. Desdobrada essa problematização, há muitas outras hipóteses que podem instigar novos estudos sobre a temática em questão.

Os temas que constituem os contos apontam para questões contemporâneas da condição humana, mostram posições e papéis sociais, lugares de poder, relações familiares; deixam entrever concepções de maternidades, de infâncias; circunstâncias como a orfandade, o abandono, os maus tratos. Esses temas encontram-se entrecruzados com a história da infância mobilizando sentidos sobre a relação assimétrica entre adulto e criança e as complexas relações do cotidiano.



As grandes obras da literatura são preparadas por séculos; na época de sua criação colhem-se apenas os frutos maduros do longo e complexo processo de amadurecimento. Quando tentamos interpretar e explicar uma obra apenas a partir das condições de sua época, apenas das condições de sua época mais próxima nunca penetramos nas profundezas dos seus sentidos. O fechamento de uma época não permite compreender a vida futura da obra nos séculos subseqüentes; essa vida apresenta um paradoxo qualquer. (BAKHTIN, 2006, p.362).

1. EM BUSCA DOS IRMÃOS GRIMM

Os irmãos Grimm, escritores do Romantismo, possuem uma tradição francesa. Os seus contos também desfrutaram de influências italianas, célticas, eslavas. Nos primeiros anos do século XIX, o Romantismo incorporou outros movimentos conhecidos por um grupo *Heidelberg* e o nascimento da chamada Escola Histórica fundada por Savigny⁹. Mais especificamente, é nesses movimentos que ocorre a formação acadêmica dos Grimm, pois as principais influências sobre eles partiam da escola de Savigny, que se fundamentava na ideia de que o processo histórico não deve ser produto de uma atividade consciente e intencional do indivíduo e sim considerado um organismo dotado de vida própria que se desenvolve em virtude de forças que transcendem à razão. Este princípio não é a matriz, mas sim a formulação especial do culto que os românticos faziam a quanto a história tem de irracional, de misterioso, de original e primitivo. (VALENTI, 1957)¹⁰.

Savigny os acompanhou por toda vida, estabelecendo assim relações estreitas de amizade. Há indícios de que os preceitos educacionais recebidos de Friedrich Carl Savigny deram a eles suporte para que desenvolvessem um método de composição de seus contos.

Jacob Ludwig Karl Grimm publicou uma obra em homenagem a Savigny em 1828: *Deutsche Rechtsalter Tümer*, em que estudava as leis de seu país, dando ênfase ao direito comum e, de modo especial, ao direito popular. “Este último frequentemente encontrado não só nos ritos e usos, como também nos provérbios, nos enigmas ou adivinhações etc.” (Notas bibliográficas extraídas da Edição: GRIMM – *Le fiabe Del focolare*. Einaudi, Turim, 1954). Este volume pode se configurar como a *Grammatik* em que são lançadas as bases da “ciência da antiguidade alemã”, à qual, alguns anos mais tarde, em 1835, Jacob dedicou a *Deutsh Mythologia*.

Os irmãos Grimm têm a sua infância e adolescência vividas em Hanau, distrito de

⁹ Órfão aos treze anos de idade, Savigny foi criado por um tutor até que, em 1795, entrou para a Universidade de Marburg para estudar Direito, onde teve como professores Anton Bauer, um dos mais notáveis pioneiros da reforma do Direito Penal alemão, e Philipp Friedrich Weiss, destacado por seu conhecimento em Direito Medieval. Entre seus alunos estavam os Irmãos Grimm, sobre cujas posteriores carreiras o professor exerceu grande influência. Savigny buscou provar que, no Direito romano, posse tem sempre relação com “usucapião” ou com “interdições”; que não há um direito à continuidade da posse, mas apenas para a imunidade da interferência; a posse está baseada na consciência do poder ilimitado. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Carl_von_Savigny, acesso em 27 mai.2009.

¹⁰ VALENTI, E. (1957). Eduardo é autor do prólogo e revisor dos *Cuentos Completos de Los Hermanos Grimm*, traduzido por *Francisco Payarols*.

Hessen-Cassel (1785/86-1790), onde seus pais trabalhavam. Depois, até 1798, viveram em Steinau, num domicílio que pertencia à família dos Grimm. Quando o pai faleceu, deixou a esposa e os seis filhos menores em condições precárias.

A residência em que moravam pertencia à mãe, tornando-se posteriormente domicílio de Jacob e Wilhelm em 1798. Contudo, no informativo trazido do Arquivo dos Irmãos Grimm em Kassel, diz-se que até 1829 os dois irmãos moravam com os parentes e ali criavam suas coleções e trabalhos.

Em Hanau receberam os seus primeiros ensinamentos escolares por intermédio de sua tia paterna e do seu avô materno. A tia ocupava o posto de dama de companhia de uma pessoa da Corte, encaminhando as crianças da família Grimm para uma modesta escola pública em Kassel e mais tarde para Malburg. (ÁLVAREZ, 1967). Num informativo adquirido no Arquivo dos Irmãos Grimm¹¹, conta-se que a tia deles (Henriete Phillippine Zimer) era uma senhora à espera do título de Condessa Hessiana, que tomava conta dos Grimm e também os sustentava, além de trabalhar numa escola preparatória para ingresso em universidades chamada *Lyceum Friderician*. No volume I da coleção de 1961, traduzida por Bonini, a informação é de que os irmãos Grimm foram encaminhados pelo pai para frequentarem cursos com Savigny, com quem aprenderam o método da pesquisa científica.

Em suas memórias, os irmãos Grimm descreveram suas impressões sobre suas infâncias na cidade em que nasceram, a qual foi influenciada pelos *huguenotes* (franceses protestantes). O cenário idílico influenciou suas atitudes em relação à natureza. Em Steinau, os irmãos Grimm receberam ensinamentos do diretor da escola de Zinkhan.

Não encontrei nenhuma descrição sobre a mãe dos irmãos Grimm, a não ser a revelação de seu nome de solteira (Dorothea Zimmer) e de sua cidade natal: Kassel. No entanto, trago uma ilustração realizada por um dos seus filhos, Ludwig Emil Grimm, em Kassel, 1806, que a retrata cuidando de um dos filhos menores. Ludwig Emil Grimm consagrou-se como escultor e desenhista.

¹¹ THE BROTHERS GRIMM. Life and Work Brief Guide to the Exhibition. – Museum of de Brothers Grimm. Archives, Library, Administration. Kassel, 2005.

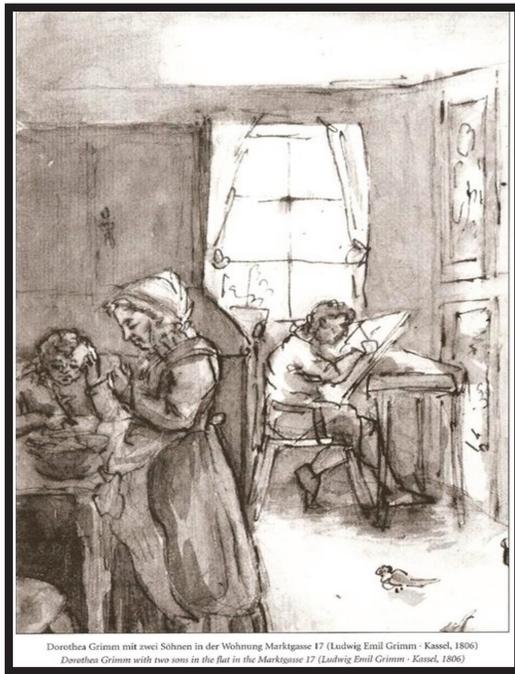


Figura 2. Ilustração de Ludwig Emil Grimm, 1806

Fonte: Acervo da Doutoranda. Postal adquirido no Arquivo da Biblioteca dos Irmãos Grimm em Kassel (2010)

1.1 Irmãos Grimm: Do ingresso no curso de Direito à docência na Universidade de Gottingen

Em 1802 Jacob Ludwig Karl Grimm ingressou no curso de Direito na Universidade do Estado de Hessen em Malburg, e seu irmão, Wilhelm Carl Grimm, o seguiu em 1803. Para a criação do estado de Hessen em 1945, foram reunidas a província de Hessen-Darmstadt e uma parte do antigo território prussiano. Hessen foi descrita pelo Dr. Bernhard Lauer (2010) como sendo um país independente.

As pessoas que nasciam nas cidades perto de Frankfurt e tinham de cruzar fronteiras teriam de ter visto (autorização) dentro da própria Alemanha. Kassel era a capital do grande Estado independente de Hessen naquela época. A construção de Hessen está relacionada à chegada dos refugiados protestantes da França. Os principais prédios desta região [Kassel] foram construídos pelos refugiados que se destacaram na arquitetura, ciência e economia.

A observação de Lauer (2010) sobre a topografia e características da região de Hessen e Kassel possivelmente se deve ao fato de que, durante a Segunda Guerra Mundial, cerca de 90%

dos prédios históricos de Kassel foram destruídos. A cidade, que abrigava indústrias de tanques e demais equipamentos de guerra, foi um dos principais alvos militares. Por isso, o centro da cidade teve de ser reconstruído perdendo, portanto, a maior parte da arquitetura tipicamente alemã.

A língua alemã também traz indícios sobre a sua relação com a França, pois até o início do século XIX, a Alemanha e os Estados alemães estavam ocupados pelas tropas francesas, sendo assim a vida cultural influenciada pela língua e pela cultura francesas. O movimento romântico tentava se impor no leste da Alemanha e nas raízes alemãs. Os alemães procuravam a sua identidade. As pessoas com menores recursos financeiros usavam a língua alemã, mas, incluíam palavras francesas em sua fala habitual, pois falar francês simbolizava um *status* de uma classe “superior”.

As tensões entre as classes sociais alemãs acontecem de modo diferenciado em relação à França. Nos Estados alemães, os cargos do governo eram reservados à nobreza, que desempenhava assim um papel decisivo na administração do Estado. “Sua força como classe autônoma nunca foi tão radicalmente quebrada como na França”. (ELIAS, 1994, p.53). O sistema alemão de pensamento tinha como base as Universidades, ou seja, eram meramente acadêmicos, enquanto que na França a classe média representava um papel político. Assim, os conceitos vigentes na Alemanha até depois do século XVIII tiveram influências francesas, tendo no século XIX a emergência paulatina do caráter nacional alemão, não inteiramente destituído de elementos aristocráticos assimilados pela burguesia.

Nesse contexto, os irmãos Grimm, enquanto bibliotecários e filólogos, nortearam-se pela busca do saber no que se refere às raízes da língua alemã, dos mitos e lendas remanescentes do passado, das narrativas e histórias permeadas pelo espírito e pela identidade nacionais, aspecto que merece ser ressaltado em vista das invasões napoleônicas e da derrota da Alemanha pelo exército francês em 1806.

Na tradução de Bonini (1961), em seu prefácio (Kassel, em 3 de julho de 1819), volume I, comenta-se sobre a dominação napoleônica em grande parte da Europa, que é caracterizada como um período de fertilidade no campo da cultura alemã, com crescente desenvolvimento da literatura, da arte, das ciências.

[...] uma atmosfera impregnada de lutas e esperanças, na qual um punhado de intelectuais se propunha despertar a consciência do povo, desvendando-lhe a sua grandeza através de antigas tradições, que provinham de um passado muito remoto e que constituíam uma autêntica salvaguarda da nacionalidade alemã. Dentro desta atmosfera surgiram estes contos [...]. (BONINI, 1961, vol. I, p.10).

Bernhard Lauer (2010) ressaltou a importância política dos autores para a unificação da Alemanha por meio da língua. Sob esse recorte, é possível concluir que, pelo fato de durante séculos as histórias conhecidas por diferentes povos serem transmitidas apenas oralmente, a pesquisa e o registro das histórias alemãs tradicionais pelos irmãos Grimm tornou mais fácil sua preservação

Em sua mocidade, os irmãos Grimm, além dos *Kinder-und Hausmarchen*, publicaram juntos os seguintes trabalhos: *Das Lied Von Hildebrand*, Kassel, 1812; *Lieder Der Alten Edda*, Berlim, 1815, *Der Arme Henrich Von Hertmann Von Der Que*, Berlim, 1815. De grande interesse as *Detshe Sagen*, Berlim, 1816 -1818, que contêm os fragmentos da lenda heróica germânica e que, pela elaboração dos materiais, podem ser consideradas como a continuação dos *Kinder-und Hausmarchen*. Juntos dirigiram, além disso, desde 1813 até 1816, os *Altdeutsche Warche*¹².

Jacob e Wilhelm¹³ possuíam afinidades semelhantes, mantendo as mesmas ideias e aspirações, não se separando durante toda a vida. Wilhelm possuía características mais joviais, alegre e amante da sociedade. Jacob é descrito como tendo um temperamento austero e rígido. Jacob Ludwig Karl Grimm viveu de 1785 a 1863 e Wilhelm Karl Grimm, de 1786 a 1859.

A cidade de Kassel, especialmente na segunda metade do século XVIII, apresentava um ambiente favorável ao desenvolvimento da cultura e das artes, pois eram anos de reação à invasão napoleônica e os alemães, diante dos acontecimentos, voltavam os seus olhos para o passado para

¹² Trata-se de uma revista dedicada à literatura alemã antiga, que reuniu apenas três números.

¹³ No Prólogo da Coleção de Alvarez (1969), fotocopiada no Arquivo dos Irmãos Grimm em Kassel, a autora refere-se ao irmão de Jacob, Wilhelm, como Guilherme Carlos em vários momentos, sem utilizar em momento algum o nome Wilhelm. “Los hermanos Grimm, Jacobo el científico y Guillermo el poeta”. Em outros fragmentos do texto diz: “(...) os hermanos Grimm, Jacobo Luis, em 1785 y Guillermo Carlos; em 1876 (...)”. Em uma tradução de VALENTI (1957) fotocopiada no mesmo local, o autor se refere a Wilhelm como Guilherme Carlos. No entanto, estas são as duas únicas traduções em que encontrei Wilhelm chamado de Guilherme. Nas demais traduções, ambos são chamados de: Jacob Ludwig Karl Grimm e Wilhelm Karl Grimm. Portanto, ao utilizar as informações destes autores tratarei Guilherme de Wilhelm, por entender que são a mesma pessoa, devido a outros dados coincidentes como data de nascimento e morte. Mais tarde tive a informação da revisora de textos Lara Padilha, que Guilherme é a forma latina para Wilhelm. [<http://mitoblogs.blogspot.com/2008/05/etimologia-41-o-nome-guilherme.html>]

investir no nascimento de novos propósitos patrióticos que cercavam a Alemanha. Nesse período, o eleitorado de Hessen foi reconstruído.

No fim do século XVIII, as leis e regras das comunidades religiosas da França foram modificadas e os protestantes foram expulsos do país. Os franceses protestantes (*huguenotes*) foram para Hessen e para a Prússia, onde tiveram um papel importante na economia e nos negócios. Muitos deles foram também para a Holanda e Inglaterra.

Em 1821, os irmãos Grimm ingressaram na Universidade de *Gottingen*. O caráter prático dos cursos foi uma premissa da Universidade de *Gottingen* e o ensino das línguas ocupou nela, desde o início, um lugar de relevo. Integraram-se ao programa da Universidade cadeiras que não existiam anteriormente e já eram um componente essencial da formação das academias *Adelsakademien e Ritterakademien*, fundadas sobretudo depois da Guerra de Trinta Anos. (KRAPOTH, 2007).

Os professores tinham por principal missão ensinar a língua e transmitir conhecimentos sobre as obras literárias. Dominavam o alemão como língua materna e o francês, recorrendo sempre à comparação entre as duas línguas. Contudo, a língua deveria ser entendida no contexto de uma cultura. Krapoth (2007) considera importante ressaltar as posições de *Gottingen* em relação às línguas. E complementa:

Se atentarmos nas obras de história literária que foram publicadas em *Gottingen*, reparamos que, no século XVII, uma atenção especial foi dedicada às literaturas ibero-românticas. Isto tornou-se possível graças às condições especialmente favoráveis criadas pela Biblioteca da Universidade de *Gottingen*, fundada em 1734, cuja política de aquisição de livros permitiu aos estudiosos um excelente acesso às obras dessas literaturas. (KRAPOTH, 2007, p.288).

O tempo dos irmãos Grimm em *Gottingen* terminou bruscamente, pois, em 1837, protestaram com cinco de seus colegas professores contra a constituição criada por Ernest August, o novo rei de Hanover¹⁴. Como consequência, além de perderem suas posições na

¹⁴ O grupo de professores que estavam com os irmãos Grimm foi nomeado de “*Gottingen Seven*”. Os sete acadêmicos foram expulsos da Universidade e três deles, entre eles Jacob Grimm, foram expatriados. Jacob buscou asilo no principado vizinho de Hessen, para onde pouco tempo depois seguiu o seu irmão Wilhelm. Em Hesse, os irmãos Grimm foram mais tolerados do que bem recebidos. A escritora Betina von Arnim era uma das simpatizantes do movimento político de *Gottingen*, colaborando na recolha de doações para a sobrevivência dos Irmãos Grimm. Foi também ela que organizou a mudança dos irmãos para Berlim e conseguiu que os dois recebessem um salário anual do Estado Prussiano para continuar as suas pesquisas. (ZULETA, 2010). Sobre esse fato, Oberg (2008)

Universidade, foram obrigados a abandonar o país. Sem trabalho, retornaram para Hessen, vivendo sustentados por donativos.

Recentemente (2005), foi produzido, nos Estados Unidos, um filme sobre os irmãos Grimm¹⁵. Nele, há certa imagem de que os autores eram trapaceiros e que viajavam pelas cidades da Alemanha realizando exorcismo, ganhando dinheiro, enganando as pessoas, observados pelo exército francês e posteriormente presos. Há fantasia e cenas leves de terror. Pode-se dizer que esse é um dos modos de se ver os irmãos Grimm. Nesse caso, como personagens de uma história reconstruída, interpretada, reunindo elementos que nos fazem vê-los como personagens fictícios.

1.2 Influências, trajetórias e interesses dos irmãos Grimm

Acadêmicos e políticos, trabalharam como bibliotecários e professores na University of Kingdom of Hanover. Foram para Alee (hoje Goethe-Alle) e, próximo à biblioteca, davam palestras sobre linguagem, literatura, direito e história. Em 1832, o irmão mais novo, Ludwig Emil, tornou-se professor da Academia de Artes e se casou com a filha de um pintor de nome Wilhelm Bottner. Em 1833, a única irmã deles faleceu inesperadamente.

Informa Oberg (2008) que, em 1849, morando em Berlim, Jacob fez parte da Assembleia de Gota, em favor da unidade alemã, até o momento em que foi dissolvida, quando ele decidiu abandonar a política para dedicar-se, juntamente com o seu irmão Wilhelm, às publicações e estudos de história, literatura e linguística.

Jacob e Wilhelm possuíam uma biblioteca composta por uma grande variedade de volumes, descobrindo assim a antiga literatura alemã. Tornaram-se conhecidos entre o círculo de romancistas tais quais Clemens Brentano e Achim v. Arnim. Foram estes escritores também que os levaram a coletar Poesia do Povo, Contos de Fadas e Lendas.

Em 1840, o rei da Prússia, Friedrich Wilhelm IV, convidou os irmãos Grimm para

registra: “Dois irmãos professores da Universidade de Gottingen na Alemanha, filólogos eminentes, foram destituídos de suas funções em consequência de um fato político. Jakob Ludwing Karl lecionava literatura alemã quando foi abolida a Constituição de Hanover, e por protestar contra tal ato, foi demitido do cargo que ocupava e Wilhelm Karl, que foi sub-bibliotecário em Gottingen, e mais tarde, professor nesta mesma Universidade, abandonou o magistério pelas mesmas razões que afastaram seu irmão Jakob (p. 7).”

¹⁵ THE BROTHERS Grimm. Direção: Terry Gilliam. Produção: Daniel Bobker e Charles Roven. Intérpretes: Matt Damon, Heath Ledger, Monica Belucci, Mackenzie Crook, Richard Ridings. Roteiro: Ehren Kruger. S.I.: Dimension Films, Metro Goldwyn Mayer Pictures, 2005.

participar da Academia Royal atendendo um pedido de Betinna von Arnin. Em 1841, eles se mudaram de Kassel para Berlim e trabalharam na capital da Prússia até o fim de suas vidas. Primeiro eles moraram em Lennéstrbe, mais tarde em Dorotheenstrabe e finalmente Linkstrabe, onde eles coroaram suas atividades acadêmicas com o Dicionário Alemão¹⁶, que viria a se tornar uma relíquia sagrada da linguagem e registrar o vocabulário novo usado por Luther Goethe¹⁷: A obra é inspirada na crítica que esse autor faz à pouca sabedoria dos alemães, dizendo que os homens de talento estavam dispersos pelo país.

O interesse dos irmãos Grimm por Goethe¹⁸ ao elaborar o Dicionário Alemão, incorporando a sua linguagem, talvez advenha da importância que este autor atribui à *cultura do olhar*. “Goethe via com aversão as palavras que não tinham por trás uma experiência propriamente visível” (BAKHTIN, 2006, p.227). O invisível não existia, enxergando na diversidade estática a diversidade dos tempos. Para ele, “a atualidade - tanto na natureza como na vida humana – se manifesta como uma essencial diversidade de tempos: como remanescentes relíquias dos diferentes graus e formações do passado e como embriões de um futuro mais ou menos distante.” (BAKHTIN, 2006, p. 229).

¹⁶ “O dicionário, diz Grass em um momento do livro, avançava lentamente e, da mesma forma que a construção de um país comum, era um projeto que ameaçava ficar inacabado. O objetivo deste livro era colocar os Grimm em seu contexto político. Os Grimm eram reticentes à atividade política direta, mas seu protesto contra o rei e seu trabalho linguístico e literário os punha no centro de uma corrente que buscava a unificação da Alemanha, com base na língua e na tradição cultural”. (ZULETA, 2010).

¹⁷ Os autores Alvarez (1967) e Valenti (1957) ressaltam o interesse dos Grimm por Goethe na elaboração do Dicionário Alemão.

¹⁸ Escritor alemão autor de uma gigantesca produção literária. Escreveu principalmente poesias e peças de teatro. Johann Wolfgang von Goethe nasceu em 28 de agosto de 1749 em Frankfurt am Main (sobre o rio Meno), Alemanha, e faleceu em março de 1832, aos 82 anos. Teve, de acordo com sua autobiografia, uma infância cercada de estimulação e conforto, e recursos para uma juventude boêmia e tão emocionalmente febril que algumas vezes chegou a recear perder a razão. Napoleão, ao invadir a Alemanha em 1808, quis ver o escritor, em cujo nome só era bastante citado. Goethe foi ao seu encontro no Congresso de Erfurt, e foi por ele condecorado com a grande cruz da Legião de Honra. Em 1808, Goethe publicou a primeira parte do seu longamente preparado Fausto. Nesta primeira parte, o demônio, Mefistófeles, obtém permissão nos céus para tentar Fausto, um intelectual desiludido com o mundo. Em seu gabinete, Fausto medita sobre sua existência e o sentido da vida, que não consegue desvendar; e pensa em suicídio. O demônio se apresenta e lhe propõe: acompanhá-lo em sua vida terrena, em troca de sua alma, no além. Fausto é levado a conhecer Gretchen, uma jovem angelical por quem se apaixona. Um sonífero dado à mãe da moça possibilita que Fausto passe a noite com ela e a engravide. Ao tomar conhecimento dos fatos, Valentim, irmão de Gretchen, briga com Fausto que acaba por matá-lo e fugir. Desesperada, Gretchen escuta a voz incriminadora de sua consciência e mata a criança. Mais tarde Fausto encontra Gretchen louca e encarcerada para ser executada. Seu biógrafo mais recente, Daniel Wilson, informa que Goethe, como conselheiro em Weimar, **havia recomendado por escrito a pena de morte para os casos de infanticídio** (grifo meu). Outros membros do conselho do Ducado fizeram coro com ele, resultando a condenação e execução de Anna Catharina Hoehne por esse crime, em 1783. Descrição feita pelo Doutor em Geologia e Bacharel em Filosofia, R. Q. Cobraem 24/01/200, disponível: <http://www.cobra.pages.nom.br/goethe.html>.

O olhar, para Goethe, tem em si a marca da procura, da busca, do encontro, da sensibilidade. É um olhar para o tempo histórico em movimento, para as alterações mundanas, para os espaços não vistos e construídos, para a mobilidade da natureza, para a pulsação daquilo que parece imóvel. É olhar ainda para o humano de modo refinado, buscando sinais visíveis da natureza.

Portanto, é possível pensar que Goethe também exerceu influência sobre os irmãos Grimm na composição dos seus contos. Parece-me que esta “cultura do olhar” está presente na obra dos Grimm quando descrevem florestas e personagens, pois o fazem de modo que o imaginário e o real estabelecem uma linha tênue. Há uma composição cronotópica de regiões e paisagens de Goethe em que ele procura penetrar na lógica geológica e histórica da existência do ambiente.

Os irmãos Grimm marcaram a Assembleia Erudita da língua alemã, principalmente em Frankfurt e Lubeck em 1846 e 1847, tanto pelo trabalho que desenvolviam como também pelo estilo de vida, que se caracterizava pela inserção na política, pela busca de uma identidade da língua na Alemanha, pela identificação com a linguagem oral. Em 1848, Jacob Grimm se tornou delegado da primeira Assembleia da Igreja de St. Paul em Frankfurt. Foram reconhecidos não somente como eruditos, mas também como cidadãos praticantes da política.

Foi nesse período que buscaram encontrar vestígios referentes ao passado dos povos germânicos e recorrer a algumas formas de sua poesia e lendas primitivas. “Poetas, historiadores, filólogos, sem ignorar o progresso democrático que representavam as leis francesas, participaram do movimento de resistência à ocupação napoleônica. Uma de suas táticas mais eficazes é resgatar e promover as tradições do país”. (SORIANO, 2010, p.1).

Como já dito, os autores percorreram a Alemanha para cercarem-se do povo e ouvir a sua voz por meio de relatos orais. Estavam convencidos de que os contos populares, apesar das mudanças inevitáveis sofridas ao longo do curso da transmissão oral, representavam uma forma primitiva de poesia e consideravam que a história literária da pátria seria assim conhecida.

Um das questões realizadas ao Dr. Bernhard Lauer (2010) foi sobre a forma como se deu a composição dos contos de Grimm. Ele informa que “os primeiros trabalhos dos irmãos Grimm não possuem como característica o contato com a narração oral, com o intuito de preservar a tradição alemã, mas sim estudos da tradição escandinava”. Perguntei ainda sobre a camponesa

Dorothea Viehmann e sobre a sua influência sobre os contos de Grimm.

Nesse momento da entrevista, foi possível perceber um aceno de que há controvérsias entre os estudiosos sobre a importância de Dorothea Viehmann na composição dos contos. Posteriormente, relatarei como o entrevistado afirma a autoria desses contos como sendo dos irmãos Grimm, ainda que eles tenham ouvido outras pessoas.

Contudo, ao que me parece, nos contos de Grimm, a intenção de realizar registros de uma cultura, de um dado tempo histórico é central. Há indícios de um trabalho arqueológico, histórico que busca na linguagem oral o registro de um tempo. Essa hipótese advém do modo como é descrita e contada a trajetória dos irmãos Grimm e de suas obras escritas. São consideradas como tendo um grande valor não somente pelas histórias em si, mas também porque deram início à tradição dos estudos folclóricos. O trabalho dos irmãos Grimm criou um interesse na história e na cultura germânica estabelecendo os fundamentos para a pesquisa nessas áreas.

1.3 Contos para crianças?

Os irmãos Grimm não tinham como primeiro objetivo escrever para as crianças. Ainda assim, encontramos no Volume I da Coletânea traduzida por Bonini (1961) a explicação de que o caráter da obra “não é estritamente infantil”, sem deixar de serem contos infantis, mas são de modo particular “contos caseiros, de ‘ao pé do fogo’, o que tem a equivalência de um símbolo; isto é, tem o valor social de reunir crianças e adultos na serena atmosfera familiar”. (BONINI, 1961, p.15).

Isso nos leva a problematizar a qual público se destinam os contos de Grimm. É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. No entanto, os contos de Grimm carregam controvérsias quanto ao fato de terem sido ou não escritos para crianças. A tradutora Íside Bonini traduziu, além dos contos de Grimm, livros sobre Boas maneiras no Lar, Culinária. Esse pode ser um indício do interesse da tradutora por obras para a família, assim como os contos de Grimm foram nomeados como “Contos para o Lar”. O título não exclui a criança, mas a coloca no mesmo espaço do adulto.

Machado (2010) destaca a universalidade e vizinhança dos contos com a infância.

“Desta última, decorre outra, ainda mais sutil: sua carga afetiva. Falar em contos de fadas é evocar histórias para crianças, lembranças domésticas, ambiente familiar.” (p.9). Soriano (1996) diz no prefácio da tradução dos contos de Grimm de Jahan (1996) que:

No interior do país, essas histórias faziam parte do repertório adulto, mas, devido a seu conteúdo férico, os irmãos Grimm as dedicam às crianças, legitimando, deste modo, a confusão entre os repertórios popular e infantil. Assim se explica o título escolhido: Histórias das crianças e do lar. Há uma evidente preocupação educativa por parte dos irmãos Grimm, manifesta na forma como desenvolvem determinadas características do manuscrito de 1810. Outros temas considerados imorais ou demasiadamente cruéis desaparecem. Em torno dessa preocupação educativa, que as críticas alemã, americana e francesa não deixaram de destacar, focalizaram-se as críticas dirigidas às histórias dos Grimm, que, afirmavam, supostamente fariam a apologia do conformismo e da submissão. (p.5).

A tradução de 1961 parece-me trazer indícios de que havia, sim, uma intenção dos autores em escrever para crianças. Admitem a preocupação de não dizer algo inadequado a essa faixa etária e que esse tipo de literatura poderia ser incorporada à educação infantil. Essa informação dialoga com um quadro de 1810, fotografado no interior da taverna da Sra. *Dorothea Viehmann* próxima à cidade de Baunatal. Nele, há a presença de crianças juntamente com os irmãos Grimm e a contadora de histórias, Dorothea Viehmann.

Por outro lado, era comum as crianças frequentarem os mesmo lugares que os adultos e não terem atividades específicas para elas. Mas, a partir do quadro, podemos também fazer uma relação com a entrada do Romantismo, quando o maravilhoso dos contos populares é definitivamente incorporado ao seu acervo, no caso ora estudado pelo trabalho dos irmãos Grimm, na Alemanha. Além disso, contar histórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos. Não há povo que não se orgulhe de suas histórias, tradições e lendas, pois são a expressão de sua cultura e devem ser preservadas. Concentra-se aqui a íntima relação entre a literatura e a oralidade.

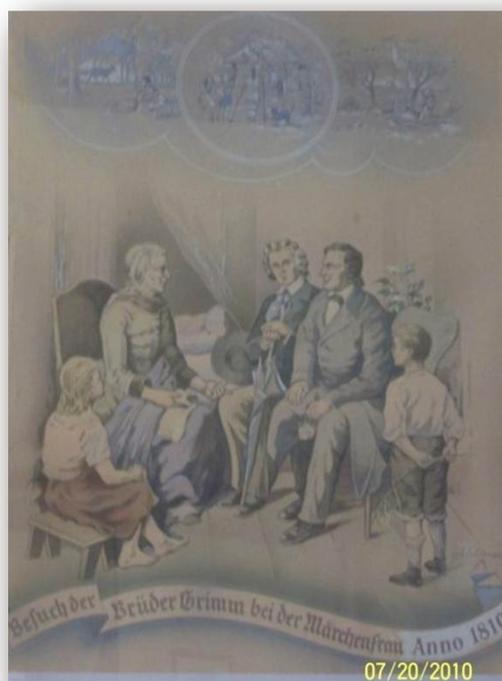


Figura 3. Pintura ilustrando os irmãos Grimm, Dorothea Viehmann e crianças

Fonte: Acervo da doutoranda. Quadro fotografado na taverna/cevejaria de Dorothea Viehmann em Baunatal (2010)

Na atualidade, esses contos, em traduções escritas e fílmicas, fazem parte do universo infantil. Tornaram-se histórias clássicas para as crianças de diversas idades. Certamente, permanecem nesse universo infantil como uma literatura de fácil acesso e frequentemente recomendada ou recontada para as crianças nas escolas e por familiares.

É reconhecida a função dos contos na construção do imaginário infantil, sendo também uma forma de as crianças se relacionarem com mundo interior e exterior, que suscita a atividade criadora, constituidora de regras de convívio com a realidade.

A criança, ao inventar uma história, seleciona os elementos de sua fabulação de experiências reais vividas anteriormente, mas a combinação desses elementos constitui algo novo. A novidade pertence à criança sem que seja mera repetição de coisas vistas ou ouvidas. Essa faculdade de compor e combinar o antigo com o novo é a base da atividade criadora humana.

1.4 Recolha dos contos: participação da Sra. Dorothea Viehmann e outros

A maior parte das “lendas” do segundo volume (BONINI, 1961) é originária da aldeia de *Niederzwehren*, perto de Kassel, em que se encontram relatos da camponesa que, segundo os irmãos Grimm, não tinha mais de 50 anos de idade, chamada *Senhora Viehmann*, que é assim descrita:

Guardava cuidadosamente na memória as velhas lendas e ela própria costumava dizer que tal dom não é de todos, e que há os que não conseguem conservar coerentemente as coisas. Narrava lentamente, com segurança e incrível vivacidade. Gostava daquilo. Primeiramente, contava de maneira bastante livre; depois, era só a gente querer, repetia tudo devagar, de tal modo que, com alguma prática, era possível acompanhá-la escrevendo. (BONINI, 1961 Volume I, p.8-9).

Essa mesma descrição sobre a camponesa encontrei em Álvarez (1967) e em Cortez (2003). No entanto, quando estive na Alemanha, na cidade de Kassel, em entrevista com Dr. Lauer, ele revelou que: “[...] havia cerca de 50 mulheres da alta sociedade que contavam histórias para os irmãos Grimm. Eram mulheres muito bem educadas que não moravam em Hessen. Somente Dorothea Viehmann era uma mulher que conectava um pouco com a agricultura e com as pessoas pobres. Ela foi definida como uma das contistas de destaque após os estudos sobre os irmãos Grimm, creio que por representar uma imagem romântica dos contos de Grimm. Isto não significa que ela é a personagem principal dos roteiros dos contos e lendas de Grimm.” (BERNHARD LAUER, 2010). E conclui: “Quando você vê um conto de fadas concreto dos irmãos Grimm, você tem fontes orais e escritas no texto final que era apresentado pelos irmãos Grimm em edição impressa. É um texto feito pelos irmãos Grimm, junto com várias fontes orais e escritas, então naturalmente eles eram usados em vários livros de contos de fadas que vieram da Itália, França, tradição céltica, tradição eslava... Eles adaptaram elementos escritos com elementos orais e o texto final não é somente um texto oral, mas sim um texto que veio dos irmãos Grimm”. (BERNHARD LAUER, 2010).

Essa parte da entrevista trouxe-me muitas reflexões sobre o modo como o entrevistado apresenta a composição dos contos de Grimm. Chamou-me a atenção o fato de ressaltar que os contos não são tão somente resultado ou influenciados pelo texto oral, mas que são escritos por eles. A outra questão também a ser ressaltada é o destaque às “mulheres muito bem educadas” que colaboravam com os irmãos Grimm e Dorothea não é citada como camponesa e sim como

uma senhora que “conectava um pouco” com a agricultura e com os pobres, atribuindo a ela o lugar de uma personagem que representa a imagem romântica dos contos de Grimm.

Essa parte da entrevista coloca-nos em diálogo com o modo como Bakhtin (2000) discute sobre a enunciação de outra pessoa. Dr Lauer (2010) assume uma posição diferenciada do que comumente os estudos sobre os irmãos Grimm trazem quanto à figura da camponesa (Sra. Dorothea). No seu discurso aparece a reação da palavra à palavra que é diferente do diálogo, nos termos descritos por Bakhtin. É possível que haja nas palavras de Dr. Lauer influência de forças sociais, tendências históricas e culturais que são transmitidas em seu discurso.

Indagado sobre o local em que poderíamos encontrar mais elementos sobre Dorothea Viehmann, e tendo a informação prévia de que em Baunatal havia uma taverna que pertenceu a ela, respondeu que eu não iria encontrar muitos elementos sobre ela. Que não considerava que seria um lugar relevante de visita para buscar mais fontes sobre os irmãos Grimm. Kassel é o local que mais reunia informações sobre os autores.

Nesse momento, pareceu-me que ele duvidava da importância da Sra. Dorothea na composição dos contos de Grimm. Identificam-se nesse ponto da entrevista o “comentário” e a “réplica”. Para Bakhtin (2000), “(...) a réplica interior e o comentário efetivo são organicamente fundidos na unidade da apreensão ativa e não são isoláveis senão de maneira abstrata”. (p. 151). Pensando nisso, é importante ressaltar que há no discurso do Dr. Lauer sentidos ideológicos expressos num discurso interior apreendido do exterior. “(...) De um lado, a enunciação, a enunciação de outrem é recolocada no contexto de comentário efetivo (que se confunde em parte com o que se chama o fundo perceptivo da palavra); na situação (interna e externa), um elo que estabelece com a expressão facial etc.” (BAKHTIN, 2000, p.151).

Tanto a réplica quanto o comentário efetivo não estão indissociados do contexto narrativo. Bakhtin (2000) defende que o “contexto narrativo” e o discurso citado propriamente dito, incluído neste contexto, fazem parte de uma “inter-relação dinâmica”, que de certa forma “reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal”.

Há uma tomada de posição por parte do Dr. Lauer (2010) e num certo sentido são afirmações dogmáticas, mas repletas de julgamentos pessoais de valor, que permitem a ele a realização de réplicas e comentários sobre o que convencionalmente está descrito nos estudos sobre os irmãos Grimm. Nesse contexto, o seu discurso é individualizado e há particularidade de

ordem histórica e cultural, de alguém que fala de um lugar favorável para interrogar as influências sobre a composição dos contos dos irmãos Grimm. Reconhece-se o elemento subjetivo no contexto de sua fala.

A outra inquietação originou-se na interpretação de que o entrevistado pareceu-me separar a relação entre as tradições orais e a escrita. Sobre isso, Maingueneau (2001) nos diz que “mesmo orais, os enunciados literários são fortemente condicionados institucionalmente. Isso se manifesta no caráter midiático de sua enunciação [...] e nem todo enunciado oral é necessariamente instável; isso depende de sua condição pragmática.” (p.87). É preciso ainda lembrar que uma literatura oral possui uma entonação, um ritmo, uma voz carregada de sentidos cuja presença, quando transportada para a escrita, não é possível garantir. Sendo assim, não se pode excluir a importância que a narrativa oral desempenha para a literatura escrita.

O ato da narração não pode, então, ser separado da história narrada. Não existem, por um lado batalhas, por outro, uma maneira de narrá-las, mas duas faces de um mesmo processo. A batalha assinala o conflito entre dois universos de valores; o entusiasmo ou a deploração do recitante são carregados por esses valores, que contribuem para unir a comunidade. O discurso ao mesmo tempo apóia-se neles e vem fortalecê-los, move-se na órbita de uma sabedoria imemorial; provérbios, lugares-comuns de todos os gêneros embelezam o texto para concentrar sua moral. (MAINGUENAU, 2001, p.91-92).

Há diferenças no sistema de literatura escrita do sistema de literatura oral. Encontram públicos diferentes e uma forma peculiar de ouvi-los e lê-los. Há sujeitos e personagens heterogêneos “que nos permitem constatar a variação dos modos de organização da narrativa tanto em função dos conteúdos como das capacidades precoces de retomada/modificação dos modelos culturais.” (FAITA, 2005, p.178). Dentro desse contexto são autores, além dos irmãos Grimm, o grupo de mulheres da alta sociedade e Dorothea Viehmann, às quais recorreram para registrar os contos e lendas.

Outro contraponto pode ser analisado à luz de Bakhtin. Para encontrarmos o autor de uma obra não é suficiente buscarmos na vida do autor acontecimentos que se liguem de forma mecânica a um ou outro elemento da obra, mas atentar para todos os elementos presentes na obra em relação com a unidade tensa e ativa do todo da obra, unidade da qual é agente o autor. O autor “é participante do acontecimento artístico”. Não há uma passagem mecânica de pontos de vista e da vida do autor-pessoa para os trabalhos estéticos do autor.

Visitei a taverna/cevejaria de Dorothea Viehmann localizada num campo próximo à cidade de Baunatal. O local onde funciona esta cervejaria é a casa da Sra. Dorothea que foi restaurada. Esta cervejaria existe há muitos anos no topo dos morros de Kanalhutte Hill. Ali mesmo, em 1755, nasceu Dorothea Viehmann, filha de um camponês. Na infância, Dorothea frequentava a taverna da cervejaria de seus pais. No jornal da cervejaria e no rodapé do cardápio dizia-se que Dorothea Viehmann ouvia viajantes, que eram mercadores, vendedores e carroceiros vindos de Hessen que paravam em Kanalhutte para contar histórias e lendas. Ela guardou estas histórias em sua memória.

Em 1777, casou-se com o alfaiate Nikolaus Viehmann de Niedierzwehren. Mais tarde, no ano de 1814, Dorothea Viehmann narrou suas histórias aos irmãos Grimm. Segundo o jornal da cervejaria, “Dorothea Viehmann se tornou a mais importante e confiável fonte de recursos para os Contos de Fadas”

Abaixo trago a imagem da estátua da Sra. Dorothea e os irmãos Grimm juntos. Enquanto Dorothea narra, Jacob está com um caderno e caneta nas mãos, fazendo anotações. Logo abaixo estão também as inscrições que acompanhavam as estátuas.



Figura 4. Estátuas dos irmãos Grimm e da Sra. Viehmann

Fonte: Acervo da Doutoranda. Fotografadas numa praça na entrada da cidade Baunatal (2010).



Figura 5. Incrições sob estátuas dos irmãos Grimm e da Sra. Viehmann

Fonte: Acervo da Doutoranda. Fotografadas numa praça na entrada da cidade Baunatal (2010)



Figura 6. Entrada externa da taverna/cervejaria com a figura de Dorothea Viehmann, em Baunatal (2010)

Fonte: Acervo da Doutoranda

É relevante ainda dizer que, de acordo com as informações recebidas na taverna/cervejaria, o pai de Dorothea era um refugiado francês e a sua mãe, alemã, o que permite considerar a influência dos contos franceses nas narrações de Dorothea. Em seguida temos a ilustração da entrada e parte interna da Cervejaria.



Figura 7. Entrada interna da Cervejaria com a estátua de barro da Sra. Dorothea (2010)

Fonte: Acervo da Doutoranda



Figura 8. Interior da Taverna/ Cervejaria

Fonte: Acervo da Doutoranda

Como dito, a Sra. Dorothea Viehmann, citada nos estudos de Grimm e nos prefácios, introdução e prólogos de traduções, é caracterizada como uma camponesa de maior importância para a elaboração dos contos de Grimm. Em seu estudo, Cortez (2003) menciona que há 15 contos do segundo volume dos *Kinder-und Hausmarchen* que se devem à Sra. Dorothea Viehmann. E acrescenta:

(...) o perfil quase encantatório com que Wilhelm Grimm apresenta a Senhora Viehmann no prefácio do segundo volume (KHM 1815 e KHM 1819) e, mais ainda, o seu retrato a água-forte, da autoria de Ludwing Emil Grimm, que figura no frontispício deste mesmo volume a partir da edição de 1819, celebrizaram-na como o tipo ideal de contadora de histórias. (CORTEZ, 2003, p. 98).



Figura 9. Retrato de Dorothea Viehmann por Ludwing Emil Grimm

Fonte: Os Contos de Grimm em Portugal, de Maria Teresa Cortez (2001, p.99).

Outra controvérsia encontrada foi sobre a quantidade de contos que são considerados como advindos dos relatos de Dorothea Viehmann. Cortez (2003) atribui a ela 15 contos que foram registrados pelos irmãos Grimm; no prefácio da coleção de Bonini (1961), afirma-se que o volume II é exclusivamente composto por contos relatados por ela sem nenhuma alteração, o que perfaz um total de 30 contos. A autora não descarta que os outros sete volumes possuem também relatos da contadora de histórias, mas que foram alteradas pelos irmãos Grimm. Na taverna, também foi possível perceber que não são atribuídos a ela todos os contos de Grimm, mas ressaltam que há quinze contos que são exclusivamente dela e que são recontados lá por uma atriz às terças-feiras.

Podemos ainda compreender o quanto a história produzida é descontínua. Em Bakhtin, a história tem como noção central a possibilidade de visitar, refazer ou fazer de outra forma o que já está constituído. Enquanto inseridos no contexto socioeconômico de uma sociedade, as pessoas podem construir sua existência e, em decorrência, sua produtividade cultural. Descontínuo devido ao fato de que é a linguagem que cria e recria o mundo histórico. A história é móvel, é tanto memória do passado quanto memória do futuro. A cada novo acontecimento, a cada nova produção ideológica a história se recompõe e atualiza-se.

Com essas informações, é possível dizer que há uma pluralidade de vozes e consciências independentes e inconfundíveis, de autêntica polifonia, que torna a obra dos Grimm um misto de intenções artísticas, políticas, literárias, linguísticas, folclóricas. Penso que os irmãos Grimm

trabalharam na tensão entre a ciência e a poesia. Esses conceitos parecem distintos, para não dizer antagônicos, para quem sabe definir outros caminhos e vislumbrar outras fronteiras para a ciência, o conhecimento, a literatura.

Herder¹⁹ é um dos precursores do Romantismo e compatriota dos irmãos Grimm. Herder havia sido o primeiro (1777) a chamar a atenção para a importância histórica dos contos alemães, que, para ele, eram o resultado das crenças imaginativas e da potência imaginativa do povo. Sendo assim, é também com esse autor que, no caso específico da literatura alemã, as criações veiculadas à transmissão oral começam a despertar interesse no século XVIII. (VALENTI, 1957).

Valenti (1957), autor do prólogo e revisor dos *Cuentos Completos de Los Hermanos Grimm*, traduzido por Francisco Payarols, diz que os livros populares grosseiramente escritos e com impressões ruins não sabiam captar o espírito da narração oral e alguns escritores sequer descobriram qual era o ponto essencial de cada relato, como o faziam os irmãos Grimm. Somente quando o autor estava dotado de sensibilidade é que não resistia à tentação de intercalar suas próprias invenções e adaptar os materiais de publicações estrangeiras similares, mesclando assim o genuíno com o espúrio, o nacional com o exótico.

O autor supracitado evidencia a obra dos Grimm por ter sido transcrita dos “lábios das pessoas conhecidas” e acrescenta mais uma fonte que os autores utilizaram: a família de Werner Von Haxthausen, além da Sra. Dorothea Viehmann (1957).

Analisando o estilo literário dos irmãos Grimm, ele destaca o empenho dos autores em

¹⁹ “Johann Gottfried Herder, escritor alemão, crítico literário e clérigo, nasceu em 1744 em Mohrungen na Prússia oriental, - atual Morag, a cerca de 100 km. a sudeste de Gdansk, Polônia -, e faleceu em Weimar em 1803. Teve uma infância pobre. Estudou teologia em Königsberg onde absorveu a filosofia de Kant. Chamou a atenção dos intelectuais alemães em um encontro em Riga, com o seu *Fragmente über die neuere deutsche Literatur* (“Fragmentos sobre a nova literatura alemã”) publicado em 1767, com o qual praticamente lançou os fundamentos do movimento literário alemão *Sturm und Drang* (“Tempestade e impetuosidade”), de cunho nacionalista, que ganhou força por volta de 1770. Goethe, que foi seu aluno em Strasburg, tornou-se seu amigo e seu seguidor no citado movimento. Herder publicou em 1772 um de seus trabalhos mais notáveis, *Über den Ursprung der Sprache* (“Sobre a origem da linguagem”). Nesse tratado, ele sustenta que a linguagem e a poesia são necessidades espontâneas da natureza humana, mais que dons especiais. Em 1773 reuniu textos de canções populares de toda a Europa em seu *Volklieder*, publicado de 1778-79, e fez um ensaio sobre o fortemente expressivo teatro de Shakespeare. Em sua valorização do nacionalismo foi mais longe, estendendo-a a uma interpretação da História em *Ideen zur Philosophie der Geschichte der Menschheit* (“Idéia sobre a filosofia da história da humanidade”). Por influência de Goethe foi nomeado pregador da corte em Weimar, em 1776, e foi, juntamente com Goethe, membro de uma sociedade secreta, os *Illuminati*. Fundada por um professor leigo de teologia da universidade de Ingolstadt, a partir de 1780 é conhecida como “Maçonaria Iluminada”; ganhou grande prestígio entre nobres e intelectuais na Europa, sendo extinta pelo clamor público, bula papal e, principalmente, interferência do governo da Bavária, que instituiu em 1787 pena de morte para os membros renitentes”. Disponível em: <<http://www.cobra.pages.nom.br/fc-herder.html>>. Acesso em 02/08/2011.

manterem-se fiéis à originalidade e à beleza da língua popular, incluindo em sua obra contos medievais, franceses e latinos em prosa e em verso. Assinala elementos mágicos, a incorporação de crenças e superstições, a utilização do simbolismo dos números e resalta entre outras coisas o humor, matizado pela relação entre o bem e o mal. Para ele, os contos de Grimm possuem ainda uma prosa artística com tendências alegorizantes que, em geral, servem para expressar em particular as coisas concretas e estilizadas, para expressar abstrações.

No entanto, segundo Bakhtin, o estilo traz consigo a avaliação do autor e uma possibilidade de relação com o interlocutor. Isso significa que o estilo está relacionado a um querer dizer do locutor, que ganha forma, que define seus limites sob as condições de interlocução. Trata-se de um acabamento que é estético e provisório, sempre aberto a novos sentidos por estar imerso em condições sócio-históricas.

1.5 Reencontro com os irmãos Grimm

Dizer “Quem são os irmãos Grimm?” é não somente perguntar sobre a época em que os seus contos foram escritos, mas é adentrar na sua vida, na sua origem. É ir ao encontro daquele que lê os irmãos Grimm, traduz de diferentes modos e em diferentes línguas, portanto trazendo também as marcas de sua cultura. É olhar para o que está visivelmente impresso, como está impresso, de que modo e onde circula a palavra escrita. Em cada época, um autor e uma obra ganham ou perdem elementos que lhes são próprios. Ganham significados e sentidos que superam o próprio ato de criação. Como afirma Bakhtin (2006), “os autores são prisioneiros de sua época, de sua atualidade”. Os tempos posteriores os libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-los nessa libertação.

Romancistas e folcloristas, políticos e acadêmicos, cientistas e literatos, historiadores, filólogos e reinventores da palavra do outro e de sua própria palavra. Viventes da língua como expressão da totalidade concreta, viva, em seu uso real, com a propriedade de ser dialógica. No estreito diálogo com as pessoas de seu tempo, da alta sociedade ou não, trouxeram para os contos um mundo interior ou exterior, contestando, avaliando, iluminando-se pelas palavras alheias.



Figura 10. Estátua próxima à residência dos irmãos Grimm

Fonte: Acervo da doutoranda. Fotografia tirada em Kassel (2010).



Figura 11. Fotografia tirada em Kassel (2010)

Fonte: Acervo da doutoranda

A imagem do quadro na taverna/cevejeria, de 1810, traz a presença de crianças. Na sua origem, e até por volta do século XVII, os “contos de fadas” se destinavam menos às crianças que à população adulta, como foi problematizado anteriormente. Bernhard Lauer (2010), sobre esse assunto, responde:

Na Inglaterra, foi impressa uma edição de contos de fada com uma seleção de mais ou menos 30 textos especialmente para crianças. Quando essa edição saiu, um dos editores dos irmãos Grimm teve a ideia de fazer uma seleção somente para crianças que foi lançada em 1825 com 50 textos selecionados especialmente para crianças, mas o trabalho dos irmãos Grimm foi criticado porque o povo não pensava que as histórias eram para crianças. Eram histórias interessantes, mas contadas de forma complexa. Somente no final do século XIX, as escolas e creches começaram a contar essas histórias para as crianças. Foi criado o interesse por histórias de criança, contos de fada. Somente depois da morte dos irmãos Grimm as histórias, não somente na Alemanha, mas em

outros países, tornaram-se uma parte permanente na educação das crianças. De 1700 a 1880, no final do século XIX, foi fundado um movimento pedagógico na Alemanha que se concentrou na educação básica de crianças com histórias selecionadas dos irmãos Grimm. Depois disso e até hoje em dia, contos de fada são permanentes e muito valorizados em algumas partes da educação na Alemanha e também em outros países. [...] Em 1968, houve uma rebelião de estudantes, um movimento contra os contos de fada dos irmãos Grimm. A pedagogia estava concentrada nos irmãos Grimm. Existem tempos que as pessoas pensam que contos de fada não são para crianças, e há tempos em que todos adoram.

Foi a partir, principalmente, dos estudos de Philippe Ariès²⁰ que a infância passou a ser compreendida como uma construção histórica e cultural e não mais como uma simples fase natural, universal e homogênea. Ou seja: cada sociedade, em cada tempo histórico atribui determinados significados à fase inicial da vida humana. Nesse sentido, não se está negando que todas as pessoas passem por essa etapa, nem dizendo que existam adultos que não foram crianças. A contribuição que o autor traz é a compreensão de que ser criança na Alemanha, no séc. XIX, por exemplo, é diferente de ser criança no Brasil nos dias de hoje. Além disso, ser uma criança de classe média e de classes populares hoje pode representar vivências, hábitos, valores muito diferentes. Logo, as especificidades da infância variam de acordo com a relação entre elas e os adultos e não se apresentam de maneira uniforme em todas as épocas históricas. Questões relativas à infância só podem ser compreendidas em relação à estrutura da sociedade e à análise do comportamento adulto em relação às crianças.

Há uma diversidade de linguagens, línguas, vozes individuais e coletivas que expressam uma existência histórica, estabelecem correlações dialogizadas que desvendam de certa forma o estilo utilizado pelos irmãos Grimm. Esses contos nasceram e foram elaborados por forças-históricas; mobilizaram e mobilizam interpretações sobre a concepção de infância e podem ser tomados ora como instrumentos de dominação e ora como instrumentos de transgressão, de imaginação, de relação entre a fantasia e o real.

²⁰ Importante historiador e medievalista francês da família e infância, no estilo de Georges Duby. Ariès escreveu vários livros sobre a vida diária comum. No seu trabalho *A história Social da Criança e da Família*, Ariès demonstra que o surgimento de um discurso sobre a infância está vinculado à emergência da percepção da especificidade do infantil na modernidade.

Os contos dos Grimm perpassam por questões sociais, possuem méritos artísticos, constituem um ato criador, possuem uma contraposição de sentimentos e podem evocar no leitor certo número de lembranças ou aplicações a casos possíveis ou semelhantes. Contudo, aproximar a temática dos contos à temática da vida exige um movimento que implica em “afastar-se” do real e trazê-lo de volta por meio do imaginário, para que possamos refletir sobre as metáforas, os significados e sentidos que aparecem nos contos. A lógica de um conto não implica em fidelidade ao real, mas coloca em jogo alguns elementos que nos vêm à memória, por tratar de certa essência do humano e traduzir necessidades, angústias de desejos.

2. IRMÃOZIRHO E IRMÃZIRHA (O GAME QRCARTADO)

O IRMÃOZIRHO, pegando a irmãzinha pela mão disse:

— Desde que nossa mãe morreu, nunca mais tivemos uma hora feliz: nossa madrasta nos espanca todos os dias e, quando chegamos perto dela, nos enxota a pontapés. Nosso único alimento são as côdeas duras de pão; trata melhor o cachorrinho debaixo da mesa, pelo menos ela lhe dá, de vez em quando, algum bocado bem bom. Meu Deus, se nossa mãe soubesse! Vem, vamos embora daqui, vamos por esse mundo afora.

Foram andando e caminharam o dia inteiro, percorrendo prados, campos, caminhos pedregosos. De repente, começou a chover, a irmãzinha disse:

— Deus e os nossos corações estão chorando juntos.

Ao anoitecer, chegaram a uma grande floresta; estavam tão cansados de chorar e de andar que resolveram entrar na cavidade de uma velha árvore oca e aí adormeceram.

Na manhã seguinte, quando despertaram, o sol já estava no céu e seus raios ardentes penetravam na cavidade da árvore. Então o irmãozinho disse:

— Estou com sede, irmãzinha; se descobrisse alguma fonte por aí, iria beber um pouco; aliás parece-me ouvir um murmúrio de água a correr! Levantou-se, pegou a irmãzinha pela mão e saíram ambos à procura da fonte. Mas, a perversa madrasta, que era uma bruxa ruim, vira os meninos irem-se embora; seguiu-os ocultamente, mesmo como fazem as bruxas e enfeitiçou os mananciais da floresta. Quando os meninos encontraram o regato de água, que corria cintilante sobre as pedras, o irmãozinho precipitou-se para beber; mas a irmãzinha ouviu o murmúrio d'água que dizia:

— Quem beber desta água transformar-se-á em tigre.

— Peço-te, querido irmãozinho, que não bebas desta água, — disse ela — senão te transformarás em fera e me devorarás.

O irmãozinho não bebeu, apesar da grande sede que tinha, e disse:

— Esperarei até encontrar outra fonte.

Quando, porém, chegaram à outra fonte, a irmãzinha ouviu-a dizer:

— Quem beber desta água transformar-se-á em lobo.

— Não bebas, querido irmãozinho, — suplicou a irmãzinha — senão te transformarás em lobo e me devorarás.

O irmãozinho não bebeu, mas disse:

— Esperarei até encontrar a terceira fonte; aí então beberei, digas o que me disseres, pois não resisto mais de tanta sede.

Quando chegaram à terceira fonte, a irmãzinha ouviu-a murmurar:

— Quem beber dessa água transformar-se-á num gamozinho.

A irmãzinha tornou a pedir:

— Oh meu irmãozinho, peço-te, não bebas desta água, senão te transformarás num gamozinho e fugirás de mim.

Mas o gamozinho já estava ajoelhado junto a água e bebeu, porque sentia grande sede.

Mal tinha sorvido os primeiros goles, eis que se transformou num pequeno gamo.

A irmãzinha então chorou muito ao ver seu irmãozinho transformado em gamo e este chorou com ela achegando-lhe muito acabrunhado ao seu lado. Por fim, a menina disse:

— Tranqüiliza-te, meu querido gamozinho, eu jamais te abandonarei.

Desprendeu-se da perna sua liga dourada e atou-a ao pescoço do gamo; colheu alguns juncos e com eles trançou um corcel com o qual prendeu o animalzinho; depois internaram-se ambos na floresta.

Andaram, andaram, andaram, e por fim descobriram uma casinha; a menina espiou dentro viu que estava vazia, e resolveu: "Ficaremos morando aqui". Juntou folhas e musgo e fez uma caminha macia para o gamozinho e tôdas as manhãs saía cedo para colher raízes, amoras e nozes para seu sustento e para o gamozinho colhia a erva mais tenra que ele vinha comer alegremente em suas mãozinhas, saltando e dando mil cabriolas a seu lado. À noite, cansada das labutas diárias, irmãzinha rezava suas orações, depois reclitava sua cabeça no dorso do gamozinho e nesse travesseiro adormecia sossegada. Se o irmão obtivesse a sua figura humana, a vida ali seria maravilhosa.

Bastante tempo viveram assim sozinhos na floresta, mas, deu-se o caso que o rei organizou uma grande caçada; então ressoaram as trompas por entre o arvoredo, o latido dos cães, os gritos alegres dos caçadores, e o gamozinho ouvindo esse tropel, pensou no prazer que teria em participar daquele divertimento.

— Ah, — disse ele à irmãzinha — deixe-me tomar parte da caçada! Não resisto a vontade de ir ter com um deles.

Tanto implorou que ela teve de consentir, mas disse-lhe:

Deves voltar, à tarde eu fecharei a porta por causa dos caçadores; ao bater, para que te reconheça, deves dizer:

"Deixa-me entrar, minha irmãzinha", se não disseres isso, não abrirei.

— Deves voltar, à tarde eu fecharei a porta por causa dos caçadores; ao bater, para que te reconheça, deves dizer:

"Deixa-me entrar, minha irmãzinha", se não disseres isso, não abrirei.

o gamozinho escapuliu bem depressa, satisfeito e feliz por encontrar-te ao ar livre. o rei e os caçadores vendo o lindo animalzinho, saíram em sua perseguição, mas não conseguiram alcançá-lo, pois quando contavam agarrá-lo, de um salto ele desapareceu por trás das moitas. Assim que anoiteceu, correu para casa, bateu à porta e disse:

— Deixe-me entrar minha irmãzinha!

Então, a porta abriu-se; ele pulou para dentro e dormiu tranquilamente, a noite toda, no seu fofo leito. No dia seguinte teve prosseguimento a caçada; quando o gamozinho ouviu as trompas de caça e os oh, oh, dos caçadores, não pode conter-se e disse:

— Abre-me a porta, irmãzinha, tenho que sair.

A irmãzinha abriu e tornou a dizer:

— Tens, porém, que voltar à tarde e pronunciar a senha.

Assim que o rei os caçadores tornaram a ver o gamozinho com a coleira de ouro, deitaram a persegui-lo, mas ele era muito ágil e esperto. A perseguição durou o dia todo, até que afinal, ao entardecer, os caçadores conseguiram cercá-lo e um deles feriu-o no pé. O pobre gamozinho, mancando muito, conseguiu fugir mas menos depressa. Um dos caçadores seguiu-o cautelosamente e viu-o chegar à casinha e chamar:

— Deixa-me entrar, minha irmãzinha!

A porta abriu-se e fechou-se rapidamente. O caçador vendo isso, guardou tudo na memória e foi contar ao rei o que vira e ouvira.

— Amanhã, — disse o rei — voltaremos a caçar outra vez.

Entretanto, a irmãzinha assustar-se terrivelmente quando viu o gamozinho ferido. Lavou-lhe o ferimento e aplicou-lhe logo algumas ervas, dizendo:

— Agora vai deitar-te, meu querido gamozinho para sarar bem depressa. O ferimento porém, era tão insignificante que na manhã seguinte o gamozinho não tinha mais nada.

Ouvindo novamente a algazarra dos caçadores, exclamou:

— Não resisto ficar aqui, tenho de ir logo para lá; desta vez não me pegarão facilmente.

A irmãzinha, chorando, dizia-lhe:

— Desta vez te matarão, eu, ficarei sozinha nesta floresta, abandonada por todos, não te deixarei ir. — se não for morrerei de tristeza, — lamentava-se o gamo — quando ouço a trompa da caça, não posso conter-me dentro da pele!

A irmãzinha não teve outro remédio senão abrir-lhe a porta, embora com o coração cheio de angústia. O gamo, alegre e feliz disparou rumo à floresta. Assim que o rei o viu, ordenou aos caçadores:

— Podeis segui-lo, o dia todo, mas proíbo que se lhe faça o menor mal. Logo que o sol se escondeu, disse o rei ao caçador:

— Vem mostra-me a casinha na floresta.

Quando chegaram diante da porta, o rei bateu dizendo:

— Deixe-me entrar, minha irmãzinha!

Então a porta se abriu e o rei entrou; lá dentro, deparou com uma jovem tão linda como jamais vira. A jovem assustou-se quando viu entrar, não o seu querido gamozinho, mas um homem estranho, com uma coroa de rei na cabeça. Entretanto, o rei contemplava-a com tanta doçura e meiguice, quando lhe estendeu a mão dizendo:

— Queres vir comigo para o meu castelo e ser minha esposa?

Ela respondeu contente:

— Oh, sim! Mas quero que o meu gamozinho me acompanhe, pois nunca me separei dele.

— Ficará sempre contigo, — prometeu o rei — e enquanto viveres nada lhe faltará.

Risso, chegou o gamo fazendo suas cabriolas; a irmãzinha prendeu-o com o cordel de junco, segurando-o com suas mãos, depois saíram todos da casinha da floresta.

O rei fê-la montar em seu cavalo e conduziu-a ao castelo onde pouco depois, realizaram as boas com intenso júbilo e grandes pompas. Assim ela tornou-se Sua Majestade a Rainha, e juntos iam

vivendo felizes e tranqüilos. O gamo era bem alimentado, bem tratado e passava o tempo dando cabriolas no jardim.

A perversa madrasta, que havia obrigado às crianças a vagar ao léu julgava que a irmãzinha tivesse sido devorada pelas feras da floresta e o irmãozinho transformado em gamo, tivesse caído vítima dos caçadores. Entretanto, quando ouviu contar que viviam felizes e abastados, seu coração encheu-se de inveja e ciúme, não tendo mais sossego. Não pensava em outra coisa senão na maneira de criar-lhes novas desventuras. Sua única filha, que era feia como a escuridão e que tinha um só olho, censurava-a dizendo:

— A mim que devia calhar a sorte de ser rainha!

— Fica tranqüila, — respondeu a velha, acrescentando-lhe com satisfação: — no momento oportuno estarei a postos!

Q o momento oportuno chegou. A rainha deu à luz um belo menino, justamente quando o rei se achava ausente, durante as caçadas. A bruxa, então, tomando o aspecto de camareira, entrou no quarto onde repousava a rainha e disse-lhe:

— Vinde senhora, vosso banho está pronto; vos fará bem e vos dará forças, vinde logo, antes que esfrie.

Com ela estava também a filha. Ambas carregaram a rainha, ainda muito débil, para o quarto de banho e puseram-na na banheira; depois fecharam a porta e deitaram a fugir. Antes, porém, haviam aceso um fogo infernal no quarto de banho e a rainha fechada lá dentro, em breve sucumbiu sufocada.

Feito isto, a velha meteu uma touca na cabeça da filha e deitou-a no leito, no lugar da rainha. deu-lhe também a forma e semelhança desta; só não pôde restituir-lhe o olho que lhe faltava; e par que o rei não percebesse ela foi obrigada a deitar-se de lado, tentando assim esconder a falha.

A noite, quando voltou e soube que lhe nascera um menino, o rei ficou radiante de alegria e quis logo dirigir-se ao quarto de sua querida esposa a fim de saber como estava passando. A velha, porém interveio rápida gritando:

— Pelo amor de Deus, deixai as cortinas fechadas; a rainha ainda não pode ver luz, além disso está muito fraca e precisa descansar.

O rei então retirou-se e não ficou sabendo que no leito havia uma falsa rainha.

Mas à meia-noite, quando todos dormiam no castelo, a ama velava junto ao berço do recém-nascido e viu-se abrir a porta e entrar a verdadeira rainha. Esta tirou a criança do berço, tomou-a no colo e deu-lhe de mamar; depois ajeitou o travesseirinho e deitou-a, agasalhando-a bem com o cobertozinho. Não esqueceu também o seu gamozinho; dirigiu-se para o canto onde estava deitado e fez-lhe alguns carinhos; em seguida saiu silenciosamente, como havia entrado. Na manhã seguinte a ama perguntou aos guardas se tinham visto entrar alguém no castelo durante a noite. Responderam-lhe: Não, não vimos entrar ninguém.

Durante muitas noites seguidas a rainha voltou a aparecer sem pronunciar palavra; a ama via-a todas as vezes mas não ousava a contar a ninguém.

Depois de alguns dias, a arinha certa noite começou a falar:

"Que faz meu filhinho?
Que faz meu gamozinho?
Ainda duas vezes virei,
Depois nunca mais voltarei".

A ama não disse nada, mas quando ela desapareceu foi aonde se encontrava o rei e contou-lhe tudo o que vinha se passando.
_ Meu Deus, _ exclamou o rei _ que será isso! Na próxima noite ficarei velando perto do meu filho.

Assim o fez. Chegando a noite, ocultou-se no quarto do menino e, quando deu meia-noite, viu aparecer a rainha, que tornou a falar:

"Que faz meu filhinho?
Que faz meu gamozinho?
Ainda uma vez virei,
Depois nunca mais voltarei".

Cuidou como sempre fazia da criança antes de desaparecer; o rei, porém, não teve coragem de falar-lhe e decidiu ficar velando também na noite seguinte junto do filho. À meia noite viu-a entrar e dizer:

"Que faz meu filhinho?
Que faz meu gamozinho?
Vim ainda esta vez,
Depois nunca mais voltarei".

O rei então não se conteve mais, correu para ela, dizendo:

_ Não podes ser outra senão a minha esposa querida.

_ Sim, _ respondeu-lhe ela _ sou eu mesma, tua esposa querida.

Pela graça de Deus, voltou à vida; bela e sadia e viçosa como fora antes. Contou ao rei o crime praticado pela bruxa perversa e sua filha, e o rei mandou que fossem ambas julgadas e condenadas. A filha foi conduzida à floresta, onde acabou esfaqueada pelos animais ferozes; a bruxa foi lançada à fogueira, onde teve morte horrível; e assim se transformou em cinzas, o gamozinho recuperou novamente seu aspecto humano.

A partir de então, a irmãzinha e o irmãozinho viveram juntos com o rei em seu castelo, alegres e felizes pelo resto da vida.



Os contos, como arte, são uma forma de expressão oral ou escrita e trazem à tona um processo histórico intrinsecamente relacionado à tradição oral, pautados em percepções que não possuem uma significação fixa, cujo sentido depende do tempo, do espaço e da cultura em que estão imediatamente inseridos. Eles expressam também os sonhos e os desejos dos autores. Ao mesmo tempo podem ser atemporais, dando espaço para o leitor imaginar, ressignificar, atribuir sentidos à história narrada ou contada.

Destacando as contribuições dessa perspectiva para esta análise, retomo o conceito de linguagem, que ocupa lugar central nas reflexões de Bakhtin. O autor reforça a relação intrínseca existente entre linguagem e enunciado e as situações sociais mais amplas e mais específicas, que incluem interlocutores de um contexto narrativo envolvendo uma cronotopicidade e permitindo avaliações e julgamentos.

A linguagem tem uma dimensão singular, concreta, plurivalente não revelando assim uma dicotomia com a linguagem-enunciado. A linguagem de um conto associada à linguagem de seus enunciados traz relações dialógicas imersas em vozes sociais e ideológicas.

Por enunciado, Bakhtin (2000) compreende o elemento da comunicação indissociável da vida, é um evento social. Bakhtin (2000) discute peculiaridades do enunciado como unidade real da comunicação discursiva. Um delas é que “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais de enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela *situação social imediata*.” (p.114).

Retomando esse conceito para a análise do conto, os enunciados partem de um contexto social, de um tempo que nos diz sobre uma narrativa do século XIX. Há uma interação entre as personagens, permitindo supor que há um “horizonte social” que determinou a criação do conto, envolvendo ideologias ou de autores e contribuidores da época.

O conto permite que tomemos a palavra comportando duas ou mais faces. Foi escrito por alguém, no nosso caso, pelos irmãos Grimm, e dirige-se para alguém. “Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra defino-me em relação ao *outro*, isto é, em última análise em relação à coletividade”. (p.115). Há uma alternância de vozes das personagens no conto, que se expressam mediante a relação com o *outro*, isso porque o enunciado é reflexo da interrelação social.

Por meio das ações das personagens estabelecemos vínculos com os enunciados que nos dizem sobre a ideologia de uma época e que são também capazes de estar presente ainda hoje. Ao tomar os enunciados no conto, podemos entender o diálogo no sentido mais amplo, como uma comunicação em voz alta. As enunciações no conto adquirem importância para que se possa compreender, analisar o que emerge dessa narrativa, que implica em penetrar na dialogia, nas vozes e réplicas.

Com a dialogia, confrontamos valores, posicionamos e revelamos posições variadas sobre o mundo no conto. Significamos, participamos dos diálogos entre as personagens, interrogamos, ouvimos, respondemos, concordamos. A relação entre as personagens é uma relação entre um *Eu* e um *Outro*, uma relação de alteridade, fundada na dialogia.

Assim, ao tomar um conto de Grimm para ser analisado neste estudo sob a perspectiva da abordagem histórico-cultural, é possível admitir que ele suscite emoções de um modo geral, provoque sensações e mobilize imagens. Podemos nos perguntar: o que reverbera nas imagens suscitadas pelos contos?

Para responder essa questão, tomaremos os enunciados e suas significações no contexto do conto. Há arenas de lutas em que diferentes ideologias encarnam relações dialógicas e disputam pelos sentidos. O conto, assim, reflete e refrata realidades, por meio da ficção. Desta forma pretende-se construir a compreensão, a análise do conto.

O conto *Irmãozinho e Irmãzinha (O Gamo Encantado)* será tomado para análise atentando, como já mencionado, para as personagens femininas e as personagens infantis através de um dos conceitos fundamentais de Bakhtin – o dialogismo, segundo o qual tudo o que é dito por alguém não é dito apenas por ele. A linguagem como manifestação da consciência histórica é plural, um espaço em que convivem e dialogam diferentes vozes implícitas e explícitas, representando pontos de vista distintos, conflitivos, numa interação contínua.

Os autores, irmãos Grimm, são aqui olhados como criadores que escreveram os seus contos a partir de “enunciados heterogêneos, como que alheios”, com palavras e imagens do outro. Suas personagens são também imagens dos autores sobre pessoas e lugares. É por meio de um processo dialógico que se cruzam olhares, lugares, pessoas, autores e personagens que vivem o drama, conceito desenvolvido por Vygotsky. “Personagens personificam conflitos dramáticos (não todas), a luta contra obstáculos externos e internos, em suma, todos aqueles momentos de

vivências que caracterizam o drama independente ou particular, são apenas personagens dramáticas [...]” (VYGOTSKY, 1999, p.136). Nas relações sociais, as vivências se constituem em dramas vivenciados.

2.1 Conto: uma análise

Irmãozinho e Irmãzinha é um conto escrito pelos irmãos Grimm no século XIX, período em que os estudos sobre a infância trazem mudanças sutis na noção rousseauiana (inocência da infância), que carregava uma visão romântica sobre a criança – para outras concepções e preocupações que a trouxeram como alguém economicamente sem valor, sobretudo para as classes médias urbanas.

O fato das crianças não representarem pessoas que contribuía economicamente com a sociedade fazia com que fossem menosprezadas, não atribuindo a elas uma importância ou um lugar de atenção por parte das políticas públicas e sociais e até mesmo por algumas famílias. A afirmação atribuída a Ariès é que o sentimento de infância surge somente no século XVII. Até então, a criança remetida a um lugar pouco significativo na sociedade.

A consciência dessa condição trouxe posteriormente consequências culturais como o aumento no valor sentimental das crianças, tanto nos círculos de classe trabalhadora quanto de classe média. Assim, vemos que a história cultural da infância tem seu marcos, mas também se move por linhas sinuosas com o passar dos séculos.

Como vimos, os contos de Grimm afetaram fortemente a literatura infantil no século XIX. São resultados da recolha feita, desde o início do século XIX, de contos da tradição popular. Nesse contexto, trago um dos seus contos para análise: *Irmãozinho e Irmãzinha* (*O Gamo Encantado*), traduzido por Íside Bonini (1961). Dividirei o conto em três partes, ressaltando os tópicos centrais que o compõem.

2.1.1 Mãe, Madrasta

No primeiro enunciado do conto transcrito abaixo, está a memória da mãe morta, narrada pelas personagens, e a impressão que possuem sobre a madrasta. A morte da mãe

constitui-se a proposição do enunciado, anunciando ações desencadeadoras, decorrentes da ausência materna. Entregam-se às lutas humanas, quando se veem sem a figura que simboliza a proteção: a mãe. O irmãozinho cita a figura de um cão que é mais bem tratado pela madrasta do que eles. Talvez seja o cão o animal que preenche a “ausência humana”, a “ausência do adulto”, mas que dá aos irmãozinhos o discernimento entre o humano e o não humano.

– Desde que nossa mãe morreu, nunca mais tivemos uma hora feliz: nossa madrasta nos espanca todos os dias e, quando chegamos perto dela, nos enxota a pontapés. Nosso único alimento são as côdeas duras de pão; trata melhor o cachorrinho debaixo da mesa, pelo menos ela lhe dá, de vez em quando, algum bocado bem bom. Meu Deus, se nossa mãe soubesse! Vem, vamos embora daqui, vamos por esse mundo afora. (BONINI, 1961).

O efeito desse enunciado é eficiente quando os leitores partilham de saberes sociais, signos, que tornam a figura da mãe morta sagrada. Provoca pela linguagem uma reação desejada no interlocutor, que é a da inquietação quanto às condições apresentadas pelas personagens nas expressões: “nos enxota a pontapés” (maus-tratos), “nosso único alimento são côdeas duras” (fome), “trata melhor o cachorrinho debaixo da mesa” (negligência e abandono). Essas expressões dialogam com o contexto das personagens e também está implícito nelas seu poder de persuasão. Evocam a mãe com todo seu poder tradicional, que deve ser respeitado e protegido e que também tem a função de proteger.

Trata-se de um enunciado que ecoa verdade quando diz da condição das personagens: sozinhas e abandonadas. Vinculam o presente à mãe morta que, ao ser lembrada, traduz-se em uma imagem expressiva de proteção que permite às personagens perceberem o modo como vivem e são tratadas, colocando-as na fronteira do desejo de viver e sobreviver ou de não se arriscar e permanecerem onde estão. Optam por um rompimento com o presente buscando um novo lugar no mundo: a floresta.

Levantou-se, pegou a irmãzinha pela mão e saíram ambos à procura da fonte. Mas, a perversa madrasta, que era uma bruxa ruim, vira os meninos irem-se embora; seguiu-os ocultamente, mesmo como fazem as bruxas e enfeitiçou os mananciais da floresta. Quando os meninos encontraram o regato de água, que corria cintilante sobre as pedras, o irmãozinho precipitou-se para beber; mas a irmãzinha ouviu o murmúrio da água que dizia:

– Quem beber desta água transformar-se-á em tigre.

O irmãozinho toma pela mão a irmãzinha e coloca-se como capaz de modificar o contexto situacional. Partem para a floresta. A floresta nesse conto é o cronotopo fundamental e centro organizador da narrativa que complementarará o sentido da trama que se desenvolverá.

Estamos diante de três personagens. Duas personagens infantis fora do círculo familiar em busca de outra condição, mas que estão atormentadas diante a força da madrasta. Com isso, há uma revalorização da figura materna. Ou ainda: não poderia ser uma ilusão de percepção dos irmãozinhos ao ver as feitiçarias nos mananciais da floresta? E última hipótese: seria mesmo a madrasta que enfeitiçou os mananciais da floresta? Ou estariam os irmãozinhos sendo alvo de algo oculto que estaria reafirmando a ausência da proteção materna?

Com tais indagações convém ressaltar que a leitura de um conto pode provocar envolvimento, catarse, ludicidade entre leitor e texto, a interpretação do texto à luz da realidade possível, porque a cada ato, a cada fato, mais de uma compreensão é sempre possível e está sempre presente. Até o momento, a existência da personagem da madrasta é narrada pelas personagens infantis por meio de significações das ações que acontecem magicamente na floresta. Essas ações aparecem evidenciadas nas falas das personagens infantis. Mas, a perversa madrasta, que era uma bruxa ruim, vira os meninos irem-se embora; seguiu-os ocultamente, mesmo como fazem as bruxas e enfeitiçou os mananciais da floresta.

Cada personagem infantil dialoga com o murmúrio da água de modo diferente. Seria um modo desigual de também dialogar com a morte da mãe? Seria um modo de vivenciar a exterioridade interior? Seria um modo de recriar uma nova existência e um novo plano no mundo? Pode-se dizer que há nesse ato o medo da morte e a atração pela continuidade da vida “que é de índole essencialmente diversa que o medo da morte de outra pessoa íntima e do empenho de proteger-lhe a vida.” (BAKHTIN, 2006, p.95).

A fusão entre a vida anterior e a vida que prossegue suscita uma atitude de vigilância e cuidado da irmãzinha com o irmãozinho. Para o irmãozinho, o sentido da existência é outro. A sua memória, a contemplação da mãe morta, o medo incluem a contemplação de sua própria vida.

Ambos partem para o enfrentamento do destino e nesse percurso entram em contato, se assim podemos dizer, com os mediadores expressos nos poderes mágicos da madrasta. As feitiçarias nos mananciais da floresta contribuem para que as personagens infantis desenvolvam a percepção sobre o *outro* e construam a autodeterminação necessária para que sobrevivam,

concentrando-se nos sinais e signos que lhes darão orientações para manterem-se vivos e ultrapassarem os obstáculos. Com sede, fome e cansaço, percebem que a floresta está transformada e afetada pela figura da madrasta.

O regato da água encontrado poderia ser fonte de aventura, de brincadeira e também de perigo. Held (1980, p. 81) diz que é ambígua a significação da água, pois é “o elemento líquido primeiro, o ventre materno – mãe-mar-segurança-proteção –, ao mesmo tempo”), mas também encarna a dialética do perigo e proteção. Nessa perspectiva, a água como fonte de proteção é transformada em perigo com o murmúrio da madrasta. Logo, no início de uma busca de nova vida, o irmãozinho e a irmãzinha caminham com a sua história que integra mãe e madrasta, como personagens que os desafiam, que apresentam opções para prosseguirem ou recuarem. Eles prosseguem pela floresta. O drama das personagens dá vida a elas e as leva a perceber e enfrentar sentimentos trágicos: maus-tratos, abandono, solidão.

A floresta também apresenta uma expansão espaço-temporal e está diretamente unida às personagens, às suas possibilidades, e à essência do conto. Nela também está o “matiz emocional” para que as personagens se desenvolvam. Encontraremos no início da narrativa o cronotopo da estrada, do caminho, que se traduz no espaço e no tempo de encontrar o inusitado, imagens, o destino. “[...] o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos); daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: ‘o caminho da vida’, ‘ingressar numa nova estrada’, ‘o caminho histórico’ e etc.”. (BAKHTIN, 1998, p.315).

A caminhada dos irmãozinhos pela floresta, pelos rios, nos dá a ideia do transitório e da renovação. Na primeira tentativa do irmãozinho de beber a água, é anunciado que, caso isso aconteça, transformar-se-á num tigre, com a intenção de que, adquirindo tal forma, possa matar a irmãzinha, que o impede de fazer isso.

Deduz-se que a transformação do irmãozinho em tigre torná-lo-ia ameaçador para a irmãzinha, pela força e astúcia que ele traz. Ao mesmo tempo, esse é um elemento que permite certo distanciamento da realidade, possibilitando o deslocamento da atenção para a relação da irmãzinha com o irmãozinho. Esse distanciamento da realidade, para Vygotsky (2001), é necessário e indispensável para a percepção estética.

Há uma força argumentativa no murmúrio que ecoa da fonte, deslocando as personagens infantis para outro espaço, refletindo assim sobre o sentido da morte prematura da mãe. Na

medida em que as personagens infantis fogem, revestidas assim de esperança, dando um movimento à narrativa, reencontram a injustiça da madrasta, de modo simbolizado.

2.1.2 Floresta: o tempo e o espaço da infância

A luta das personagens parece estar apenas começando, mas acena para a percepção de que para conquistar outra condição de vida deverão ultrapassar missões importantes, que lhes exigirão autodeterminação para que possam nesse percurso compreender o sentido da vida e o que é próprio do humano. Encontram a segunda fonte que resulta numa amplificação do que havia “dito” a primeira fonte. Há uma segunda provocação às personagens infantis, delinendo-se assim um segundo conflito entre os irmãos. No desenrolar do enunciado, fica a sugestão de que há uma terceira fonte e que possivelmente o irmãozinho se entregará a ela.

Quando, porém, chegaram à outra fonte, a irmãzinha ouviu-a dizer:
– *Quem beber desta água transformar-se-á em lobo.*
– *Não bebas, querido irmãozinho, – suplicou a irmãzinha – senão te transformarás em lobo e me devorarás.*
O irmãozinho não bebeu, mas disse:
– *Esperarei até encontrar a terceira fonte; aí então beberei, digas o que me disseres, pois não resisto mais de tanta sede.*

Se beber da água, o irmãozinho poderá ser transformado num lobo²¹ e devorar a irmãzinha. Esse desdobramento do conto mostra o futuro conteúdo do drama, antecipa a luta das personagens que reside no encontro com mais feitiçarias e a resistência a elas por parte do irmãozinho e a luta da irmãzinha contra a madrasta. A irmãzinha desconfia que possa haver algo perigoso na próxima fonte e relaciona-se agora com a possibilidade de o irmãozinho não mais resistir à sede. A irmãzinha assume a força protetora da mãe morta e acirra a sua luta contra a madrasta.

As provas vividas pelas personagens exemplificam a cronotopicidade presente no conto e nos dão pistas das mudanças sofridas por elas. É na floresta que tempo e espaço definem um novo modo de ser dos irmãozinhos. Outros lugares, como o castelo, também aparecem como a possibilidade das personagens alterarem a sua condição. Adentrando na floresta, prolongam o

²¹ Animal que, pela simbologia cristã (lobo X cordeiro), representa a força que ameaça a fé; cordeiro simboliza o fiel. O lobo morde o pescoço do cordeiro, simbolizando a morte de Cristo. É também símbolo da gula nos sete pecados capitais. (ROSA, 2009).

tempo para o futuro e são servidos por feitiçarias que fornecem elementos para o seu crescimento, desenvolvimento, compondo um quadro fantástico realista.

O fantástico se apoia nas possibilidades reais do desenvolvimento do homem, possibilidades não no sentido de programa de uma ação prática imediata, mas no sentido das possibilidades-necessidades do homem, no sentido das exigências eternas, nunca eludidas, da real natureza humana. (BAKHTIN, 1998, p.267).

Ao chegar à terceira fonte, um aviso: se o irmãozinho beber a água poderá ser transformado num gamozinho²², animal semelhante ao veado. O prazo para resistir à sede foi interrompido pelo irmãozinho, mostrando assim os limites entre a irmãzinha e ele, como cada um luta contra os obstáculos internos e externos, como desempenham suas funções de ser irmão e ser irmã. Laços e afinidades são demonstrados pelos irmãos, contudo, esse episódio também acena para um novo entrelaçamento entre as duas personagens.

O conto ganha um novo conflito, amparado por três posições: a do irmãozinho, que está com sede; a da irmãzinha, que quer que ele resista à sede, e da madrasta, que quer que ambos sejam enfeituçados. A decisão do irmãozinho colocará as personagens femininas num embate, compatível com os papéis que desempenham como “mulheres”. Com os signos interpostos no conto – de que as fontes podem transformar em animais e as atitudes da irmãzinha em impedir que o irmão beba a água – sela-se o conflito entre a significação da mãe morta e a figura da madrasta. A presença da madrasta prolonga a imortalidade da mãe quando se apresenta como uma personagem aterrorizadora, que faz com as personagens atribuam os desafios à ausência materna e a lembrança de proteção que a mãe trazia.

Por outro lado, o irmãozinho transformado em gamo pode estar mais perto da irmãzinha, tornando-se um companheiro que contribuirá para um novo enredo e para a imersão num novo modo de vida. Caso os irmãozinhos se desentendessem, não levariam o seu plano de fuga até o fim. O gamo, um personagem, uma figura, torna-se mais “domável”, e oferece segurança à irmãzinha para que ela prossiga, sem que para isso tenha de controlar o irmãozinho para que não ceda ao perigo de, sobretudo, aniquilá-la. Neste ponto, a tensão parece visível, por um lado, pela inquietação do irmãozinho, e por outro, pela desestabilização da irmãzinha frente a um novo

²² (Do lat. vulg. gammu). S.m Zool. Ruminante asiático (cervus dama); semelhante ao veado, mas que tem a cauda comprida e a parte superior dos galhos achatada e palmada. [Fem: gama]. NOVO DICIONÁRIO do Aurélio Buarque Holanda Ferreira, Curitiba: Positivo, 2004, p. 961.

evento que está por vir no conto, que se desenrola crescendo como se fossem etapas ou um processo cujo desenlace ainda desconhecemos. Há um “embate de vozes” fazendo-nos crer que a injustiça sofrida pelas personagens infantis advém das ações da madrasta, das vozes que ecoam, murmuram nas fontes.

2.1.3 Transformações das personagens

A irmãzinha então chorou muito ao ver seu irmãozinho transformado em gamo e este chorou com ela achegando-lhe muito acabrunhado ao seu lado. Por fim, a menina disse:

– Tranquiliza-te, meu querido gamozinho, eu jamais te abandonarei.

Desprende-se da perna sua liga dourada e atou-a ao pescoço do gamo; colheu alguns juncos e com eles trançou um cordel com o qual prendeu o irmão; depois internaram-se ambos na floresta.

A irmãzinha parece ter se tornado uma jovem ou uma moça, enquanto o irmãozinho permanece uma “criança” sob a forma de um gamozinho. A personagem feminina – a irmãzinha – assume a função materna que organiza as ações, garante a subsistência e os cuidados para com o irmão. Preocupa-se com o gamozinho, estabelece regras para que possa garantir a sobrevivência dele ao seu lado. “**Internam-se** na floresta” (grifo meu), que passa a ser o novo lar das personagens. Isolados do mundo são protegidos pela natureza, pelas aspirações, pelo imaginário, por uma possível estabilidade.

Ao se internarem na floresta, acontece então o terceiro momento de suas vidas. Livraram-se do perigo de novas feitiçarias da madrasta convivendo com a transformação de si mesmos: um gamo e uma moça.. Enquanto isso, e mediante a transformação do irmão em gamo, a irmãzinha demonstra não somente a sensualidade de uma moça – simbolizada pela liga dourada –, como também determinação e ousadia. No texto literário, tempo e espaço não adquirem outras dimensões.

A personagem feminina ganha outra existência, torna-se um ato, movimenta-se, age não somente porque o irmãozinho se transformou em um gamo, mas pela sua posição de personagem feminina que expressa a oposição à madrasta que os persegue. É o momento de correlação de forças.

Destaco no enunciado a palavra “internar”, que permite algumas associações na língua portuguesa. Entre elas, o fato de que internar, no século XVII, está ligado a uma prática para crianças órfãs e abandonadas, cultura institucional, de criação de instituições para crianças internas, que valorizam a vida da criança em recolhimento. Apresenta ainda vinculação às práticas religiosas; à simplicidade ao vestir; ao controle do contato com o mundo exterior. É o que acontece com os irmãozinhos. Avistam uma casa e lá a irmãzinha organiza o espaço, a cama para o gamozinho. É a personagem feminina que faz colheitas em busca do que comer, enquanto o gamozinho pula, se diverte, faz peraltices. É outro tempo e outro espaço. Tempo de isolamento e de constatação de que as personagens estão sozinhas, no limiar de dois espaços: o dos maus-tratos e o da solidão. Na solidão criam mecanismos de sobrevivência.

No entanto, o irmão, após algum tempo e como personagem masculino, sente-se inquieto ao ouvir gritos de caçadores e deseja acompanhar a caçada. A irmãzinha concorda apesar do medo de algo lhe acontecer. Permite, de certo modo, que ele se relacione, saia do isolamento, adquira independência, mesmo que isso lhe traga preocupações. A transformação do irmãozinho em gamo deu a ele poderes desejáveis, privilégios desconhecidos, a conquista de um mundo fora daquela casinha encontrada. Em outras palavras, o gamozinho apresenta-se com coragem de enfrentar o novo, o desconhecido para que possa viver socialmente com os seus pares (animais). Afirma-se autonomamente e coloca em perigo a sua existência.

Se por um lado o irmãozinho e a irmãzinha transgridem a sua condição, demonstram desde sempre a necessidade do *outro*. Há significados que emergem da condição em que as personagens estão que permitem articular a relevância do *outro* nas relações sociais para que “crianças” e “adultos” possam partilhar ações, ocupar um lugar e um espaço, contribuindo assim para o modo como as pessoas se constituem num determinando contexto, por meio de suas experiências.

A irmãzinha combina com o irmão uma senha para entrar em casa, no retorno da caçada: “Deixa-me entrar, minha irmãzinha”. Com esse ato a irmãzinha tenta proteger a si mesma, evitando assim que outros contatos ameaçadores para sua vida apareçam.

Alguns valores biográficos dos dois irmãos podem ser aqui realçados. Por um lado, o irmãozinho corre riscos, revela-se como uma personagem lúdica que, mediante situações de tensão, vive o prazer momentâneo, desassocia-se do mundo anterior, alimenta-se de sua força,

aspira a heroicidade da vida, à obtenção de importância no mundo dos outros, à glória. (BAKHTIN, 2006).

Quanto à irmãzinha, é afetada pelo passado, pela sua história. Parece trazer mais fortemente a sensação de realidade de uma personagem abandonada que sobreviveu e que tem no irmão a sua proteção e ao mesmo tempo a necessidade de protegê-lo. Por outro lado, cresce não em si nem para si, mas nos outros ou para outros. Estar internada nessa casinha, para a irmãzinha, não guarda o sentido de uma realidade temporal e sim um presente imóvel. Para o irmãozinho há uma imagem de um futuro desejado, criado à semelhança dos outros, que nesse caso são os animais da floresta.

O gamozinho, por meio da caçada, é seguido pelos caçadores e “entrega” a sua senha para eles e para o rei; uma atitude que pode ser compreendida como uma necessidade de se relacionar com outras pessoas, estabelecer vínculo, buscar socorro. O seu vínculo com a irmã possibilita a ele ações que se estabelecem “em um processo dinâmico de retroalimentação do próprio vínculo. Vínculo é, portanto, simultaneamente produto e instrumento de construção de compartilhamento”. (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, SILVA & CARVALHO, 2004, p. 185). Pode-se dizer que a “brincadeira” do gamozinho trouxe a possibilidade de novas relações sociais, necessárias para a existência humana.

Assim que o rei e os caçadores tornaram a ver o gamozinho com a coleira de ouro, deitaram a persegui-lo, mas ele era muito ágil e esperto. A perseguição durou o dia todo, até que afinal, ao entardecer, os caçadores conseguiram cercá-lo e um deles feriu-o no pé. O pobre gamozinho, mancando muito, conseguiu fugir, mas menos depressa. Um dos caçadores seguiu-o cautelosamente e viu-o chegar à casinha e chamar:

– Deixa-me entrar, minha irmãzinha!

A porta abriu-se e fechou-se rapidamente. O caçador, vendo isso, guardou tudo na memória e foi contar ao rei o que vira e ouvira.

Tendo o gamozinho se ferido, a irmãzinha reforça as características de uma personagem feminina, cuidando de seus ferimentos. Mas, no dia seguinte, o gamozinho vai de novo à caçada, mesmo com o pedido da irmã que, chorando, expressou o seu medo de ficar sozinha e abandonada. “A irmãzinha não teve outro remédio senão abrir-lhe a porta, embora com o coração cheio de angústia. O gamo, alegre e feliz disparou rumo à floresta”. Nesse momento, o irmãozinho e a irmãzinha não estão mais isolados na floresta e outras relações estão por vir.

Outros riscos? Outras possibilidades de vida? Outros perigos? Conforme assinalado por Álvarez (2007),

[...] a maneira de agir, de dirigir a própria conduta se transforma no ser humano, passando de apenas uma interconexão entre instintos e meio natural (círculo funcional natural) a uma interconexão entre drama e meio cultural (círculo funcional mediado), o qual acarreta um acúmulo de novos problemas sociais, psicológicos e morais para a espécie e de problemas ecológicos e evolutivos a toda a vida no planeta. (p.328).

A existência dos irmãos não é mais justificada pelos instintos de sobrevivência, de saciedade de necessidades vitais básicas, como comer, beber e dormir, mas também por outras necessidades igualmente básicas que aparecem na relação com outras personagens que surgirão na história, trazidas pelo irmãozinho. O gamo é seguido pelos caçadores e pelo rei. Ao final da caçada o rei vai até a casa abandonada e utiliza a senha do irmãzinho para que a porta seja aberta. E assim acontece:

Então a porta se abriu e o rei entrou; lá dentro, deparou com uma jovem tão linda como jamais vira. A jovem assustou-se quando viu entrar, não o seu querido gamozinho, mas um homem estranho, com uma coroa de rei na cabeça. Entretanto, o rei contemplava-a com tanta doçura e meiguice, quando lhe estendeu a mão dizendo:

– Queres vir comigo para o meu castelo e ser minha esposa?

Ela respondeu contente:

– Oh, sim! Mas quero que o meu gamozinho me acompanhe, pois nunca me separei dele.

– Ficaré sempre contigo, – prometeu o rei – e enquanto viveres nada lhe faltará.

Nisso, chegou o gamo fazendo suas cabriolas; a irmãzinha prendeu-o com o cordel de junco, segurando-o com suas mãos, depois saíram todos da casinha da floresta.

O rei conhece a irmãzinha, que é uma jovem. Apaixona-se por sua beleza e diz a ela que nada lhe faltará. Há uma sede de ser amada por parte da irmãzinha possivelmente reverbera na manifestação amorosa do rei. Nada se conclui nesse momento, como era de se esperar de um conto. A bondade da irmãzinha aparece como um valor ponderável nesse enunciado. A única forma de determinar pela vida, pela força está na singularidade do lugar que cada personagem

ocupa nesse acontecimento, que dá um novo sentido para o futuro. Contudo, o homem é um estranho e para diferenciá-lo dos demais há uma coroa de rei. A irmãzinha não hesita e diz “sim”, mas impõe como condição a proteção do gamozinho, seu irmão.

Ao pedir a proteção do gamozinho ao rei também quer ser protegida. No entanto, há nesse episódio uma ação surpreendente e de certa forma libertadora. Mesmo com todas as rupturas afetivas vividas pelas personagens traduzidas na perda da mãe, pela ausência paterna e o abandono e maus-tratos da madrasta, a irmãzinha aceita o pedido do rei. Trata-se de conceber a personagem no mundo que é observado, vivido e revivido reiteradas vezes. Casando-se, oferece liberdade ao irmão que pode saltitar pelo jardim do castelo, longe das ameaças dos caçadores. Mas, o que está reservado a ela? O que esse episódio pode sugerir às pessoas em relação à sua condição?

A irmãzinha torna-se uma majestosa rainha e tomamos conhecimento do papel que cada um desempenha, confirmando o sentimento de que o irmão, ao tomar forma de um animal, permaneceu criança e a irmãzinha cresceu, construiu um sentimento de maternidade ao relacionar-se com ele. Aprendeu o quanto está sensível ao perigo e o quanto a natureza é fonte de reflexão pessoal, de descoberta do mundo, de re-criação da vida.

Mas o conto não se encerra aqui. A madrasta do irmãozinho e da irmãzinha soube que os enteados haviam sobrevivido e, mais do que isto, estavam vivendo uma vida farta. Quando a irmãzinha torna-se mãe, a madrasta ressurgiu com uma filha que possui uma “falha”, fato desconhecido até então. É só então que a madrasta resolve alterar a imagem da filha, sem conseguir, no entanto, apagar a deficiência que ela possui. Com um plano trágico, resolve eliminar a enteada para colocar sua filha em seu lugar e se apossar do lugar de rainha.

A perversa madrasta, que havia obrigado as crianças a vagar ao léu, julgava que a irmãzinha tivesse sido devorada pelas feras da floresta e o irmãozinho, transformado em gamo, tivesse caído vítima dos caçadores. Entretanto, quando ouviu contar que viviam felizes e abastados, seu coração encheu-se de inveja e ciúme, não tendo mais sossego. Não pensava em outra coisa senão na maneira de criar-lhes novas desventuras. Sua única filha, que era feia como a escuridão e que tinha um só olho, censurava-a dizendo:

– A mim que devia calhar a sorte de ser rainha!

*– Fica tranquila, – respondeu a velha, acrescentando-lhe com satisfação:
– No momento oportuno estarei a postos!*

Reaparecem com a madrasta o passado, a história dos irmãos, a interdependência entre os diversos momentos vividos por eles, o destino para duas personagens que se modificaram, perceberam o movimento da vida, adquiriram esperança, conheceram a sua determinação e conquistaram um espaço coletivo. O conjunto de circunstâncias contextuais vividas pelas personagens deu a elas um sentido para a sua trajetória de vida que se vê exemplificada no corpo dramático do conto. Nesse contexto, a madrasta age novamente, agora juntamente com a sua filha deficiente que se apresenta como uma punição pelo fato de a madrasta não ser uma boa mãe.

E o momento oportuno chegou. A rainha deu à luz um belo menino, justamente quando o rei se achava ausente, durante as caçadas.

A bruxa, então, tomando o aspecto de camareira, entrou no quarto onde repousava a rainha e disse-lhe:

– Vinde senhora, vosso banho está pronto; vos fará bem e vos dará forças, vinde logo, antes que esfrie.

Com ela estava também a filha. Ambas carregaram a rainha, ainda muito débil, para o quarto de banho e puseram-na na banheira; depois fecharam a porta e deitaram a fugir. Antes, porém, haviam acendido um fogo infernal no quarto de banho e a rainha, fechada lá dentro, em breve sucumbiu sufocada.

Feito isto, a velha meteu uma touca na cabeça da filha e deitou-a no leito, no lugar da rainha. Deu-lhe também a forma e semelhança desta; só não pôde restituir-lhe o olho que lhe faltava; e para que o rei não percebesse, ela foi obrigada a deitar-se de lado, tentando assim esconder a falha.

À noite, quando voltou e soube que lhe nascera um menino, o rei ficou radiante de alegria e quis logo dirigir-se ao quarto de sua querida esposa a fim de saber como estava passando. A velha, porém, interveio rápida gritando:

– Pelo amor de Deus, deixai as cortinas fechadas; a rainha ainda não pode ver luz, além disso está muito fraca e precisa descansar.

O rei então retirou-se e não ficou sabendo que no leito havia uma falsa rainha.

Há uma desintegração das personagens. A madrasta existe a partir de sua presença no texto, no palácio, no quarto. Até então, ela fazia parte de um mundo de imagens, configurava-se como uma personagem, mas ainda não estava atuando como tal, e sim sustentada pelas vivências imaginadas das personagens infantis. A personagem da madrasta é portadora de uma vida historicamente significativa, cujas ações são provocadoras e afetam as relações das personagens

infantis com as personagens adultas. O não reconhecimento, pelo rei, da presença da filha da madrasta na cama no lugar da rainha, sua esposa, acentua a voz solitária da irmãzinha.

A madrasta demonstra nesse episódio novas intenções, ou seja, não somente de aniquilar a irmãzinha como a de usufruir o poder que ela conquistou. Ela age, fala, adquire existência no conto. Para isso usa a sua filha. Aparece a madrasta como mãe. Nessa função, tenta ocultá-la, modificá-la para que reúna atributos para se tornar uma rainha. Retira o rei do quarto para que ele não percebesse que havia outra mulher, que não a sua esposa. A madrasta torna-se a personagem central na trama e destrói a estabilidade conquistada pelas personagens.

Da relação da madrasta com as personagens: irmãzinha, irmãozinho e sua filha, nascem vários outros dramas orientados para os maus-tratos. As relações entre as personagens com a mãe morta e a madrasta significam o ressurgir de duas novas mães: a irmãzinha, mãe de um recém-nascido, filho do rei, e a madrasta, mãe de uma filha deficiente. Entendo que essa relação “crianças” e “madrastas” está imersa num contexto histórico-cultural, apresentando uma concepção dominante das madrastas de filhos com mães mortas.

Há uma nova trama: a luta contínua entre a madrasta e a mãe – a irmãzinha. A primeira mãe que ela ignora é a dos irmãozinhos. A segunda é a própria irmãzinha, que se tornou mãe. Um ciclo vicioso entre a proteção e o perigo; morte e vida, escravidão e liberdade. No entanto, aquilo que poderia ter sido um desfecho trágico é interrompido com o alento, o canto da irmãzinha. Cada verso que sai de sua boca anuncia o tempo que tem para cuidar de seu filho e de seu irmão e para retornar à vida. Há um discurso suave, sensível, embasado na ideia de que a irmãzinha terá novas provações e transcorre a possibilidade de que em um determinado tempo ou em um instante haverá desvios na composição do episódio, em que a madrasta, personagem central, disputa a sua posição com a personagem que igualmente torna-se central: a irmãzinha.

Mas à meia-noite, quando todos dormiam no castelo, a ama velava junto ao berço do recém-nascido e viu-se abrir a porta e entrar a verdadeira rainha. Esta tirou a criança do berço, tomou-a no colo e deu-lhe de mamar; depois ajeitou o travesseirinho e deitou-a, agasalhando-a bem com o cobertozinho. Não esqueceu também o seu gamozinho; dirigiu-se para o canto onde estava deitado e fez-lhe alguns carinhos; em seguida saiu silenciosamente, como havia entrado. Na manhã seguinte a ama perguntou aos guardas se tinham visto entrar alguém no castelo durante a noite. Responderam-lhe:

– Não, não vimos entrar ninguém.

Durante muitas noites seguidas a rainha voltou a aparecer sem pronunciar palavra; a ama via-a todas as vezes mas não ousava a contar a ninguém.

Depois de alguns dias, a rainha certa noite começou a falar:

“Que faz meu filhinho?

Que faz meu gamozinho?

Ainda duas vezes virei,

Depois nunca mais voltarei”.

A ama não disse nada, mas quando ela desapareceu foi aonde se encontrava o rei e contou-lhe tudo o que vinha se passando.

Um fato marcante é a retirada do filho do berço para amamentá-lo. Há no leite materno aspectos simbólicos em diferentes culturas. A amamentação ultrapassa o quadro biológico e nutricional e revela uma noção sacralizada da maternidade na construção da identidade feminina. A significação da maternidade como sendo sagrada permanece no imaginário social, apesar de todos os debates sobre a construção da maternidade. Além do ato de amamentar, a irmãzinha oferece cuidados ao gamozinho. É o surgimento da personagem-mãe que permite um vínculo com o tempo histórico, viabiliza uma representação realista mais profunda da realidade que encobre personagens órfãos e personagens femininas.

Com esta força materna a madrasta não contava, tendo em vista que havia uma ama ou criada no quarto que possivelmente seria a pessoa responsável para realizar tais tarefas. É a ama que diz ao rei sobre o acalanto ouvido. A ama, como personagem feminina, abre o caminho para as novas forças que se instalam no conto. É uma arena de luta. A força do rei, a força da madrasta, a força da irmãzinha-mãe. Com o acalanto da irmãzinha, uma tensão no conto: vida e morte. É o rei, com a ajuda da ama que mais uma vez salva a irmãzinha e a traz de volta para a vida.

O interesse da irmãzinha, pelos cuidados que ela dedica ao filho e ao irmão, implica em ver a necessidade do *outro*, possui uma função humanizadora e anunciativa de que ela é fonte de vida e pode retornar para o lar. Esse episódio é instigante neste conto quando pensamos nos estudos realizados sobre o leite materno e na relutância e aceitação das mulheres em amamentar. A personagem da irmãzinha revive. Supera a sua própria morte para proteger o filho e o irmão. Não os deixam órfãos e nem abandonados.

O rei então não se conteve mais, correu para ela, dizendo:

– Não podes ser outra senão a minha esposa querida.

– Sim, – respondeu-lhe ela – sou eu mesma, tua esposa querida.

Pela graça de Deus, voltou à vida; bela e sadia e viçosa como fora antes. Contou ao rei o crime praticado pela bruxa perversa e sua filha e o rei mandou que fossem ambas julgadas e condenadas. A filha foi conduzida à floresta, onde acabou esfaqueada pelos animais ferozes; a bruxa foi lançada à fogueira, onde teve morte horrível, e assim se transformou em cinzas; o gamozinho recuperou novamente seu aspecto humano.

A partir de então, a irmãzinha e o irmãozinho viveram juntos com o rei em seu castelo, alegres e felizes pelo resto da vida.

A madrasta juntamente com a sua filha é excluída da narrativa, dando ao conto outro princípio organizador. O gamozinho retoma a sua forma original. A irmãzinha volta a exercer a sua função de mãe e esposa. A ama mantém-se no seu lugar. O rei continua a reinar. Confere-se às personagens uma autoridade sobre a sua existência. Superam-se as situações vividas. A morte da madrasta e da filha foi necessária para dar um sentido novo para a permanência das personagens que sobreviveram e trocaram de posições e de lugares no conto.

Face ao exposto, a maternidade da irmãzinha pode ser aqui entendida como a construção de uma prática cultural que, ao longo do conto, assumiu diferentes configurações ao cuidar do irmão e posteriormente de seu filho. Esse recorte traz à tona a frequência e a importância que a maternidade assume na trama.

As personagens masculinas são salvadoras. São elas que incitam a personagem feminina-irmãzinha a mudar de condição. No início, é o irmãozinho que propõe a fuga para a floresta. Também é ele que traz o rei. É o rei que leva a irmãzinha e a salva das garras da madrasta.

Contudo, cabe ainda acentuar as diferenças, controvérsias, sentidos em relação a ser órfão do sexo masculino e ser órfão do sexo feminino a partir das ações das personagens. Possivelmente, a irmãzinha, por ser uma personagem feminina, pode também estar dando indícios de que não sabe se cuidar, é frágil, e tem que ser protegida. Paradoxalmente, é a

irmãzinha que sabe cuidar do outro, do irmãozinho, definindo regras para que ele não ceda à sede e para a convivência na casa da floresta.

O enunciado em que o irmãozinho se atira à fonte ressoa como uma característica e necessidade masculina enquanto a irmãzinha revela-se como uma personagem feminina sábia, previdente, que alerta sobre o perigo. Nisso ecoa a naturalização da orfandade para personagens masculinos e personagens femininos. Para as personagens femininas, cabem-lhes responsabilidades quanto aos cuidados com o outro desde muito cedo. Aos personagens masculinos, cabe-lhes ser corajosos, destemidos, sem serem educados para cuidar do outro e de si mesmos.

Em relação aos temas da orfandade e do abandono, há um entrelaçamento de dramas e tramas que envolvem crianças de carne e osso que, a partir de suas relações com o outro, contribuem para o processo de construção das significações das personagens. Evidencio o drama como experiências das personagens a partir de suas relações com o outro e contextos diversos e a trama como uma estrutura de elementos que se interligam como se fossem redes.

As intrigas, as tramas e as situações apresentadas no conto estão relacionadas a valores históricos, culturais, sociais, havendo na leitura e análise do mesmo a ressignificação de temas que ainda são recorrentes na atualidade e que estão na literatura de muitos modos. O conto ganha um sentido simbólico e acarreta mudanças de discurso sobre as infâncias e maternidades.

3. PERSONAGENS FICTÍCIAS E AS SIGNIFICAÇÕES NO MUNDO REAL

Trouxe para esse estudo personagens fictícias de um conto do século XIX dos irmãos Grimm. Nesse capítulo, o objetivo é atribuir significações às personagens relacionando-as ao mundo real. Mas, antes, o que dizer da relação ficção e realidade? Como significar o conto, trazendo-o para a vida real?

Ler um conto é adentrar num mundo narrativo que nos envolve emocionalmente. Realidade e ficção são duas dimensões diferentes. A primeira circula entre nós e a segunda vive fora da realidade que lhe deu existência. (ECO, 2009). Personagens fictícias são preservadas nos contos, mesmo que em uma tradução ou outra se suprimam ou acrescentem novos elementos. “(...) um personagem fictício permanece o mesmo até se for colocado em um contexto diferente, contanto que as propriedades diagnósticas (a serem definidas para cada caso), sejam preservadas.”. (ECO, 2009, p.4).

Personagens fictícias são um objeto semiótico que, enquanto tal, encarnam imagens, signos, descrições, propriedades, expressões que trazem em seu conteúdo diferentes sentidos, interpretações e noções compartilhadas por uma comunidade social e registradas coletivamente. Flutuam entre nós, como se fosse alguma narrativa real e até é possível que nos identifiquemos com um ou outro personagem, com um acontecimento, estabeleçamos relações, associações com a vida real. Essa é uma das propriedades das personagens fictícias: fazer-nos acreditar que estão entre nós.

Num conto há também magias, feitiçarias, a presença do sobrenatural, reverberações religiosas, inacessíveis para a nossa realidade, embora haja também, num mundo real, crenças semelhantes a esse imaginário que são reais para as pessoas imersas nesse contexto, numa determinada cultura. Isso nos faz crer que personagens fictícios, no nosso caso, literário, são separadas da realidade por limites imprecisos.

Vigotski (2004) também nos diz sobre os sentimentos que a arte, a literatura pode despertar nas pessoas: “[...]todo o conteúdo e os sentimentos que relacionamos com objeto de arte não estão contidos nela, mas são por nós incorporados, como que projetados nas imagens da arte, e os psicólogos denominaram empatia o próprio processo de percepção.” (VIGOTSKI, 2004, p. 334).

No capítulo anterior, adentramos na narrativa e no destino reservado às personagens que de algum modo tornaram-se simbolicamente referências para a real condição das infâncias e maternidades. O conto trouxe interligações sobre essa temática, sugeriu imagens e mobilizou a imaginação. Nessa perspectiva, permitiu a significação, “o que implica em formação de imagens afetadas e permeadas por signos e sentidos socialmente construídos” (SMOLKA, 2004, p.41), ou seja, aquilo que se produziu na trama das personagens deixou marcas históricas nos leitores e também no modo de olhar para a relação entre crianças e adultos.

O conto constitui aqui uma chave para pensarmos nas relações sociais, nas lutas humanas, no modo como as pessoas influenciam umas às outras, nas muitas histórias de crianças órfãs e abandonadas, nas maternidades, nos diferentes valores da sociedade em diferentes períodos históricos, nos sentimentos, motivos que levam um e outro a abandonar e ser abandonado.

Na Europa, as concepções a respeito da criança e da infância se consolidaram no século XVII a partir do chamado “sentimento da infância” (ARIÈS, 1981), reconhecendo a criança como um sujeito social diferente do adulto. Contudo, esse é um processo que vem sendo construído há séculos e que não é uniforme, ou seja, em cada país, o espaço da criança manifesta-se de modo diferenciado, com interferências culturais. O conto do século XIX não reflete diretamente esse sentimento de infância.

Em relação à realidade brasileira, Oliveira (2000) assevera que nesse século era comum entre as famílias mais abastadas o hábito de importar preceptores, mandar os filhos para estudarem na Europa, ou colocar nos colégios estrangeiros que se formam no final do século XIX. Relata a partir de seus estudos que:

Com relação ao comportamento das crianças e à forma como eram tratadas pelo adulto, pode-se perceber o contraste de costumes e a valorização de costumes europeus como símbolo de civilidade e refinamento, ou seja, alguma tintura de costumes europeus. (OLIVEIRA, 2000, p.37).

Ainda que considerando as peculiaridades da infância em diferentes séculos e em diferentes culturas, podemos ver marcas da história social humana no conto; por outro lado, é preciso evidenciar como ele reverbera no nosso imaginário, trazendo questões não somente do século XIX, como também da atualidade. O drama que compõe a relação entre as personagens é

carregado de uma luta de sentimentos, paixões e tudo aquilo que faz parte do humano. Elas participam de uma realidade que se insere nas relações sociais, mas que podem demonstrar mudanças de papéis da maternidade e do lugar ocupado pela infância.

Sobre a relação criança e adulto é possível reconhecer as transformações sociais, econômicas, industriais, tecnológicas e o lugar da criança nas sociedades modernas. Mas, é possível e necessário, além de inevitável que entendamos a criança e seu mundo a partir da condição da subjetividade humana. Com relação a essa temática há perguntas nada simples para responder.

Para compor este capítulo, o dividirei em três tópicos de análise, a fim de explorar temáticas que se relacionam diretamente com a intenção deste estudo e que ecoam a partir da análise do conto Irmãozinho e Irmãzinha (O Gamo Encantado). No primeiro tópico, discutirei sobre as imagens de mulher, mãe, madrasta e maternidade. No segundo, trago uma discussão sobre as condições das crianças: abandono e resistência. E por fim, discutirei sobre os sentidos do abandono e de órfão ontem e hoje.

3.1 Imagens de mulher, mãe, madrasta, maternidade

Uma mãe é evidentemente necessária para o nascimento de um filho. Dessa afirmação não é possível discordar. Para que uma criança nasça, é preciso que a mãe a conceba, a traga para a vida. Mas, a vida de um filho não está assegurada com o seu nascimento. Pode ali encerrar a sua vida, se a mãe (e pai?) assim desejar ou optar. Ou ainda, a mulher ou casal pode antecipar-se ao nascimento de um filho, interrompendo a sua gestação. Reafirma-se assim a mulher e o seu poder de garantir a vida. Isso não isenta a posição masculina de dar a oportunidade de viver a uma criança. Mas, é preciso lembrar que a mulher sempre esteve “destinada” a ter dependência do homem e jamais ser o seu semelhante. Essa compreensão acorrentou culturalmente a mulher, “moldando” a sua existência conforme as possibilidades apresentadas. Pino (2005) colabora com o entendimento sobre a chegada de um filho:

O ato biológico ao nascer tem, no mundo humano, o caráter de um *evento cultural*, embora não deixe de ser uma celebração da vida. Antes mesmo de ser concebido, o futuro ser já faz parte do universo cultural dos homens, seja como objeto do desejo de quem aguarda ansiosamente sua chegada seja como objeto de medo ou da recusa de quem considera a sua chegada uma eventualidade indesejada. (p. 57).

Em qualquer que seja a condição do nascimento de um filho, desde sempre está imerso nas relações sociais que desenham uma conflituosa convivência humana, em que homens, mulheres e crianças são capazes de construir suas histórias no interior da história social dos homens, da qual todos eles são integrantes. Nesse cenário, o movimento de homens e mulheres na história faz parte da história do nascimento da infância.

Desvendar os mistérios que cercam as infâncias e as maternidades é adentrar em tempos, épocas remotas e recentes. Ainda há um abismo contemporâneo nessa relação que não se dissolve pela compreensão histórica da constituição de ambas, pois estamos pensando no que é essencialmente humano, do qual, enquanto tal, sabe-se ainda muito pouco. Com isso, aumenta-se a consciência da trama existente entre mães e filhos, que deixa em aberto interrogações, especulações, mas também o inconformismo, a surpresa, o mistério.

Costa (2004) transcreve o trecho do depoimento de um higienista no século XVIII criticando o comportamento das mulheres que não queriam amamentar:

E isso [amamentação pelas escravas] somente pelo desleixo daquela que de mãe só tem o nome; daquela que não duvida sacrificar seu filho para gozar de todos os prazeres, para livremente poder assistir a espetáculos, bailes, etc.; que não duvida passar noites inteiras entregues à dança ao canto e a mil outros passatempos, mas que não pode velar uma só hora junto daquele que vem dar-lhe o título sagrado de mãe, que vem firmar o amor do esposo, e que faz enfim as delícias de uma verdadeira mãe. (COSTA, 2004, p.136).

Sobre essa afirmativa é possível inferir sobre os motivos que levavam as mulheres a recusarem esse tipo de prática, ou seja, a amamentação. Até então, em séculos anteriores, as mulheres não somente eram discriminadas socialmente como havia respaldo para essa discriminação na ciência. As hemorragias pós-parto, a menstruação (“sangue secreto”), além de “motivarem” o preconceito masculino, eram interpretadas pelos médicos como punições por pecados cometidos ou uma má inserção da anatomia feminina na ordem natural das coisas. (PRIORE, 2007). Nesse período, além de colocarem em risco a sua própria vida quando engravidavam, perdiam muitos dos seus filhos durante a gravidez e no parto.

Em Fonseca (2007), há um registro (século XVII) de que os casamentos perduravam em média 15 anos, pois era comum a morte precoce de mulheres que deixavam os seus filhos em

tenra idade. Alguns motivos dessa morte precoce eram a forma como se realizavam os partos e o tipo de tratamento dado às mulheres no período de “resguardo”:

Sangramentos somados a hemorragias uterinas provocadas pelo parto eram o risco mais imprevisível e brutal por que passavam as mulheres, e isso as levava, muitas vezes, à morte por esgotamento. Marcada por síncope, entrecortada por espasmos, convulsões e gritos de sofrimento, essa forma horrível de morrer esvaindo-se em sangue lembrava uma espécie de rito sacrificial em que a mãe dava a vida pelo rebento. O estado comatoso atingido pelas mulheres devido ao excesso de sangramentos é frequente na descrição dos médicos que, chamados de urgência, encontravam-nas inconscientes, desvanecidas nos braços de comadres, parteiras e familiares. (PRIORE, 2007, p.98).

A mortalidade das mulheres foi superada antes da mortalidade infantil. Se antes sofriam com as particularidades de seu próprio corpo e com o tratamento recebido no período de resguardo, podendo morrer ainda jovens, continuaram a sofrer com a possibilidade de perder os filhos gerados. Badinter (1985) traz uma discussão histórica sobre a indiferença materna, justificando que a frieza dos pais em relação às crianças era uma “couraça sentimental” contra os riscos de perder seus filhos, caso se tornassem “objetos de ternura”. E acrescenta:

[...] valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois. Essa atitude teria sido expressão perfeitamente normal do instinto de vida dos pais. Dada a taxa elevada de mortalidade infantil até o século XVIII, se a mãe se apegasse intensamente a cada um de seus bebês, sem dúvida morreria de dor. (BADINTER, 1985, p.85).

A preocupação com a amamentação relaciona-se ao projeto de redefinição da mulher como mãe quando a criança tornou-se alvo de investimento do Estado brasileiro, que incorporou uma política de expansão populacional. Os fatores econômicos e o peso das convenções sociais delinearão não só uma forma de ser mulher, mas de ser mãe, de estar numa família, educando ou não os seus filhos.

A amamentação aparece como um valor importante no século XIX, mas não se constituiu em um valor universal para todas as mulheres. As amas, que até então desempenhavam essa ação, perderam o seu valor, sob o argumento econômico. “As crianças são mal alimentadas e mal cuidadas pelas amas. Quando voltam vivas à casa dos pais, estão frequentemente em triste estado: magras, pequenas, disformes, atacadas por febres ou presas a convulsões... Que lucraram então os pais?” (BADINTER, 1985, p. 195).

Com todos os argumentos científicos, médicos, políticos, econômicos e sociais que recaíram sobre a amamentação, havia mulheres que não amamentavam e eram alertadas pelos médicos quanto ao risco de morrerem. “O abandono do aleitamento materno é apresentado por todos, não apenas como um erro de regime, mas, sobretudo, um pecado contra Deus, uma ação imoral”. (BADINTER, 1985, p. 197).

Pereira (2003) nos conta que Aristóteles propôs uma teoria sobre a formação de substâncias corporais que serviu como base para o pensamento ocidental até o século XIX. A mulher não era considerada suficientemente quente para operar a cocção do sangue em esperma, com exceção a partir do sétimo mês de gestação. Essa proposição teórica foi traduzida pelo saber popular, como a história de *Saint Mammant*, um santo que encontrou uma criança abandonada e, estando sozinho e não tendo com quem alimentá-lo, recebeu de Deus a graça de produzir leite para alimentar a criança. A proteção da maternidade e da amamentação é também atribuída à Virgem Maria desde a Idade Média. Badinter (1985) descreve a maternidade nos séculos XVI e XVII nos seguintes termos:

Para compreender o comportamento de rejeição da maternidade pelas mulheres, é preciso recordar-se de que nessa época as tarefas maternas não são objeto de nenhuma atenção, de nenhuma valorização da sociedade. São consideradas, na melhor das hipóteses, normais, na pior, uma coisa vulgar. As mulheres não obtinham, pois, nenhuma glória sendo mães, e, no entanto essa era a sua função principal. (BADINTER, 1985, p. 101).

As características da maternidade sustentavam-se nos princípios de sujeição que caracterizava a condição da mulher na sociedade, seja como esposa, amante, filha, mãe. Essa mesma autora descreveu que a responsabilidade nem pelo nascimento nem pelo abandono dos filhos poderia ser atribuída exclusivamente às mulheres ou que eles ocorressem por iniciativa própria, considerando o poder decisório do patriarcado.

Situações de necessidade de preservar a honra das famílias, a pobreza, a necessidade de controlar a natalidade, filhos deficientes e “desavenças entre casais, suspeições de adultérios, alcoolismo ou psicopatias podiam levar um dos seus genitores a abandonar os recém-nascidos”. (MARCÍLIO, 1998, p.206). Havia também situações nas famílias pobres em que os pais entregavam o filho ao juiz por terem muitos filhos. Esse ato era justificado pelos genitores como um nobre sacrifício para consolar pais que havia perdido algum filho. A criança entregue pelos

pais ao juiz ou diretamente a algum casal era adotada, mas permanecia a ideia de que “mãe é uma só”, o que trazia uma instabilidade na adoção que poderia ser desfeita a qualquer momento pelos pais biológicos. (FONSECA, 2007).

Na abordagem histórico-cultural, as relações com o outro assumem desde sempre uma força constitutiva na formação da criança. A relação materno-filial entendida como uma relação que não envolve somente a mãe, mas, muitos outros, constitui-se em um encontro ou um confronto com os signos e significados culturais que se internalizam, em um movimento carregado de valores, normas de conduta, experiências que determinam a formação da criança e o modo pelo qual ela se relaciona com a “ausência materna”. (COTTA, 2005).

No século XIX surge um movimento de mulheres reivindicando direitos trabalhistas, igualdade de jornada de trabalho para homens e mulheres e o direito de voto. Ao ser incorporada ao mundo do trabalho fabril, a mulher passou a ter uma dupla jornada de trabalho. A ela cabia cuidar da família, dos afazeres domésticos e também do trabalho remunerado. As mulheres pobres sempre trabalharam. A dificuldade de cuidar dos filhos levou as mulheres a reivindicarem escolas, creches e o direito da maternidade.

Essa reivindicação requer que se ampliem as relações sociais das crianças, evidenciando assim que os cuidados para com os filhos não eram mais entendidos como exclusivos das mulheres e da família. Nesse sentido, o “Outro (a mãe) é mero intermediário na ‘cadeia de produção’ da vida, no nascimento cultural, o Outro é guia e monitor da criança, não um agente de produção da cultura”. (PINO, 2005, p.168). Por meio de tais relações, a criança vive, existe socialmente, passando a existir no plano pessoal.

Por outro lado, às creches nesse período caberia não somente guardar as crianças, mas também aconselhar as mães sobre o cuidado com os filhos, reforçando a sua função de provedoras de cuidados do lar e dos filhos. Certamente, esse projeto não se coadunava com a reivindicação das mulheres que lutavam por escolas, creches e direito à maternidade. Não há um conceito universal para as mulheres e maternidades, ou pelo menos anseios universais, e sim uma configuração social que deixa entrever os aspectos que se relacionam a uma classe e outra, a um tipo de mulher e outra.

As infâncias construídas no século XIX na sociedade capitalista ainda são fruto de argumentos da diferença biológica como base para a desigualdade entre homens e mulheres que

eram vistas como menos capazes que os homens e foram vítimas de um processo de desqualificação no trabalho, da pobreza e, não possuindo condições econômicas e sociais para educar os seus filhos, deixavam-nos em casas de assistência para crianças abandonadas e submetiam-se à prostituição, visando à complementação de sua renda, o que as fez cúmplices de uma destruição da família.

A saída das mulheres para o trabalho também permitiu a elas ter autonomia para amar, para optar pela maternidade, não somente gerando uma criança, mas buscando recursos para mantê-la viva. De certo modo, a luta pela sobrevivência familiar contribuiu para uma maior ligação entre mães e filhos no que diz respeito ao trabalho, divisão de tarefas cotidianas necessárias para a sobrevivência.

Esse quadro permite que vejamos que o papel da maternidade foi impulsionado, num primeiro momento, por interesses políticos e sociais, que se fizeram presentes, por exemplo, por meio do modelo higienista. A mulher nesse contexto é imprescindível, sem a qual a família não pode sobreviver e está associada à maternidade, construída como ideal da mulher, como um caminho da plenitude e da realização da feminilidade, implicando em renúncias e “sacrifícios prazerosos”. Assim, ser mãe seria pertencer a uma classe especial, ter uma posição de aparente prestígio dentro da sociedade.

A mãe com melhores condições econômicas teve ganhos com essa função, pois a sua posição social modificou-se na família, podendo ter maior domínio sobre a sua casa, sobre os bens, e recebendo títulos que a engrandeciam: “rainha do lar”. Isso não a fez menos submissa ao homem, mas lhe deu um rosto e uma voz frente aos filhos e ao domínio de sua casa. Acentua-se nesse momento a estrutura assimétrica de homens e mulheres na família.

Nesse modelo de maternidade, embora tenha surgido um novo modo de trato com a criança, não estão garantidos a proteção e os cuidados para com ela. Ainda ao final do século XIX, constatou-se um grande número de crianças abandonadas em locais onde muito provavelmente seriam recolhidas: igrejas, conventos e mais tarde na “roda dos expostos”. Além disso, a mortalidade infantil era muito elevada e chegou-se a construir uma imagem, associando crianças mortas aos anjos, com o intuito de minimizar a repercussão dessas mortes. Quem seriam essas crianças? Quem seriam as mães dessas crianças? Há respostas para essas perguntas? É possível classificar as mulheres que abandonam e crianças que são abandonadas? Creio que não.

Além do mais, o abandono não está circunscrito aos recém-nascidos. Há uma multiplicidade de modos de abandonar crianças e adolescentes de diversas idades.

Ainda no século XIX, há uma cobrança sobre a mulher quanto à sua posição como mãe. Muitos acreditavam que o trabalho feminino ou as mulheres que trabalhavam fora de casa contribuiriam para a destruição do casamento, por deixarem de ser esposas dedicadas, além de influenciar na forma de se relacionar com a maternidade. Tais apelações eram justificadas na natureza da mulher, nas reservas inerentes ao sexo, na sua missão na humanidade e não raro pela inaptidão da mulher em exercer outras tarefas que não as domésticas. (ALMEIDA, 2001).

Além da necessidade do trabalho feminino, os registros históricos a partir do século XVII apresentam a incidência de separações de casais. Mulheres eram abandonadas pelos seus maridos e eram sustentadas em alguns casos pelos parentes ou pais, ou buscavam um alojamento, com aluguel a pagar. Havia também situações em que a própria mulher decidia abandonar o seu marido, o que implicava por muitas vezes a perda da guarda dos filhos. Entretanto, era frequente os homens se apoiarem em acusações de imoralidade contra suas ex-mulheres.

Nesse contexto, aumenta a ocorrência da figura das madrastas e padrastos, quando mulheres e homens casavam-se novamente, ou no caso de mulheres que morriam ainda jovens deixando os seus filhos com o pai que se casava novamente. O antagonismo entre a mãe e a madrasta talvez também expresse as qualificações atribuídas à mulher como sendo uma boa mãe ou “má mãe”. Fidalgo (2004) explica que “a noção de ‘má mãe’, antítese da *Madonna*, e recolhida da mitologia clássica, descreve mulheres como monstros, harpias e sereias, imagens demoníacas, vingativas arrebatadoras que conduzem os homens à morte com canções enganadoras. E a mais completa aberração da maternidade encontra-se simbolizada em Medeia, a ‘má-mãe’ que mata os filhos para reduzir Jasão à invisibilidade”. (p.166).

No século XIX, no período do Romantismo, a mulher tem anseios e necessidades diferentes das de um homem e busca estabelecer a sua identidade. Seja como mãe ou madrasta, a mulher está ainda sem rosto. Esperava-se que a mãe fosse paciente, doce e que amamentasse os filhos e não voluntariosa, orgulhosa, egoísta. É preciso lembrar que o estilo materno está associado a um conjunto de fatores tais como personalidade, ideologias e outros, com o suporte que as mães recebem de seus maridos ou a sua posição financeira ou doméstica. Além disto, saber cuidar de uma criança ou de uma moça não significa querer fazê-lo e o fato de ser mulher

não faz a madrasta sentir o desejo de cuidar dos enteados, da filha, e sim de modificar o lugar que ocupam nessa relação.

Contudo, a sacralização da figura materna surge como uma forma de se reprimir a autonomia da mulher, a partir de um discurso que a culpará e a ameaçará, caso não cumpra o seu dever dito natural e espontâneo. Os deveres maternos iniciavam-se pela amamentação, perpassando pelos cuidados com alimentação dos filhos, com a higiene corporal, com a vigilância.

Em termos atuais, a madrasta tornou-se uma figura comum nas novas configurações familiares, dissipando de alguma forma a tão difundida ideia de que a madrasta é alguém cruel, como nos contos. Enfrentam desafios, mas, outras interpretações podem ser dadas não somente às madrastas como aos padrastos. Uma delas é o fato de poderem ressignificar a sua imagem na relação pais e filhos, auxiliando-os quanto à necessidade de crescerem, estabelecerem outra relação com as figuras femininas, que podem se apresentar como proteção, cuidados, trazendo nesse contexto outros modos de se relacionar com o outro, levando as crianças, filhos, a se modificarem, avançando seus processos de constituição como pessoas imersas na cultura. Padrasto e ou madrasta não devem ser considerados em posição marginal à família. Ele e ela pertencem ao núcleo expandido da família.

Rossetti-Ferreira (2004), ao discutir sobre a relação do bebê com o outro, considera a dialogia presente nas relações humanas. “(...) ao nascer um bebê, simultaneamente nasce uma mãe, um pai, um irmão, um tio etc.” (p.240). Ainda que órfão, e que jamais tenha conhecido sua família, há sempre um outro²³ social que marca a relação destes bebês/crianças. Nessa direção, esse *outro* pode ser também uma madrasta ou outra figura que poderá fazer parte do crescimento e desenvolvimento da criança.

O abandono de crianças ainda persiste. A valorização da maternidade, da mulher na família, não resolveu a questão do abandono, contudo, ele é um problema social e não fruto de uma atitude natural e aceitável culturalmente na contemporaneidade. Surgiu uma nova categoria de abandono: o de crianças com mães conhecidas, com indicações de nome, sobrenome e

²³ O outro se constitui e se define por mim e pelo outro, ao mesmo tempo em que eu me constituo e me defino pelo outro. É nesse jogo que se dá o processo de construção de identidades pessoais e grupais, ao longo de toda a vida da pessoa. (ROSSETTI-FERREIRA, 2004, p.25).

domicílio das mesmas. “Esse novo sistema permitia o recolhimento de crianças legítimas nos asilos apenas por motivo de doença das mães e de sua incapacidade para o aleitamento. [...] o aleitamento era tão importante que a impossibilidade de seu provimento constituía motivo para o abandono”. (TRINDADE, 1999, p. 5).

No século XX, a esterilização torna seguro o uso da mamadeira, o que não isenta a mulher de conflitos quanto à opção de amamentar ou oferecer a mamadeira à criança. Por um lado, não amamentar pode gerar um sentimento de culpa em relação ao filho, podendo representar desamor, separação, o que encontra respaldo no discurso médico tanto do século XX como na atualidade. Amamentar ganhou um discurso contundente em defesa dos ganhos para a saúde do bebê e para a relação materno-filial.

O significado de ser mãe continuou em evidência no século XX, muito parecido ao que era julgado no século anterior, ou seja, a maternidade como instinto próprio do sexo feminino; e a capacidade de relacionamento ainda era pautada pela procriação. A psicologia tradicional, em algumas de suas vertentes, atuava como fator de manutenção deste quadro de conceitos, dando informações sobre a “naturalização” da função materna atribuída à mulher e culpabilizando-a por quase tudo na vida das pessoas, ignorando os fatores sócio-culturais que circunstanciam cada história pessoal e social. Essas representações padronizadas, como Badinter (1985) afirma, anulavam a manifestação individual de viver a relação mãe-filho:

Se é indiscutível que uma criança não pode sobreviver e desenvolver-se sem uma atenção e cuidados maternos, não é certo que todas as mães humanas sejam predeterminadas a oferecer-lhes esse amor de que ela necessita. Não parece existir nenhuma harmonia preestabelecida nem interação necessária entre as exigências da criança e as respostas da mãe. Neste domínio, cada mulher é um caso particular [...]. (p.18).

A partir desse período, é cada vez maior o número de mães, mesmo com filhos bem pequenos, que trabalham fora de casa. Com o advento dos divórcios e das separações, tornou-se frequente mulheres criarem os filhos sem a presença contínua de um homem, mesmo que não fosse o pai biológico desses filhos. Isso acabou por influenciar, também, a vida pessoal dessas mulheres e o modo de se relacionarem com os seus filhos.

Teoricamente, por meio de movimentos, as mulheres foram conquistando igualdade de direitos sociais, ao mesmo tempo em que cobradas, na prática, por uma série de comportamentos bem pouco condizentes com as suas aspirações. Contudo, as conquistas vieram e junto com elas

novas reivindicações. Marcaram a sua presença em vários setores da sociedade. O grande desafio para as mulheres nesse século era reverter o quadro da desigualdade salarial entre os gêneros.

O direito ao voto das mulheres trouxe autonomia legal no arcabouço dos direitos civis. Isso permitiu conquistas no acesso à educação, resultando no ingresso massivo no mercado de trabalho. Naturalmente, nada veio graciosamente da sociedade historicamente machista, mas de batalhas árduas.

Em termos gerais, o século XX trouxe resultados das lutas sociais como o direito à voz para as mulheres nos seguintes termos: a sua consolidação nos espaços sociais, econômicos e intelectuais; o trabalho remunerado e o direito à participação política entre outros. Não resta dúvida de que as conquistas das mulheres estão imersas no modo de produção capitalista que tem em sua base a produtividade e o lucro associado ao desenvolvimento tecnológico que sustenta a sociedade de informação; essas conquistas foram fundamentais para assegurar ao universo feminino condições de trabalho, liberdade e independência, mas também possibilitaram o rebaixamento de salários (em função do aumento de mão-de-obra).

Quanto à infância, a criança passa a ser vista como futuro cidadão, como futuro produto e produtor do país, ocorrendo assim as primeiras leis voltadas para a infância. Os juristas, atentos ao grande número de crianças perambulando na rua e ao aumento da criminalidade infantil, passaram a usar o termo “menor” para crianças infratoras e de origem das classes mais baixas. Nesse discurso, há uma oscilação entre o foco da discussão, sendo ora a defesa da criança, ora a defesa da sociedade contra essa criança que deve ser vigiada e normatizada. Nessa circunstância, caminhos paralelos para os termos até então discutidos são delineados:

Marcílio (1998) realça o século XX como o período de descoberta e valorização da criança e afirma que essas conquistas estão associadas aos movimentos de emancipação progressiva dos homens e das mulheres. O século XX descobre a especificidade da criança e a necessidade de formular seus direitos, que passam a ser tidos como especiais. A taxa da mortalidade infantil decresce em função dos avanços científicos e tecnológicos. Ao mesmo tempo, aumenta a população nacional, com alto índice de fecundidade.

Esse século nos mostra que as lutas pelas infâncias e pelas maternidades não são lineares, simultâneas, e não são resolvidas uma em função da outra, mas, é possível pensar nessa relação como parte de um só direito: o direito à vida de mulheres e crianças. Por um lado as

mulheres conquistaram direitos importantes que as afirmam na sociedade não somente como mães, mas como profissionais capazes de exercerem a sua independência, realizar suas opções. Por outro, ser mãe nesse universo, ainda que compreendido como uma construção e não simplesmente instinto, parece caminhar para outro lugar: a imposição cultural de ser mãe. Há uma difícil compreensão para a sociedade do fato de mulheres bem sucedidas não serem mães.

Se o desejo da mulher de ter filhos não pode ser considerado propriamente uma novidade, o ideal de uma maternidade opcional implica numa ruptura com aspirações fundadas em ideais arcaicos – de dedicação materna exclusiva e obrigação da maternidade. É a singularidade frente a esse desejo que legitima a reedição do exercício da função materna, hoje harmonizado com as mudanças dos papéis femininos. Contudo, se a definição do papel materno vem mudando, esta mudança não se dá sem restrições. Algumas mulheres percebem a convivência dos novos papéis, quais sejam o de mãe e o de mulher trabalhadora, de maneira ambígua, em virtude do que consideram ser deveres maternos, quais sejam, maior dedicação à família e aos filhos, em detrimento das atividades fora do lar, mesmo que provisoriamente. (BORSA e FEIL, 2008, p. 5).

O século XXI é o tempo para os direitos das mulheres e das crianças. É também um século cercado pela proliferação de canais de denúncias de violência às mulheres e às crianças e tantas outras classes e gêneros. Nesse sentido, não se fala mais em família e sim em famílias nas mais diversas configurações. Por um lado, a mulher não está associada diretamente à maternidade, mas, por outro, uma vez feita essa opção, é necessário que ela cuide e proteja a criança. Ainda assim, mesmo a maternidade sendo uma opção, as crianças são abandonadas, não mais frequentemente nas portas de igrejas e conventos, mas em hospitais, lixos, bueiros, terrenos baldios, lagos, envoltas e sacos de lixo ou em suas próprias casas.

Abandonar uma criança assusta a sociedade no século XXI. Maus-tratos, sucessivos atos de violência do adulto para com a criança também assustam. Vender, prostituir crianças também são atitudes assustadoras. E se assusta, é porque houve mudanças históricas e culturais no modo de perceber a criança na sociedade. Igualmente, a indignação está inspirada na definição do papel materno e da relação com os filhos, com as crianças; não excluindo com isso aspectos de ordem política, econômica, social, moral que envolvem o abandono.

As modificações dos costumes familiares, econômicos, sociais tornaram a posição da mulher particularmente difícil na medida em que ela conquistou direitos de se expressar em esferas anteriormente proibidas, mas que, de certo modo, não conquistou o direito de ser uma

“boa mãe” de um modo diferente do que se conceituava em séculos anteriores. Quanto a isso, os fatores sociais e culturais são determinantes.

Em cada período surge um modelo de ser mãe, baseado numa diferenciação de papéis, defendida de acordo com os interesses econômicos vigentes. A ideologia da maternidade vivida ainda nos nossos dias confere a todas as mulheres a capacidade natural de amar os filhos e deles cuidar, sem restrições.

Pode-se com isso dizer que desafiar o mito do amor materno ainda é parte da realidade das mulheres e dos estudos que são feitos sobre isso. Primeiro, é preciso distinguir o fato de cuidar de seus filhos do fato de dar à luz uma criança. Essa primeira reflexão ultrapassa o entendimento estritamente biológico, instintivo de ser ou tornar-se mãe. Manter o entendimento da maternidade como instintiva atribui tão somente à mãe biológica o poder de cuidar de seus filhos. O instinto ou a biologia por si mesmos não geram a maternidade nas mulheres, pois o comportamento humano não é determinado instintivamente, mas mediado culturalmente.

Essa primeira crença instiga-me a refletir sobre a concepção de abandono da criança por parte da mulher que a concebeu. Algumas mulheres optam por abandonar os seus filhos sorrateiramente em locais variados, inusitados, tornando pública a sua ausência de condição material e ou afetiva para exercer a maternagem. Outras preferem institucionalizá-los ou entregá-los a adoção.

Com essas atitudes, a criança abandonada representa a articulação dos dilemas maternos com os dilemas culturais, marcando desde sempre a mediação social do *Outro* sobre a natureza biológica da criança. Nesse contexto de abandono, algumas possibilidades para a criança que vive, supera essa condição: morrer por condições inadequadas, sobreviver quando encontrada em tempo para ser cuidada, encontrar uma nova família, ser institucionalizada.

A resposta para esse tipo de abandono não é simples. É um fato social que se desvela, se compreendido historicamente, sob diferentes pontos de vista: biológicos e psicológicos, culturais e socioeconômicos, embora esse ato possa ter diferentes significações. Cada mulher em particular possui uma imensa história interna relacionada a muitos outros fatores externos que a influenciam reciprocamente. É preciso discernir sobre o desejo de ter filhos e o desejo de cuidar deles.

Ainda que tenhamos esse entendimento, há outros desafios: como impedir o abandono de crianças, nesse caso, recém-nascidas? Como compreender a posição materna sem compactuar

com o abandono de crianças? Como resolver a situação de mães jovens solteiras pressionadas pela família e abandonadas pelos parceiros, sem emprego, sem lugar para morar, que explicam o seu ato de abandonar os filhos? O que dizer daquela mãe que foi abandonada pela gravidez, sem assistência para superar o seu drama, para que possa estabelecer uma relação afetiva com uma criança que representa um fardo em sua vida? Como resolver o abandono de mulheres ditas bem casadas que abandonam o seu filho por não quererem ampliar a sua família para que esse não se torne um estorvo na sua vida profissional? Como resolver a questão do abandono de crianças por mulheres que foram violadas, estupradas? E nesse universo, como aprovar o abandono de crianças, ainda que as razões sejam parte de um universo feminino que apresenta conflitos de toda ordem? Estariam essas questões imersas no universo da cultura?

A construção da maternidade está relacionada ao conjunto de relações sociais que tem em sua gênese a história. As funções ditas biológicas da mulher não desapareceram com as mudanças culturais, mas adquiriram novos sentidos e estão incorporadas na história humana. “A história pessoal (desenvolvimento cultural), sem deixar de ser obra da pessoa singular, faz parte da história humana. A transformação que ocorre no plano ontogenético é um caso particular da que ocorre no plano filogenético”. (VYGOTSKY, 2000, p.51).

Ainda é possível perguntar: como as mães se revelam no meio social? Como o meio social age sobre elas? E no caso das crianças? Como as crianças, um dia abandonadas, sobreviventes, relacionam-se com a sua história?

Entro assim em outro campo: o da criança abandonada. Pode estar em diferentes meios: numa instituição ou numa família adotante. Pode ainda estar com parentes próximos da mãe que a abandonou ou com parentes do pai biológico. Nesses lugares chegam com uma história. Nesses espaços está o meio, conceito desenvolvido por Vygotsky, não como um padrão absoluto, mas relativo.

É preciso dizer que, de acordo com o autor, qualquer fator ambiental atua sobre a criança de diferentes modos, pois há de se considerar a sua faixa etária e, em especial, a sua história. As crianças exprimem fortemente as mudanças sociais, quer porque as recebem sob a forma de condições sociais e culturais de existência em transformação, quer porque elas próprias mudam, enquanto atores sociais contextualmente inseridos. As crianças também interpretam as mudanças e posicionamentos perante elas.

O meio em que a criança vive também exerce influência sobre suas experiências emocionais. Em outras palavras, é temerário interpretar as repercussões do abandono para uma criança sem considerar como ela toma consciência dessa história e se relaciona emocionalmente com esse acontecimento. Isso significa dizer que cada criança em particular possui características constitucionais que são mobilizadas por experiências emocionais, mas que também não se cristalizam, que provocam novas experiências emocionais. “(...) qualquer evento ou situação no entorno social de uma criança surtirá um efeito diferente sobre ela dependendo de quanto ela compreende seu significado e sentido”. (VYGOTSKY,2001). Logo, “O ponto crucial da questão é que, qualquer que seja a situação, sua influência depende não somente da natureza da situação em si, mas também da extensão da compreensão e consciência da criança acerca da situação” (Ibidem). Isso nos leva a compreender que o abandono em tenra idade repercute de modo diferente para cada criança em particular, mas que também pode não ser interpretado apenas por uma história inicial. Novas relações podem desempenhar funções diferentes para cada criança.

Mas, o que dizer das crianças que são abandonadas mais tardiamente? O que dizer de crianças que percebem o seu abandono na família e partem em busca de outro lugar? O que isso significa para a criança? Tentemos imaginar uma criança sendo educada num ambiente hostil, de maus tratos, não recebendo cuidados e proteção necessária para o seu desenvolvimento. Tentemos ainda imaginar crianças “educadas”, não pela sua família biológica, mas em que ainda persistem o abandono e os maus tratos.

Circunstâncias externas podem estar presentes nesse quadro. Há um abandono constituído nas relações cotidianas, entre mães e filhos ou pais e filhos, que podem reverberar de diferentes modos: na ausência de cuidados físicos e com a alimentação, na ausência de afeto, entre outros fatores que apresentam diferentes formas de abandonar.

Com esses quadros das maternidades e infâncias chegamos a algumas indagações na contemporaneidade. As constituições familiares passaram e passam por momentos diversos que guardam um diálogo com as condições das infâncias ontem e hoje. Há uma história construída, mas que apresenta persistências.

Na fronteira destes acontecimentos incluem mulheres e crianças e percebemos a construção de processos que envolvem a provisoriedade vividas por mães e filhos, que falam de temporalidades distintas, marcam singularidades, sinalizam para peculiaridades da história desenhada no cenário brasileiro.

Não se trata aqui de tomar qualquer história, e sim, a história de um contexto, de pessoas envolvidas na questão do abandono. Há marcas de um passado, de natureza econômica, mas também cultural e social, enfim, estamos falando sobre as maternidades e infâncias e de especificidades que levam a reconhecer cada mãe e cada criança em particular.

Receio que estejamos tranquilos demais com os avanços legais em relação à mulher e à criança. Não se trata também de dizer que no passado as condições das mulheres e crianças eram muito piores, sem perceber que houve mudanças com perdas e ganhos, mas que há também certa continuidade de padrões culturais em relação às maternidades e às infâncias.

O inconformismo na contemporaneidade, com relação ao abandono, está em buscar respostas às indagações a respeito da origem do abandono, levando-se em conta a constituição das mulheres e das crianças; suas relações em diferentes culturas e classes sociais, ultrapassando, assim, a exigência de que os direitos de um e outro se cumpram. É repensar no como fazer para que as maternidades e infâncias encontrem um lugar de harmonia, de não aniquilação de um direito sobre o outro.

As indagações contemporâneas recaem sobre a convivência com as descobertas científicas que possibilitam a muitas mulheres biologicamente incapazes, mas que desejam um filho, conceberem-no e ao mesmo tempo conviver com as mães que não os desejam. Levam a penetrar nas entranhas de uma mulher que não resiste a uma gravidez indesejada (e sequer sabemos se ela deve resistir) mas cuja chegada a coloca no abismo entre ser mãe ou abandonar o filho.

O desafio contemporâneo é que a sociedade deixe de ser testemunha silenciosa do abandono de mulheres e crianças, atentando para os movimentos que os caracterizam, que os concebem como diferentes, porém relacionados.

Na “vida real”, tomando o abandono de modo particular, relacionando as maternidades e infâncias, acreditamos poder colaborar para o preenchimento de uma importante lacuna que nos diz sobre a relação inicial e crucial da relação mãe e filho e sua “separação”, por meio da identificação de alguns fatores psicológicos, sociais e institucionais presentes nesse acontecimento. O que se espera são caminhos alentadores que contribuam para a aceitação social de mães que optam por não cuidarem dos seus filhos, sem que, para isso, tenhamos que conviver com o abandono de crianças.

3.2 Condições das crianças: abandono e resistência

Desde sempre se registram casos de maus-tratos contra a criança. Muitas civilizações abusaram e sacrificaram a vida das crianças com fins que hoje consideramos desumanos, como, por exemplo, o caso de Moisés, que recebeu ordem do Faraó para matar todos os meninos hebraicos. O rei Herodes, na tentativa de matar o Menino Jesus, ordenou que todas as crianças com idade inferior a dois anos fossem mortas. No antigo testamento há casos em que era exigida a morte do primogênito a fim de que houvesse sorte no campo de batalha. (MARCÍLIO, 2006).

Na atualidade temos mães que abandonam e mães que são abandonadas. Filhos abandonados e filhos que abandonam. Mães que desejam ser mães e outras que não incluem em sua vida essa opção... mas os filhos “surgem”. Mães mortas e filhos vivos, sobreviventes e viventes de uma história. Filhos mortos e mães que parecem morrer com eles. Filhos mortos que ressignificam a vida dos pais. Isso leva a refletir que essa relação envolve elementos da condição da subjetividade humana. Ambos existem, co-existem, pelas semelhanças e diferenças tanto históricas quanto culturais.

Se revisitarmos a história do Brasil, no segundo e o terceiro séculos de colonização, e atentarmos para a atualidade, veremos que nesse período surgiu uma modalidade selvagem de abandono. “Meninos e meninas com dias ou meses de vida não encontravam abrigo; eram deixados nas calçadas, praias, terrenos baldios, conhecendo por berço os monturos, as lixeiras, e tendo como companhia cães, porcos, ratos que perambulavam pelas ruas”. (VENANCIO, 2007, p190).

As crianças hoje ainda são abandonadas, sem dizer com isso que não houve avanços em termos legais, inserção de projetos sociais e uma maior consciência por parte da sociedade com relação a esse fato. Os sentidos do abandono modificaram-se. Assim como os lugares para o abandono de crianças recém-nascidas expandiram-se: lixos, bueiros, lagos, hospitais, árvores, entre outros. Outros modos de abandono talvez tenham surgido ou estão mais divulgados: nas ruas, nos próprios lares, na ausência de cuidados, acorrentadas por pais ou responsáveis. Ou ainda, estando em casa, com famílias convencionais, são deixadas sozinhas, sem uma alimentação adequada, sem escola, maltratadas. A interpretação para o abandono de crianças se expande. Ele atinge diferentes classes sociais, é motivado por distintas explicações.

Penso que já não se pode dizer que o abandono de crianças na atualidade pode ser justificado tão somente pelas condições das mulheres que abandonam. Outros fatores se agregam a esse acontecimento, que se tornou não somente uma responsabilidade das maternidades, mas, da sociedade como um todo.

A relação mãe e filho, as opções das mulheres, as maternidades não explicam os inúmeros casos de abandono. Mas, optei por dizer sobre esse abandono, antes de dizer de outros modos de abandonar.

Ser mãe envolve papéis sociais que exigem maneiras específicas de desenvolvê-los, em grande parte reconhecidas por uma cultura. Evidentemente, desempenhar tais papéis depende de inúmeros fatores tais como: econômico e cultural, que colocam alguns limites para que se estabeleçam, entendidos como uma relação construída ao meio de um embate entre a relação *eu* e o *outro*, mas essencialmente composta no contexto histórico, social e interpessoal.

Sem adentrar na política dos municípios e da Educação Infantil, posso afirmar que não há espaços suficientes para receber crianças pequenas e mães que trabalham. Esses espaços, ainda que existentes, trazem conflitos de papéis, na medida em que a mãe que trabalha não consegue ver e viver, de forma integrada, seus papéis sociais de mãe, de mulher e de trabalhadora, experimentando sentimentos desagregadores e conflitivos já que não consegue ser, por inteiro, nem mãe, nem trabalhadora. Por outro lado, apenas e simplesmente por ter decidido colocar seu filho numa instituição infantil, é vista como negligente em relação a seu papel de mãe; ou merecedora de gozar do direito de ter seu filho cuidado na creche apenas e quando estiver exercendo seu papel como trabalhadora.

Não é possível, em princípio, considerar o problema da creche independentemente dos contextos sociais relacionados. Historicamente, os estilos de cuidado à criança sempre acompanharam as condições de subsistência das sociedades. Moreira e Lordelo (2002) comentam sobre a sustentação das demandas por creches.

Pode-se sustentar que a demanda por creches no Brasil responde a três tipos de necessidades sociais: o primeiro tipo é, sem dúvida, a liberação da mulher para o ingresso no mercado de trabalho, sem que seus filhos sejam prejudicados. O trabalho da mulher vem sendo visto, nos últimos 50 anos, como uma condição importante para se atingir uma igualdade entre os sexos, em termos de direitos. O segundo tipo de necessidade está ligado às mudanças na estrutura da família, crescentemente nuclear ou mono-parental, condição em que não há mais avós ou outros parentes capazes de substituir os pais no cuidado à criança pequena.

Finalmente, a creche responde às condições de extrema pobreza de grande número de famílias ocupando as periferias das grandes cidades, com habitações extremamente precárias, em termos de saneamento básico, espaço, segurança, equipamentos e materiais, as quais pressionam o Estado a fornecer condições de cuidado mais apropriadas ao desenvolvimento. (p.3).

Apresento, assim, o sentido de abandono que envolve mãe trabalhadora e filhos sem cuidados em sua casa e ao mesmo tempo em que as alternativas existentes não dão às mães a garantia de que conseguirão exercer a sua maternidade, tal como esperada em nossa cultura, e que os filhos terão de se manter cuidados, educados, numa perspectiva esperada e desejada.

Mas, pensemos em outro tipo de abandono, de filhos de classes sociais mais elevadas que possuem casa, alimentação, pais trabalhadores, mas que terceirizam os cuidados e a educação de seus filhos. Esses são abandonados pelos pais, mesmo vivendo na mesma casa. Nesse caso, não são os fatores econômicos que estão em jogo, ou pelo menos quanto à capacidade de pais poderem sustentar os seus filhos em escolas, alimentação e outros tipos de atividades para a criança, para que permaneçam ocupadas.

A disparidade entre ricos e pobres, entre os salários mais altos e os mais baixos e, conseqüentemente, entre o tipo e a qualidade do consumo é uma realidade. A consciência dessa diferença agride mais do que a relativa homogeneidade da pobreza. É inaceitável que uma criança passe fome, em qualquer parte do mundo, mas é mais grave que uma criança passe fome diante de uma mesa farta porque lhe negam comida ou que pais não tenham tempo, disposição, desejo de oferecer uma alimentação adequada. É comum encontrarmos crianças desnutridas em classes sociais elevadas.

Nesse caso, teria a maternidade se tornado uma imposição cultural? Sabemos que o abandono de crianças foi atribuído principalmente pela condenação social dos nascimentos ilegítimos e a miséria. Mas, a história também nos conta que estas não são as únicas causas. Havia também o desejo de preservar a dignidade e a honra das moças de classe sociais privilegiadas, que tinham filhos de relações consideradas ilícitas ou em situação de promiscuidade. (VENÂNCIO, 2007). Mas, ao que me parece, nesse caso que está sendo discutido, não se encaixam tais justificativas. Trata-se de um abandono “consentido” socialmente.

O vínculo com a mãe toma, nessa circunstância, um peso preponderante, pois talvez ele ainda seja o único e o mais estável vínculo das crianças nos dias atuais, com suas várias

configurações. Examinar o estatuto da mulher e a instância da mãe leva a examinar também o papel social dessa mãe igualmente trabalhadora, imersa nas cobranças da civilização contemporânea. Nessa relação, há um outro componente: a transformação dessas famílias em sujeitos consumidores, em que pais e filhos são explorados pela ideia de que os objetos, aquilo que é material, que pode ser consumido possa comandar as pessoas, fazendo-os trazer para esse círculo fechado (a família) materiais que fazem desaparecer os vínculos familiares e sociais e conseqüentemente os cuidados básicos com a criança.

No entanto, o abandono não pode ser interpretado tão somente pela diferença de classes sociais. Como já dito, há uma multiplicidade de abandonos não somente de recém-nascidos, mas de crianças e adolescentes de diferentes idades.

Há mães (e pais?) que abandonam por não quererem um filho. Não faz parte de seu projeto de vida. Não o querem. Mas, daí advêm várias perguntas: Por que não o evitaram com métodos contraceptivos? Por que foi levada a gestação até o final? Perguntas igualmente difíceis de serem respondidas. A história de cada mãe que abandona seu bebê, que o rejeita e o expõe ao risco de morrer, ainda está para ser descrita.

Mas por que estas mães impõem aos seus bebês o risco de morrer? Precisam morrer? São eles testemunhas silenciosas de um acontecimento que não podemos aceitar? Possivelmente existem muitas pessoas que amariam essas crianças e que poderiam dar a elas carinho, cuidados, educação, proporcionando assim a essas crianças afeto. Mas se existem pessoas que não querem seus filhos, que optam por abandoná-los em situação de alto risco, em qualquer lugar, e se existem pessoas que querem essas crianças, por que isso não acontece? Penso que há razões para isso, mas que não há como apontá-las neste momento.

Na atualidade, têm sido reconhecidas razões patológicas e sociais para o abandono, por meio de opiniões médicas. Ressaltam a questão da depressão pós-parto que se explica pelo processo bioquímico e hormonal presente no corpo da mulher responsável pela perda de afeto pelas crianças.

Para Siprizzi²⁴ (2006), psiquiatra da Universidade Estadual de São Paulo (USP), na situação de depressão, a mulher “passa a atentar contra a própria vida, perde a auto-estima e fica

²⁴ As informações de Spizzi e Cavalcanti foram retiradas de uma reportagem do Jornal Globo, disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1311267-5598,00.html>. Acesso em 02/07/2011.

com o humor baixo”. No caso da psicose puerperal, “a mulher perde a noção da realidade e chega a pensar que a criança ou o bebê é uma ameaça contra ela”. Essa situação limítrofe surge quando a pessoa não tem um equilíbrio pessoal. “Para que uma mulher faça isso (abandonar ou matar o próprio filho), é preciso que o relacionamento social e interpessoal dela seja caracterizado pela abominação ou crítica. A sociedade não busca entender o que se passa com essa mulher, e a condena, julga”.

Cavalcanti (2006), obstetra do Hospital das Clínicas em São Paulo, avalia que a pressão da família para que a mulher seja mãe é muito grande e, em muitos casos, isso contrapõe diretamente a vontade da mulher em querer a maternidade. “Essas mulheres que abandonam ou matam suas crianças são mulheres sofridas, que vivem na pobreza e são submetidas a um relacionamento submisso”. E acrescenta: “A progesterona é um fator agravante, principalmente no pós-parto. Mas isso não é apenas um problema médico. Os fatores culturais são também muito fortes na formação da personalidade da mulher. Na questão da maternidade, você pode ser mãe e ser feliz, mas pode ser mãe e não ser feliz.”

As explicações dos especialistas não justificam o abandono ou o ato de violência contra bebês e crianças, mas evidenciam de certo modo a imposição cultural para que a mulher torne-se mãe. A partir de tal proposição entramos em outros sentidos para o abandono. A presença do julgamento dessas mães desenha uma nova concepção de maternidade e de criança, que inclui nessa relação características psicológicas, afetivas, emocionais.

Mas, ainda há casos de abandono que independem de fatores médicos ou psiquiátricos. É possível encontrar casos de mães que abandonam e que possuem em sua história situações de abandono, maus-tratos, violência ou que em outras palavras não vivenciaram o afeto e que não compreendem esse sentimento como importante.

As razões para o abandono são as mais diversas e ele é realizado de diferentes modos. Filhos maiores abandonados em aeroportos, rodoviárias, beira de estradas, em um bairro qualquer. Em alguns casos, esse tipo de abandono é motivado por mães drogadictas, que os deixam sem ter coragem de entregá-los para a adoção.

Sabemos muito sobre o abandono na história em séculos anteriores, mas, na atualidade, houve modificações nos sentidos do abandono e o que há são constatações isoladas para um e outro caso de abandono. A decisão de abandonar um filho pode significar para a mulher a

aceitação da impossibilidade de criá-lo, ou sua rejeição a ele ou a frustração de seu amor e desejo de maternar. No entanto, compreender isso é apenas uma faceta do abandono. O abandono de uma criança é real e manifesta-se na supressão de um vínculo que coloca em risco a vida e o desenvolvimento de uma criança.

Por mais que entendamos as razões do abandono de uma criança, resistimos em vê-las abandonadas, maltratadas. O abandono é um fato social que só se desvela se compreendido historicamente nas suas vertentes biológicas e psicológicas, culturais e socioeconômicas. Há muitas razões que contribuem para abandonar os filhos, mas que não ressoam como explicações acalentadoras para aceitar o abandono, e sim para resistir a ele.

3.3 Sentidos do abandono e de órfão (ontem e hoje)

Entendeu-se por algum tempo que órfão é aquele que não possui, por alguma razão, convivência com as pessoas que descendem do mesmo tronco ancestral. Sob o ponto de vista jurídico; o conceito de filiação tem originariamente a sua justificativa num substrato biológico, dividindo-se em legítima (fruto do casamento) e ilegítima (fruto de relação extraconjugal).

As crianças-órfãs consideradas ilegítimas por serem fruto de uma relação extraconjugal foram colocados à margem social pelo Direito Antigo. Dessa concepção herdamos termos como “bastardos”, “filhos naturais”, “filhos ilegítimos”, “filhos de outro sangue”, “filhos da traição”, “enteados”, ou alguém que “não é filho de...”. Esses filhos não foram reconhecidos pela Igreja e nem pelo Estado, carregaram (ou ainda carregam?) uma carga discriminatória social que os impedia (ou ainda impede?) de realizar reivindicações relativas à sua origem, além de lhes serem negados alguns direitos, como a herança deixada pelos pais aos filhos legítimos.

Os filhos considerados ilegítimos talvez sejam os primeiros a ser identificados como órfãos, já que a forma como se estruturavam as famílias colocava-os frente à discriminação social. "A mulher branca que assumisse o filho ilegítimo ficava sujeita à condenação moral, enquanto as negras e mestiças não estavam sujeitas aos preconceitos sociais como as brancas de posição [...] modesta. Um filho ilegítimo (de mulheres negras e mestiças) não desonrava a mãe no mesmo grau de uma mulher branca" (VENANCIO, 2007, p.198) e “os impedimentos morais, a condenação das mães solteiras, principalmente das brancas, certamente contribuía para a

multiplicação dos enjeitados” (p.199). Muitas escravas enjeitavam o seu próprio filho na esperança em que fossem considerados livres.

Sobre a ilegitimidade dos filhos, Elias (1994) diz que as relações extraconjugais eram aceitas mais ou menos como naturais até o século XVI, podendo-se ver com uma certa frequência em casas de famílias de cidadãos respeitáveis a convivência entre filhos legítimos e ilegítimos, sem nenhum segredo. Até este século o homem “não havia ainda forçado socialmente a sentir vergonha de seus relacionamentos extramaritais [...] mas sem dúvida isto levou a sérios desentendimentos familiares”. (p. 182-183). Considerar uma criança que nasceu de relações extraconjugais ilegítima como órfã é negar a autoria de um ato, é negar a intimidade, é submeter-se às regras sociais a qualquer custo. Reverter a “orfandade” de pais vivos em proteção requereu tempo, mudança de hábitos sociais, de concepções de família, mulher e infância.

Ramos (apud PRIORE, 2002), ao descrever a história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI, ressalta que as meninas-órfãs precisavam manter-se virgens até chegar à Colônia. Eram consideradas órfãs mesmo tendo apenas o pai falecido. “[...] muitas meninas classificadas órfãs do Rei, com idade superior a 18 anos, não passavam de prostitutas colocadas no orfanato pelos magistrados portugueses, a fim de livrar a sociedade das “pecadoras”. (p.33).

O estupro de meninas pobres maiores de 14 anos de idade dificilmente era punido, sendo assim, aquelas que embarcavam como órfãs eram violadas por grupo de marinheiros, e muitas delas com matrimônio prometido passaram a ser cuidadas por religiosos. No entanto, devido ao grande número de pessoas na tripulação, não era fácil controlar o assédio e muitas delas se mantinham escondidas, passando por privações alimentares, em ambientes insalubres e acabavam falecendo antes de conhecerem o marido.

A criança-órfã é também identificada como uma categoria de infância que emergiu em função de guerras e epidemias. Um grande número de crianças foi apanhado pelo holocausto na Segunda Guerra Mundial, presas em campos de concentração, assistindo a degradação e morte dos pais assassinados em câmaras de gás. “Um milhão e meio de crianças morreu durante o holocausto, das estimadas 1,6 milhão de crianças judias que viviam no continente europeu (fora da Rússia), em 1939. Foram mortas por serem judias, na fúria nazista anti-semita e não porque eram crianças. O fato de serem crianças não lhes deu nenhuma proteção”. (STEARNS, 2006, p.169).

Muitas crianças foram também enviadas durante a guerra para Londres, antes que fossem cercadas pelos alemães. Ainda assim, enfrentaram sérios problemas vivendo longe da família, em lugares desconhecidos. Outras permaneceram entre bombardeios aéreos e tiros de canhão. Vivenciaram a morte, ferimentos, perda de pais e familiares, submetidas a uma pressão psicológica inimaginável. Nos anos 70, em Camboja, um país em que crianças-órfãs são cuidadas por vizinhos em aldeias, havia três orfanatos com 1.600 crianças. (STEARNS, 2006).

A guerra destruiu a tradição: por volta de 1974 havia 3 mil orfanatos com 250 mil internos vivendo em condições estarrecedoras, porque as necessidades ultrapassavam em muito os recursos. Devido à morte dos pais ou por terem se perdido deles durante a longa fuga da violência, cerca de 65% dos habitantes de alguns campos de refugiados eram crianças. [...] Em Ruanda, em 1994, cem mil crianças foram separadas dos pais, embora, com ajuda oficial, mais tarde algumas famílias tenham conseguido reunir. (STEARNS, 2006, p.175).

Os órfãos no Brasil já foram incorporados na mesma categoria de menores vagabundos, filhos de pais incógnitos, desvalidos. Estes passaram a ser aprendizes de guerra, tendo a pátria como pai e mãe. “[...] eles formariam os então denominados ‘batalhões da esperança’ e supostamente dedicariam à nação todo amor, fidelidade e lealdade que os demais mortais costumavam consagrar a familiares.” (VENANCIO, 2002, p.194) e assim as crianças pobres, órfãs, enfeitadas eram recrutadas quase sempre sem uma preparação prévia e o mar definia o seu destino.

Com a expansão do número de crianças órfãs e abandonadas, foi criada uma política e uma cultura de institucionalização nascidas em uma sociedade disciplinar e de controle, com um sistema hierárquico vertical. Antes de tudo, eram instituições essencialmente “corretivas”. As crianças eram tratadas na coletividade. Sem a existência de responsáveis diretos (família), as crianças são vistas como “desviantes em potencial” e para tanto era preciso tratá-las com rigor e disciplina. A história da institucionalização de crianças no Brasil aparece definida em textos jurídicos a partir do período imperial. No entanto, no período colonial há registros de algumas modalidades de instituições tais como: colégios internos, reformatórios, seminários, asilos, escolas de aprendizes de guerra, dentre outros. O modelo internato frequentado por crianças e jovens ricos caiu em desuso na metade no século XX.

Os rumos da institucionalização de crianças e jovens eram descritos e justificados em função da necessidade de “proteção” dos menores. Entretanto, o interesse do Estado pela

“proteção dos menores” advinha do entendimento de que estes eram infratores e delinquentes. Além dos abrigos havia também os institutos disciplinares destinados à educação física, profissional, moral e literária para menores do sexo feminino com idade inferior a sete anos de idade e que não tivessem excedido 18 anos de idade.

As categorias e subcategorias criadas para a internação de crianças e jovens aumentaram e a demanda tornou-se maior, complexificando assim a função centralizadora do juiz de menores. A cultura de que as famílias pobres eram incapazes de educar os seus filhos intensificou a institucionalização. Já não era possível decretar sobre a infância sem, contudo, observar o movimento histórico, político e social que mobilizava (e mobiliza?) diferentes setores da sociedade, classes sociais, gênero, etnias. Rizzini e Rizzini (2004) comentam sobre os dados relativos à internação:

Os dados relativos à internação de desvalidos são exíguos; o interesse investigativo repousava quase totalmente nos tidos por delinquentes, o que pode gerar distorções na qualificação da população internada. Os *delinquentes* eram apreendidos contra a sua vontade, os *desvalidos*, em boa parte, eram internados por solicitação da família, e até por iniciativa própria. A maior parte dos delinquentes, avaliada nos anos 1937-38 era formada por meninos brancos (cerca de 40%) e empregados no comércio (cerca de 20%). Somente 8% não tinham profissão, 18% eram “pardos” e 12% “pretos”, mas em praticamente 30% não se conhecia a cor (Mello, op cit., p.29). Impossível estender essa composição ao universo dos internados; pode-se supor que muitos apreendidos alegassem trabalhar em função do valor do trabalho como garantidor de cidadania para os pobres, mas há indícios de que o envio do menor trabalhador à delegacia de menores servia como castigo para o suspeito de delito e exemplo para outros companheiros de trabalho. (RIZZINI e RIZZINI, 2004, p.32).

Os dados sobre as internações revelam não somente a institucionalização indiscriminada de crianças, como um problema social grave a ser enfrentado pelo poder público e pela sociedade. Questões de fundo atravessavam esse modelo de “proteção” às crianças e os motivos para o abandono requeriam uma análise com profundidade.

As explicações históricas para a orfandade, que se confundia com o abandono, em séculos anteriores, que levaram muitas crianças a serem exploradas, institucionalizadas, a perderem suas vidas, a serem exploradas sexualmente, nos levam a perguntar sobre a mudanças dos sentidos para a orfandade e abandono na atualidade. O objetivo desse tópico é, portanto, discutir algumas ideias, pressupostos, situados na abrangência dessas condições de infância, mas

que permitem problematizar a partir de situações atuais que têm contribuído para a proliferação de crianças-órfãs.

A complexidade dessa condição permite que adentremos em questões sociais, num tempo em que as crianças-órfãs parecem passar despercebidas em meio às transformações que se operam, se tomarmos como ponto de referência a história atual.

Sobre a ilegitimidade dos filhos que se tornavam órfãos ou abandonados, a questão parece-me que em parte resolvida, pelo menos em termos jurídicos. Não se exclui o abandono desses filhos, mas, há um reconhecimento jurídico dos mesmos, que devem ter os seus direitos resguardados e o merecido reconhecimento de sua origem.

Sobre as “órfãs do rei” ou órfãs pobres, mudaram-se os sentidos. Não são obrigadas a se casarem virgens, mas podem estar em algum lugar abandonadas, ou submetidas à prostituição, por exemplo.

Sobre a institucionalização, recai sobre ela o índice muito maior de crianças abandonadas do que órfãos. Isso nos mostra a mobilização da história, a configuração de novos conceitos, as multidimensões dessa condição de infância.

A emergência de crianças-órfãs na atualidade pode ainda ser justificada pelas maternidades, pela gravidez precoce, por epidemias (AIDS), como no passado. Mas, as condições não são as mesmas. As epidemias, as adolescentes e mulheres que engravidam possuem diferentes histórias. Destaco alguns elementos que têm contribuído para evidenciar as crianças-órfãs na atualidade. Alguns fatores têm contribuído para que crianças-órfãs mereçam atenção na atualidade como os decorrentes de fatores ambientais, climáticos e de habitação.

A principal razão para a preservação ambiental é assegurar a segurança das pessoas, homens, mulheres e crianças. Pessoas têm perdido casas, bens e a própria vida pelos fatores ambientais. As populações carentes são as mais vulneráveis aos desastres, porque dispõem de menos recursos e capacidade para lidar com os impactos ou evitá-los.

A vulnerabilidade humana aumenta, a infraestrutura fica sobrecarregada, as áreas habitacionais movem-se para perto de indústrias potencialmente perigosas, e mais assentamentos são construídos em áreas frágeis como planícies de inundação ou áreas propensas a deslizamentos de terra. Conseqüentemente, as catástrofes naturais afetam mais pessoas. Nesse cenário, as

crianças correm risco de morte e aumenta o número de crianças que perdem os seus pais. A perda dos pais ou protetores nessa condição pode tornar as crianças menos visíveis e menos protegidas.

Escolas transformam-se em abrigos e as catástrofes ditas naturais são resolvidas temporariamente com a solidariedade humana. Não sei ao certo se já é possível prever estatisticamente o número de crianças que se tornaram órfãs com essas tragédias “naturais”. Mas, temo pelo abandono delas pelas políticas sociais vigentes. Há crianças que perderam famílias inteiras. Em que lugar estão?

Um segundo fator para aqui ser agregado ao estudo das condições que contribuem para o abandono de crianças. Trata-se da violência contra elas.

De acordo com o relatório da UNICEF (2009)²⁵, “muitos dos casos de violência, seja ela física, sexual ou psicológica, não são notificados e, muito menos, investigados. A vulnerabilidade é ainda maior quando se fala em pessoas com deficiência, negros, adolescentes em conflito com a lei, moradores de rua e de meninas e meninos que vivem em comunidades populares dos grandes centros urbanos”. Abandonadas ou órfãs?

Dependendo de cada situação, a criança pode estar incluída nas duas condições. Mas, com relação ao sentido do abandono nesses casos, ela está submetida a situações conflituosas que a deixam exposta à exploração ou violência sexual, conflitos armados, a pessoas que praticam tráfico de crianças, negligência. Marginalizadas e excluídas, sofrem violações de seus direitos à proteção.

A violência contra crianças de qualquer que seja a etnia, classe social, habitação é uma realidade que caracteriza o abandono. Mas, de quem? A responsabilidade primária pelos cuidados e pela proteção da criança cabe à família. Porém, por inúmeras razões, entre outros, perda dos pais, separação relacionada a deslocamentos, violência e abuso domésticos, pobreza extrema, muitas crianças são privadas de um ambiente familiar que favorece o seu desenvolvimento. Quando, por qualquer razão, a proteção familiar às crianças não existe, aos Estados brasileiros cabe a responsabilidade de dar-lhes proteção e assistência especiais.

Crianças órfãs são muito mais vulneráveis a violações de seu direito à proteção. Uma avaliação realizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)²⁶ revelou que crianças

²⁵ Disponível em: www.unicef.org.br Acesso em 04/07/2011.

²⁶ Disponível em: www.oit.org.br/ Acesso em 04/07/2011.

órfãs têm probabilidade muito maior de trabalhar em agricultura comercial, como vendedores de rua, em serviços domésticos e no comércio sexual do que crianças não órfãs.

Essas crianças correm risco de lesões corporais e estão mais expostas às doenças. Entretanto, os riscos que as crianças envolvidas em trabalhos perigosos enfrentam não são apenas lesões, doenças ou até mesmo a morte. Frequentemente também ficam fora da escola, que poderia fornecer-lhes condições menos perigosas, quando adultas.

O trabalho infantil ainda atinge crianças em condições de orfandade ou abandono. Outras tantos fatores associados ao abandono e orfandade poderiam aqui ser destacados, tais como: comércio de crianças, pedofilia, prostituição infantil, casamentos precoces, violência doméstica, estupro de crianças, assassinatos cruéis. Nesse universo, a discussão sobre o abandono se amplia, o que inclui também a problemática da institucionalização, mas não constitui o foco de nosso trabalho discutir todas essas questões. São apontadas aqui para evidenciar os *sentidos* da orfandade e do abandono (ontem e hoje).

Para discutir os *sentidos*, retomo Vigotski (2001). As “palavras” (orfandade e abandono) aqui evidenciadas modificaram-se, ampliaram-se. As composições de sentidos são entendidas como formas singularizadas, porém socialmente constituídas, de experimentação de interações e são necessariamente contextuais. Esse enriquecimento das palavras que o sentido lhes confere a partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras. “A palavra nos infunde a lembrança do seu significado como qualquer coisa faz lembrar a outra”. (VIGOTSKI, 2001, p.400).

O “sentido” se produz nas práticas sociais. Abrem-se vias para que se admita a polissemia da linguagem e, conseqüentemente, para que se pense em múltiplas construções de sentidos. A mudança de condições dessas crianças e a persistência de práticas contra elas pressupõem um movimento e uma transição de uma palavra e outra, que não têm limites definidos. Isso significa dizer o quanto é difícil separar abandono e orfandade quando se pensa nas conseqüências semelhantes de uma e outra, e, ao mesmo tempo, os significados não coincidem. As palavras orfandade e abandono estão vinculadas às condições e práticas sociais, nos entremeios, nas articulações das múltiplas sensibilidades, experiências, afetos, trazendo assim um jogo de condições e contradições que as envolvem.

As palavras orfandade e abandono foram provocando imagens, configurando-se em conceitos e inserindo-nos como participantes dessas condições. Não são relações estáticas ou definitivas. Vimos ao longo do texto aspectos associados diretamente ou não a essas condições. Entre uma história e outra, de ontem e hoje há acontecimentos, fatos, fatores possíveis de serem comuns e há sempre uma heterogeneidade.

Os modos de pensar o abandono e a orfandade estão mudando, na medida em que se expandem os problemas sociais e ganham maior visibilidade. Órfãos de pai e mãe de ontem foram fonte de renda por meio de um juizado de menores que tomava conta dos seus bens. Órfãos de mãe, ontem, não tinham acesso a bens e eram mantidas juntamente com a figura materna até aproximadamente três anos de idade, enquanto dependessem da amamentação. Órfãos de mãe, naturalmente, eram institucionalizados pelos pais. Órfãos de ontem eram submetidos a vendas, encaminhamentos para a vida marítima, submetendo-se a doenças, maus-tratos, exploração sexual. Meninas órfãs de ontem eram mais discriminadas, servindo como alvo para serem laçadas por homens poderosos. Órfãos de ontem eram institucionalizados sem terem o direito de conhecer a sua origem e eram frequentemente marginalizadas. Órfãos adotados ou os “filhos de criação” não tinham qualquer direito sobre os bens da família e por vezes se submetiam a trabalhos para auxiliar a família.

E os órfãos de hoje? Órfãos que não possuem pais ou qualquer vínculo biológico. Se hoje conquistaram direitos quanto ao modo como foram gerados (por união ilícita); se conquistaram órgãos, projetos sociais, instituições para protegê-los, se inserem no movimento de adoção, não estão ainda totalmente livres da história do passado. Agregam-se outros fatores que perpassam pela desigualdade social. Criar um ambiente que proteja as crianças exige esforços contínuos e sustentados por parte das pessoas e de organizações, desde a família, os mais diferentes setores da sociedade, até os legisladores e executores do poder público.

Não podemos afirmar que os fatores assinalados (fatores climáticos e habitação, violência contra crianças, trabalho infantil) atingem exclusivamente órfãos de pais ou de um de seus progenitores. Mas, podemos inferir que entre essas crianças há órfãos, no sentido estreito e dicionarizado da palavra. É cada vez maior o número de crianças que, devido à morte de um dos pais, ou de ambos, são forçadas a assumir responsabilidades, não apenas por sua própria vida, mas também pela vida de seus irmãos mais novos, frequentemente com consequências trágicas em relação a seus direitos e seu desenvolvimento.

A educação situa-se entre as primeiras perdas para um órfão. As crianças podem abandonar a escola porque a carga de trabalhos domésticos torna-se muito grande, ou porque os novos responsáveis por elas dentro de suas comunidades ou a família ampliada não estão preparados para assumir os custos de sua educação. Quando isso ocorre, também ficam mais expostas a ser excluídas de outros serviços: saúde, nutrição e outras formas de se proteger contra violência e abuso.

Se não estão órfãs, existe o abandono. A perda da proteção da família e a falta de recursos adequados para enfrentar as necessidades e os desafios podem expor as crianças a riscos significativos. Muitas crianças fogem de casa como reação a abusos psicológicos, físicos ou sexuais. Uma vez nas ruas, as crianças tornam-se vulneráveis a todas as formas de exploração. Tais crianças encontram-se em situações de conflito com a polícia e outras autoridades, e têm sido molestadas ou espancadas por elas. São arrebanhadas e conduzidas para fora dos limites da cidade, onde são abandonadas.

Já dizia Ariès (1981) que a infância deve ser um período separado da vida adulta. Papéis de adultos muitas vezes acarretam alto risco de prejuízos ao bem-estar físico e mental da criança. Crianças envolvidas nesses tipos de atividades não só são impedidas de ter uma infância, mas frequentemente também correm risco de morrer ou de sofrer lesões graves que podem ter consequências para o resto de sua vida.

Quaisquer que sejam os motivos que levam crianças órfãs ou abandonadas a não viverem o que lhes é próprio da infância, estamos diante de um dilema cultural e social. Perpassamos pela maternidade, pelas condições de abandono e pelos sentidos de orfandade e abandono (ontem e hoje). Levantamos mais questões do que respostas. Encontramos semelhanças e heterogenidade entre as condições da infância porque não há um sentido único, literal para ela.

A nomeação de crianças órfãs em abandonadas seria um modo de reduzir a angústia frente à morte? Contudo, não é possível negar que o modo de se relacionar com ela varia de acordo com a sua história e cultura. Como aceitar que uma criança se defronte com a morte do outro, especialmente quando o outro são os seus pais?

A orfandade nos levou a pensar no abandono de crianças. O abandono é uma realidade objetiva, que tem suas raízes no modo como concebemos as infâncias, as maternidades, as famílias, as políticas sociais, as inúmeras situações a que as crianças são submetidas. É uma

realidade social em que uns e outros desempenham papéis com sentidos definidos culturalmente, afetando o modo de conceber o abandono. Desfocalizando a orfandade do abandono, emerge a concepção de “orfandade metafórica”, que não permite que ocultemos o abandono e faz com que o evidenciemos. É uma maneira de ver esta realidade, dando-nos características dela e ocultando nesse momento outras que a travestem. As situações de abandono ganham maior visibilidade, sem serem travestidas de orfandade.

4. A TRILHA DOS CONTOS... TEXTOS E CONTEXTOS

Atribuimos significados às palavras que são expandidas contextualmente e que muitas vezes se perdem no tempo. Em retrospectiva, retomo a “orfandade metafórica” comentada no início deste estudo. O que há agora? Uma recriação de sentidos para essa condição? Órfãos? Quem os nomeia? As metáforas são plenamente culturais e é no contexto brasileiro que trarei um breve comentário sobre “orfandade metafórica”.

A concepção de metáfora de Lakoff e Johnson (2009) é compreendida fora de uma perspectiva histórica. As metáforas dão expressão a realidades abstratas, constituindo-se em experiências humanas; representam um recurso da linguagem poética. Por meio da metáfora é possível ver que há algo incluso ou oculto ou que há um conceito mais ou menos estruturado que pode ser estendido para outro campo.

A “orfandade metafórica” sugere uma imagem sobre orfandade com a probabilidade de nela ter implicações sociais, culturais, quando usada para traduzir uma condição que reflete estruturalmente a condição de orfandade. Move-nos para falar da vida de crianças-órfãs e das situações que estão em jogo.

Para Lakoff e Johnson (2009), a metáfora permite uma compreensão de um tipo de experiência em termos de outra e é a norma quando o que se quer expressar pertence ao domínio do abstrato e do emocional. Para esses autores, toda a vida cotidiana se organiza em bases conceituais que são metafóricas.

Assim, trago a relação entre orfandade e abandono. Uma pressupõe a morte de pais ou de genitores. Outra pressupõe o abandono por eles e ou por diferentes setores da sociedade. Se há pais, há família, há condições de proteção social, estamos falando de “orfandade metafórica”. Isso parece óbvio, mas não tanto quando adentramos no contexto das infâncias. Comumente o abandono é nomeado como orfandade e isso faz grande diferença e repercute não somente sobre o entendimento dessas situações como no modo como tais situações são tratadas.

Com o conceito de “orfandade metafórica”, há uma compreensão sobre a experiência de ser órfão e são atribuídos novos significados para o abandono. A orfandade oculta o abandono e suas implicações para as famílias, crianças, políticas públicas sociais. Conviver com pais mortos não é o mesmo que conviver com pais vivos que abandonaram crianças. O que experimentamos com a concepção de “orfandade metafórica” é uma espécie de reverberação por meio de uma rede

de relações que desperta e conecta nossas experiências de nos relacionar com crianças fadadas à orfandade, enquanto vivem no abandono.

“Essa criança é órfã”. “As personagens infantis do conto Irmãozinho e Irmãzinha são órfãs”. Essas afirmativas acentuam algumas características da orfandade. Há certos aspectos que são inerentes a essa condição. Contemplam primeiro a morte. Segundo, contemplam a vida de crianças, não necessariamente abandonadas, mas órfãs. Assim, recai sobre a criança-órfã o seu primeiro enfrentamento com a morte e com a própria vida. A morte é algo desconhecido que inquieta, fazendo com que questionemos a vida em sua origem e seu fim. A certeza da morte é algo que passa pela nossa concepção de homem.

No entanto, o que uma criança-órfã pensa sobre a morte? O que ela pensa sobre a morte de seus pais? Que será tomada por uma madrasta má e cruel? Que ficará abandonada à sorte e ao destino? O que a sociedade diz a ela sobre isso? Ou não diz? Dizer-se abandonada é menos doloroso que dizer-se órfã? Não é possível ter nesse momento todas essas respostas. Mas, é possível dizer que por meio das personagens do conto, a morte da mãe as deixou em estado de abandono.

Aprendemos com as personagens alguns recursos para lidar com a morte de sua mãe, entre eles o enfrentamento da vida. É possível dizer que essas personagens reagiram segundo as suas vivências com as personagens adultas?

Há marcas históricas e culturais que circulam nos contos de Grimm assim como em outros textos literários de diferentes épocas. São marcas, evidências, pensamentos, sentimentos, crenças, religiões, valores que exprimem a “realidade” de determinada sociedade num contexto histórico. Meu estudo se desenvolveu no sentido de ressignificar tais marcas no que diz respeito às infâncias e às maternidades.

A linguagem de um conto é clara e atrativa, melódica, inusitada, proporcionando ao leitor um contato diferente com a tradição oral. Na narrativa ficcional, o que é dito não aconteceu realmente, mas é o lugar onde se entrecruza a criação dos autores com sua vivência, o que torna difícil a distinção entre o que é ficção e o que é a “realidade”. Isso porque a linguagem desses contos pode ter sido utilizada para resistir, transgredir, contestar uma determinada “realidade”. Os reinos são aparentemente pacíficos, mas, guardam tragédias: a luta pela vida, a resistência às ameaças, a luta contra a morte.

Os irmãos Grimm deixaram as suas marcas nos contos no século XIX, que se perpetuam ainda hoje. Isso pode ser explicado de muitos modos. Um deles é pela heterogeneidade de vozes que ressonam sobre a composição dos contos, como foi apresentado no capítulo I. A outra é a condição dramática das personagens. Sendo assim, encontro uma literatura que se vincula com o presente revelando as origens da realidade histórica germânica, dos escritores e pesquisadores, deparando com a fantasia das histórias mescladas ao fantástico.

É preciso dizer que, dado o percurso histórico de Jacob e Wilhelm Grimm, em que recolheram da memória popular narrativas advindas da tradição oral, as personagens analisadas tornaram-se mais vivas e mais próximas do humano. Nessa relação entre a vida e a obra dos Grimm, o contexto histórico da época, os elementos ressaltados nos contos, foi possível sentir um emaranhado de vozes, uma autêntica polifonia.

Sendo assim, a aceitação e as críticas aos irmãos Grimm em diferentes períodos históricos podem advir de diversas interpretações ou hipóteses a respeito das suas características estilísticas, das bases religiosas em que se ancoraram e até dos temas abordados nos contos que versam sobre a vida e a morte, infância e velhice, trabalho e ócio, o bem e o mal, a recompensa divina e a punição do Diabo, a obediência e a transgressão, a maternidade e a sua negação, o amor e o ódio, a beleza e a feiúra, a normalidade e a incapacidade física, o poder e a submissão, a mentira e a verdade, a inveja e o reconhecimento, crenças e costumes, o mundo rural e o mundo do reino, a força pelo poder e a força física, a moralidade e a ética.

Contemplar o drama para a compreensão de um conto é desvelar a missão de uma personagem, atirar-se a buscas por respostas para as inquietudes que cercam as ações e enunciados dos diversos ciclos vitais da narrativa. Desse modo, as vivências reais ou fantásticas do leitor podem desenvolver por meio do conto uma base emocional vinculada ao real ou a realidades que se serviram dos contos para serem representadas, suscitando emoções e imagens.

As personagens “vivem” no conto, compõem cenas, lidam com discursos e palavras alheias, entram em espaços da natureza, descrevem a floresta, criam um ambiente imagético que carregam desde as transcrições da vida das personagens até a criação de situações especiais e peculiares das “relações humanas”, perpassando por obstáculos, confrontos destinados à derrota de uma e ou outra personagem, mas que acentuam a “vontade individual humana” lançada contra forças maiores que elas.

Um conto desperta compaixão, terror, mas, por outro lado, é evidente que o drama é em si um tipo mais elevado de arte. São personagens que lutam contra a força do destino. A força de uma narrativa dramática está na sonoridade do texto expressa nas falas, nos diálogos, nas andanças das personagens, no modo de enfrentar os desafios.

Instigado pelos contos de Grimm e orientado pelas preocupações com as infâncias e maternidades, este estudo recaiu sobre a *análise das relações das personagens femininas (mãe e madrasta) e personagens infantis (crianças) tendo como mirante a discussão sobre a infância órfã e abandonada, por trazer como hipótese que esses contos, lidos ainda hoje, trazem um repensar sobre as posições e lugares sociais ocupados pela criança e pela mulher.*

A realização do estudo problematizou as relações entre as personagens femininas e personagens infantis no conto dos Grimm, podendo, assim, salientar as relações entre as crianças órfãs e abandonadas e as maternidades. Essa aproximação entre o conto e a realidade é um tema emergente na discussão sobre a infância.

Cabe ressaltar o lugar de que falo: do campo da Educação. Nessa área os estudos sobre as infâncias e maternidades necessitam de maior atenção, sobretudo em instituições formais, escolares, que se relacionam com a criança de modo padronizado, como se essa fosse universal, sem características próprias de cada sociedade e de cada contexto histórico.

É também nessas instituições que as crianças convivem com a literatura, com os contos lidos e relidos em diferentes versões, adaptados e admirados ou contestados por muitas crianças e adultos. Como arte, os contos contagiam-nos com certos sentimentos, levando-nos a fazer uma relação com o sistema geral do comportamento humano, no campo das infâncias e das maternidades. Não se quer dizer com isso que os contos são uma expressão da vida, da infância órfã e abandonada, da maternidade, mas, nos permitem elaborar alguns sentimentos, percepções que suscitam indagações, aproximações entre a vida e arte. Entre a palavra e alguns princípios da realidade. Há o efeito social da palavra contada, condensando a realidade, provocando inquietações no que diz respeito ao humano.

Fui indagada pelas personagens. Pude perceber a linha tênue entre a ficção e a realidade. Levei a sério as personagens, pois, lembrando Eco (2009), “nós sabemos que toda ficção traça (projeta) um mundo possível e todos os nossos julgamentos de verdade e falsidade devem dizer respeito a esse mundo possível”. (p. 9). Assim, a infância, as mulheres dos contos participam de

uma realidade que se insere nas relações sociais, mas que podem demonstrar mudanças de papéis da maternidade e do lugar ocupado pela infância.

Sobre as maternidades e abandono e sobre o modo como se constituem na atualidade, modificaram-se e relacionam-se diretamente aos aspectos ideológicos e culturais. Surgiram diferentes modelos de mãe, o que inclui a participação da madrasta no contexto familiar. Isso implica em novas significações atribuídas ao abandono.

Há de se perguntar quais as causas do abandono hoje, mediante as diferentes configurações familiares em que não cabe exclusivamente à mulher, à mãe biológica a função de cuidar dos seus filhos.

Se o abandono advinha da perda precoce das mães, de fatores econômicos, da moral comum às famílias brasileiras, cabe-nos perguntar como a mulher independente, dotada de recursos financeiros tem convivido com o abandono. A condição econômica das mulheres, a sua conquista de melhor posição no mercado de trabalho a impediu de abandonar uma criança?

Com relação às mães pobres, sem independência financeira, que são mais expostas à mídia em relação ao abandono de crianças, como compreendê-las mediante esse ato? Em outras palavras, o que os estudos sobre as mulheres e as maternidades puderam compreender sobre essa temática? Como compreender uma mulher que não deseja ser mãe e que, tendo um filho, o abandona?

Há algumas explicações sendo dadas para essas ações que perpassam na atualidade pela anormalidade psíquica, mas que merecem ser reavaliadas. Reforça-se com isso o estigma de que a mulher tem a função de ser mãe, o que não diminui a minha indignação frente à criança abandonada. Pergunto-me se foram criadas políticas sociais para gerar recursos, não somente econômicos, para permitir que a mulher opte por ser ou não ser mãe, sem que para isso tenha de abandonar uma criança. Isso inclui questões polêmicas como aborto, que para alguns grupos é entendido como uma questão de saúde pública, dadas as condições em que as mulheres abortam, correndo risco de morte. Para outros, a discussão passa pela questão do direito à vida da criança. Discussão que recai sobre o direito de um sobre o outro e vice-versa.

Outras situações são incluídas aqui, como o processo de adoção, que também traz a discussão sobre a relação com a família biológica no processo adotivo. O critério do anonimato das famílias biológicas dissemina a ideia de que desapareça a mãe biológica para que haja maior

sucesso nos processos de adoção. A mãe deve esquecer para sempre a criança entregue para adoção?

O que dizer ainda daquelas mulheres que foram abandonadas na sua gravidez e não têm assistência para superarem os seus próprios dramas para que possam estabelecer um vínculo com o seu filho? Estaria a nossa sociedade à espera de uma mulher que naturalmente tem a faculdade de amar o seu filho? Se for essa a questão, como tratar o abandono de crianças e adolescentes nas famílias de diferentes classes sociais? Se couber à mulher a capacidade de procriar, cabe a ela também a função de maternar? Como garantir isso por decreto, por lei? Se essas questões ainda não estão respondidas, como resolver o abandono na atualidade?

Quais as ressonâncias dessas indagações ao ler um conto do século XIX? Ou ao contrário? Quais as ressonâncias da atualidade num conto do século XIX? Num conto, a questão primeira da orfandade e posteriormente do abandono é resolvida pelo rei que permite às personagens terem uma boa condição econômica e posteriormente o extermínio da madrasta e da filha. E na atualidade? O extermínio, a morte da madrasta que maltratava, perseguia, aniquilava foi substituída pela prisão, julgamentos, internações, interpretações de desordem psíquica das mulheres?

Os filhos, ora abandonados, são hoje encaminhados, quando sobrevivem, para casas provisórias, abrigos, adoção. Ou, permanecem nas ruas realizando delitos coordenados por adultos que dizem estar protegendo-os.

Entender o que se passou historicamente com as mulheres e com as crianças não excluiu a condição do abandono. Talvez, com isso, possamos concluir que o determinismo biológico, psicológico, as implicações culturais e socioeconômicas não definem ou justificam as mulheres como mães que abandonam. Relacionando a maternidade ao abandono, temos um fato social que pode ser entendido historicamente e que talvez possua fortes reverberações na atualidade. Santos (1998) diz que:

(...) a vergonha e o medo de desafiar o mito do amor materno têm levado muitas mulheres a preferir abandonar sorrateiramente suas crianças em portas alheias, em latas de lixo e em locais os mais variados a fim de não terem de abrir mão voluntariamente do pátrio poder, tornando assim pública a sua ausência de condição material e/ou afetiva para exercer a maternagem. (p.71).

Penso que assustar, repugnar, condenar, sofrer com o abandono de crianças sem adentrar nos mitos que envolvem a maternidade e nas relações materno-filiais é discutir e tentar soluções inócuas sobre essa prática. Nesse caso, não há como reduzir essa possível investigação a apenas uma classe social de mulheres e tampouco a apenas um grupo socioeconômico.

Todas as indagações aqui colocadas poderão se desdobrar em pesquisas futuras. Quanto a este estudo, tem a intenção de evidenciar o abandono e sua relação com as maternidades, tomando um conto do século XIX para dizer de outro modo sobre o tema em questão.

Posso concluir que há inúmeras possibilidades de desdobramentos desse estudo que sugerem que se enfrente essa problemática, implicando em pensar na trama das relações entre as mulheres que abandonam e as crianças que são abandonadas, nos sentidos sempre vários desses acontecimentos e nas articulações múltiplas com as diferentes áreas do conhecimento, com as pessoas envolvidas nesse processo, com as posições, posturas e decisões em relação a esse acontecimento e a outros que decorrem dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**. Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1991.

ÁLVAREZ, Maria Edmeé. **Cuentos de Grimm**. Editora Porrúa, México, 1967.

ÁLVAREZ, Amélia y DEL RIO, Pablo. **De la psicología del drama al drama de la psicología**. La relación entre la vida la obra de Lev S. Vygotski. Fundación Infancia y Aprendizaje, 2007.

ALMEIDA, Silmara Juny de A. Chinelato. **Do nome da mulher casada: Direito da Família e Direitos da Personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

AMORIM, Marília. **Cronotopo e Exotopia**. in: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin outros conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. São Paulo: UNESP, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BEZERRA, Paulo. **Um crítico muito original** in: Vigotski, L. S. A Tragédia de Hamlet. Príncipe da Dinamarca. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONINI, Iside M. **Contos e Lendas dos Irmãos Grimm** (Coleção Completa). São Paulo: Gráfica e Editora Edigraf/Ltda, 1961.

BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. **O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão**. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt>>. Acesso em: 01 de julho de 2008.

BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin, Dialogismo e Construção do sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. **Bakhtin conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Bakhtin dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

COELHO, Nely Novaes. **Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1993.

CORTEZ, Maria Teresa. **Os Contos de Grimm em Portugal**. A recepção dos Kinder – und Hausmarchen entre 1837 e 1910. Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra: Coimbra, 2001. COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

DAHLET, Patrick. **Dialogização Enunciativa e Paisagens do Sujeito** in: BAKHTIN: dialogismo e construção do sentido. Campinas: UNICAMP, 2005.

DELILLE, Maria Manuela Gouveia (Coord). **Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários**. I Vol: Da Idade Média ao século XVIII. Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Coimbra: 2007.

ECO, Umberto e VALSINER, Okan. **Sign Systems Studies**. Volume 31 (1/2). Tartu: Press, 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. São Paulo: Zahar, 1994.

FAITA, Daniel. **A noção de gênero de discursivo em Bakhtin: uma mudança de paradigma** in: BRAIT, Beth (org) Dialogismo e a construção do sentido. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

FANCHI, Carlos. **Linguagem – Atividade Constitutiva**. Cadernos de Literatura e Ensaio. São Paulo: Brasiliense, 1997.

FIDALGO, Lurdes. **(Re) Construir a Maternidade numa perspectiva discursiva**. Lisboa: Instituto Piaget e Horizontes Pedagógicos, 2004.

FONSECA, Cláudia. **Ser mulher, mãe e pobre** in: História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2007.

FRANZ, Marie-Louise von. **O FEMININO nos contos de fadas**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GÓES, Maria Cecília Rafael e CRUZ, Maria Nazaré. **Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski**. Campinas: Revista Pro-posições, v.17, n.2, 2006.

GRIMM'S Fairy Tales/ill. By Noel Pocok. **Brothers and Sister** in: Children`s Classics, New York, 1998, p.145-149.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980.

JAHAN, Heloiza. **Contos de Grimm** (Tradução). São Paulo: Cia das Letras, 1996.

LAKOFF, George y JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Catedra. Coleção Teorema, 2009.

KORFMAN, Michael. **A diferenciação da literatura moderna alemã no processo constitutivo da**

sociedade funcional: uma abordagem sistêmica baseada em Niklas Luhmann. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras pela UFRS, Rio de Janeiro: 2002.

KRAPOTH, Herman. **A literatura portuguesa no âmbito dos Estados das Línguas e Literaturas Românticas na Universidade de Gottingen no século XVIII e o início do século XIX.** in DELILLE, Maria Manuela Gouveia (Coord). Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários. I Vol: Da Idade Média ao século XVIII. Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra. Coimbra: 2007.

MACHADO, Ana Maria. Prefácio in: BORGES, Maria Luiza X A Borges. **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros.** São Paulo: Zahar, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto na obra literária.** Enunciação, escritor, sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCHEZAN, Renato Coelho. Diálogo. in: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin outros conceitos.** São Paulo: Cortez, 2006.

MARCILIO, Maria Luiza. **História Social da Criança Abandonada.** São Paulo: Hucitec, 2006.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos e LORDELO, Eulino da Rocha. **Creche em ambiente urbano pobre: ressonâncias no ecossistema desenvolvimental.** Revista Interação em Psicologia, 2002, 6(1), p. 19-30. Universidade Estadual da Bahia.

MOTTA, Maria Antonieta Pisano. **Mães Abandonadas:** a entrega de um filho em adoção. São Paulo: Cortez, 2008.

NOBERT, Elias. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

OBBERG, Silva. Apresentação. in: PACIORNIK, Celso. **Irmãos Grimm Contos e Fadas.** São Paulo: Iluminuras, 2008.

PACIORNICK, Celso M (Tradutor). **Irmãos Grimm. Contos de Fadas.** São Paulo: Iluminuras, 2008.

PAYROLS, Francisco. **Prólogo.** Cuentos Completos de Los Hermanos Grimm. México: Editora Labor, 1957

PINO, Angel. **As marcas do humano.** São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **O social e cultural na obra de Vigotsky** in: VIGOTSKI _ O MANUSCRITO DE 1929. Temas sobre a constituição cultural do homem. Revista Educação e Sociedade n.71, 2000, 2 edição, Campinas: Cedes.

PEREIRA, Gilza Sandré. **Amamentação e Sexualidade.** Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 360, julho-dezembro/2003

PRIORE, Mary Del e MURRAY, Lucy. **Brasil Colonial: um caso de famílias no feminino plural**. In: Cadernos de Pesquisa, n.91. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1994

_____. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

RIZZINI, Irene (Coord). **Acolhendo Crianças e Adolescentes. Experiências de Promoção do Direito à Convivência Familiar e Comunitária no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006.

RIZZINI, Irene e RIZZINI, Irma. **A institucionalização das crianças no Brasil**. Percurso histórico e desafios do presente. São Paulo: Loyola, 2004.

ROSA, Maria Cecília Amaral. **Dicionário de Símbolos: o alfabeto da linguagem interior**. São Paulo: Escala, 2009.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et Al. **Construção de vínculos afetivos em contextos de desenvolvimento adversos; importâncias e polêmicas**. Centro de Desenvolvimento Humano e Educação Infantil (CINDEDI/FFCLRP – USP), São Paulo, Ribeirão Preto,

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde e COSTA, Nina Rosa do Amaral. **Acolhimento Familiar: Uma alternativa de Proteção para Crianças e Adolescentes**. USP: São Paulo, 2008.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

SANDRONI, Luciana. **Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem** (Tradução). São Paulo: Cia da Letras, 2002.

SANTOS, L. S. **Adoção: da maternidade à maternagem _ uma crítica ao mito do amor materno**. Serviço Social e Sociedade: Temas Contemporâneo, n°57. ano XIX, São Paulo: Cortez, julho 1998.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural** in: Revista Educação e Sociedade, vol.21, n.71, Campinas: 2000.

_____. **Sobre a significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações**. in: FERREIRA`ROSSETTI, Maria Clotilde et al. Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

SORIANO, Marc. **Prefácio**.in: Jahan, Heloiza. Contos de Grimm. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006.

TEZZA, Cristóvão. Poesia. In: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin e outros conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRINDADE, Judite Maria Barboza. **O abandono de crianças ou a negação do óbvio**. Revista Brasileira de História, vol.19, n° 37, São Paulo, 1999.

TRUSEN, Silvia. **Tradução e leitura do *Kinder-und Hausmärchen***: reflexões sobre o filme de Terry Gilliam, The Brothers Grimm. XI Congresso Internacional da ABRALICTessituras, Interações, Convergências. USP: São Paulo, 2008.

VALENTI, Francisco (Tradutor). **Cuentos Completos de Los Hermanos Grimm**. Editora Labor, México, 1957.

VAN DER VERR, R VALSINER, J The Vygotsky Reader. **The problem of the environment**. Blackwell, 1994. p. 338-354.

_____. **VYGOTSKY**. Uma síntese. São Paulo: Loyola, 1999.

VALSINER, Jan e VEER, Rene Van. **A mente social**. A construção da ideia. Tradução de Eduardo A. Kawamura. Material para uso exclusivo dos pesquisadores do GPPL (Faculdade de Educação - UNICAMP), 2010.

VENANCIO, Renato Pinto. **Os aprendizes de guerra** in: PRIORE, Mary Del. História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Maternidade Negada**. In: PRIORE, Mary Del. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2007.

VIGOTSKI _ **O MANUSCRITO DE 1929. Temas sobre a Constituição Cultural do Homem**. N. 71, 2000. Revista Educação e Sociedade. VIGOTSKI _ **O MANUSCRITO DE 1929. Temas sobre a Constituição Cultural do Homem**. N. 71, 2000.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Lá Imaginación y El Arte en La infancia**. Espanha: Akal/Básica de Bolsilio, 2003.

_____. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VOLOBUEF, Karin. **Os Irmãos Grimm e a coleta de contos populares da língua portuguesa**. UNESP, 2009.

VYGOTSKI, Lev. S. y LURIA, Alexander R. **El instrumento y el signo em del desarrollo del niño**. Madrid: Fundación Infância y Aprendizaje, 2007.

VYGOTSKY, Lev S **Escritos sobre arte y educación creativa**. Edición a cargo de Pablo del Rio y Amélia Alvarez. Madrid: Fundación Infância y Aprendizaje, 2007.

_____. **Pensamento y Linguagem**. Obras Escogidas II, Madrid: 1982

_____ **Problemas da Psicologia Infantil.** Obras Escogidas IV: Visor, 1986.

_____ **A Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZULETA, Rodrigo. **Último livro de Günter Grass conta a história dos irmãos Grimm e da Alemanha.** Disponível em:: <<http://br.noticias.yahoo.com/s/30082010/40/entretenimento-ultimo-livro-gunter-grass-conta.html>>. Acesso em 2010.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Martha. Meninas Perdidas. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Crianças no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2002.
- ADRIANI, Ana Gabriela Pedrosa. **Imaginação, Imaginário, Jogos de imagens: adolescência, escola e família nas relações de ensino**. Tese de Doutorado da Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 2009.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. **Vida Privada e ordem privada no Império** in: NOVAIS, Fernando A e ALENCASTRO, Luiz Felipe. História da vida privada no Brasil- Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ARAUJO, Renata Pedroso. **SER MÃE NA COLÔNIA: A condição da mulher sob o aspecto da maternidade irregular (Séculos XVII e XVIII)**. São Paulo: USP, 2008.
- AZEVEDO, Ana Lúcia de Souza. **Versões de Cinderela no Brasil hoje**. quem conta aumenta um ponto? Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA, Viviane N. de A (Orgs). **Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas de la poética de Dostoevski**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- BARBOSA, Angela Márcia Damasceno Teixeira. **Antigos Contos, Novas Histórias na Literatura Infantil Brasileira**. Revista Travessias da Universidade Federal de Santa Catarina, n.7, 2007.
- BAREL, Ana Beatriz Damarchi. **Recolhas de contos da tradição oral: a rainha Moura virada no avesso**. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária – Campinas: UNICAMP, 1995.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. **Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso**. in: BRAIT, Beth (org). BAKHTIN: dialogismo e construção do sentido. Campinas: UNICAMP, 2005.
- BASILIO, Luiz Cavalieri e KRAMER, Sonia. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.
- BELINKY, Tatiana. **Os Contos de Grimm**. São Paulo: Paullus, 1989.
- BENEVISTE, Émile. **“Da subjetividade na linguagem”**. Em Problemas da lingüística em geral I. 2 ed. Campinas: UNICAMP, Pontes, 1988.
- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A tensão eu/outro: no sujeito, na memória**. GT: Psicologia da Educação/ n. 20, USF, 1999.

_____. **Memória e literatura: uma análise das posições de sujeito no texto narrativo.** CD-ROM da III Conferencia de Pesquisa Sócio-Cultural, 2000.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** Campinas: UNICAMP, 2004.

_____. **Gêneros do Discurso: Unidade e Diversidade.** Revista do Programa de Pós Graduação em estudos de Linguagem – Polifonia, n.8, Cuiabá: s/d.

BUNN, Daniela. **Da história oral ao livro infantil.** Estação Literária. Vagão-volume 1, 2008 em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL>.

Caderno CEDES (35): **Implicações Pedagógicas do Modelo Histórico Cultural.** Campinas: UNICAMP, 2000.

CAMARGO, Luis. **Ilustração do Livro Infantil.** Belo Horizonte: Lê, 1995.

CARDOSO, Laís de Almeida. **Percurso do órfão na literatura infanto-juvenil/da oralidade à era digital: A trajetória do herói solitário.** Dissertação de Mestrado da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2006.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires. **A adaptação literária para crianças e jovens no Brasil e seus adaptadores.** XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: USP, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia – o discurso competente e outras falas.** São Paulo: Cortez, 2006.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUCROT, Oswald e Todorov Tzvetan. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

FARACO, Carlos Alberto. **Autor e Autoria** in: Brait, Beth (org) Bakhtin conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **O problema do conteúdo, do material e da forma na arte verbal** in: Brait, Beth. Bakhtin dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009. FIORIN, José Luiz. **Interdiscursividade e intertextualidade.** in: BRAIT, Beth (org). Bakhtin e outros conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

FLORES, Valdir. **Dialogismo e enunciação:** Elementos para uma epistemologia da linguística. Revista Linguagem e Ensino, Vol. I, n. I, UNIJUI, 1998.

FRANCOIS, Frédéric. **“Dialogismo” e Romance ou Bakhtin visto através de Dostoiévski.** in: BRAIT, Beth (org) Dialogismo e a construção do sentido. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FREITAS, Marcos Cezar (Org). **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREITAS, Marcos Cezar e KUHLMANN, Moyses (orgs). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREITAS, Marcos Cezar de Freitas (org). **Desigualdade Social e Diversidade Cultural na Infância e na Juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.
- GOLDANI, Ana Maria. **As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas**. in: Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), n.1, São Paulo: 1971.
- GONÇALVES, Hebe Signorini. **Infância e Violência no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.
- GOURHAN_LEROI, André. **O gesto e a palavra. Memória e Ritmos**. Lisboa, Portugal, 1965.
- GRILLO, Sheila V. de Camargo. **Esfera e Campo**. in: BRAIT, Beth. Bakhtin outros conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HINORAKA, Gisela Maria Fernandes. **A incessante travessia dos tempos e a renovação dos paradigmas: a família, seu status e seu enquadramento na pós-modernidade**. In: SOUZA, Ivone Maria Candido Coelho. Direito de Família, diversidade e multidisciplinaridade. Porto Alegre: IBDFAM, 2007.
- HUNT, Lyn. **La vida privada La Revolución Francesa**. in: Aries i Philippe y Duby, Georges. Historia de la vida privada: De la revolución Francesa a la Primeira Guerra Mundial. Espanha, Taurus, 1999.
- JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **As artes e o desenvolvimento cultural do ser humano**. Revista Educação & Sociedade, ano XX, n.69, Campinas, 1999.
- JUNIOR. David Jardim (Tradutor). **Contos de Grimm** (contos de fadas) – obra completa. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.
- KESTLER, Isabel Maria. **Recepção da literatura em língua alemã do exílio dos países de origem dos exilados após o término do regime nazista na Alemanha e na Áustria**. Rio de Janeiro: UFRJ, s/d.
- KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1994, p. 205.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMANN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **Literatura Infantil Brasileira**. Histórias E Histórias. São Paulo: Ática, 2006.
- LEITE, César Donizetti Pereira et al. **Educação, Psicologia e Contemporaneidade**. Taubaté/SP: Cabral Editora Universitária, 2000.

LEITE, Nicolas. **Contos de Fadas: A construção discursiva e a apropriação do Chapeuzinho Vermelho de Perrault e Grimm e a "A Companhia dos Lobos" de Angela Carter**. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto (MG): 2009.

LOBATO, Monteiro. **Contos de Grimm** (Tradução). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

MACHADO, Ana Raquel e MATENCIO, Maria de Lourdes Meireles. Jean-Paul Bronckart. **Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Mercado das Letras, 1980.

_____. **Gêneros Discursivos** in: BRAIT, Beth. Bakhtin conceitos chaves (org). São Paulo: Contexto, 2007.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do Mundo Feminino**. in: NOVAES, A. Fernando. História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARIANO, Fernanda Neísa & FERREIRA-ROSSETTI, Maria Clotilde. **Que Perfil a Família Biológica Adotante, e da Criança Adotada Revelam os Processos Judiciais**. Ribeirão Preto: USP, 2008.

MARINS, Paulo Cezar. **Habitação e Vizinhaça**: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MATA, Sergio e MATA, Giuelle Vieira. **Os Irmãos Grimm entre o Romantismo, Historicismo e Folclorística**. Revista de História e Estudos Sociais, vol.3, Ano III, ano 2, UFOP, Ouro Preto: 2006.

MARTINELLI, Marlise Maria Batista. **Era uma vez... Por onde anda Cinderela? Estudo de caso do conto de fadas Cinderela na cidade de Maringá – PR**. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Maringá – UEM - Centro de ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado), Maringá: 2008.

MAUAD, Ana Maria. **A vida das crianças de elite durante o Império**. In: PRIORE, Mary Del, História das Crianças no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

MELO, Hildete Pereira. Relatório **Final do Projeto Governabilidade Democrática de Género en America Latina y el Caribe**. CEPAL/SPM. Brasília: 2005.

MEREGE, Ana Lúcia. **Os Contos de Fadas. Origens, história e permanência no mundo moderno**. São Paulo: Claridade, 2010.

MORAIS, Eliana Aparecida Gaioto e MARTINS, Maria Angelica Seabra. **Análise do contexto histórico-social e das marcas deixadas no discurso pelo enunciador em diferentes versões do conto de fadas Cinderela**. Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho - UNESP, Bauru, 2007.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara. **A leitura de romances no século XIX**. In: Cadernos CEDES; História de Mulheres e Práticas de Leitura, v. 45, Campinas: UNICAMP, 1998.

NALINI, José Renato. **Justiça e Cidadania**. In: PINSKY, Jaime (Org). Práticas de Cidadania. São Paulo: Contexto, 2004.

NAVES, Rubens. **Justiça para crianças e jovens** In: PINSKY, Jaime. Práticas de Cidadania. São Paulo: Cortez, 2004.

NEGRAO, Ana Maria Melo. **Infância, Educação e Direitos Sociais: “Asilo de órfãs” (1870-1960)**. Tese de Doutorado pela UNICAMP, Campinas, S.P, 2002.

NIVAT, Georges. **Elementos milenaristas na Revolução Russa**. Tradução de Euro de Barros Couto Jr. Revisão de Aurora F. Bernardini. O original em inglês – *Millenarist elements in the russian revolution* – encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta. Estudos Avançados 12 (32), 1998.

NOGUEIRA, Ana Lucia Horta. **Sobre condições de vida e educação: infância e desenvolvimento humano**. Revista Horizontes, 2006.

NONNENMACHER, Dalila Batista e MARANGON, Cristiane. **Os irmãos Grimm: espaço intertextual dos contos de fadas**. PUCRS-UNICRUZ, 2007.

ODALIA, Nilo. **Revolução Francesa – A liberdade como meta coletiva** in: PINSKY Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Ivone Martins e SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A emoção nas relações de conhecimento: um estudo realizado com adolescentes no espaço escolar**. Universidade Federal do Espírito Santo & Universidade Estadual de Campinas, s/d.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **As formas do silêncio**. Campinas: UNICAMP, 2007.

PADILHA, Ana Maria Lunardi. **Práticas Educativas: Perspectivas que se abrem para a Educação Especial**. Educação & Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciência da Educação.

PIAIA, Miquela. **Rastros da Literatura Brasileira na História da Colônia Neu_Wurttemberg. Dissertação de Mestrado do Alto Uruguai das Missões**. Frederico Westphalen, 2009. PINO, Angel. **As marcas do humano**. São Paulo: Cortez, 2005.

PINO, Angel. **O social e cultural na obra de Vigotsky** in: VIGOTSKI _ O MANUSCRITO DE 1929. Temas sobre a constituição cultural do homem. Revista Educação e Sociedade n.71, 2000, 2 edição, Campinas: Cedes.

_____. **Imagem, mídia e significação** in: Cadernos CED, v.9, Florianópolis: Editora da UFSC/CED/UFSC, 2006.

_____. **Imaginação e Produção Imaginária**. Cadernos CED, v.11. Florianópolis: NUD/CED/UFSC, 2006.

_____. **Educação Estética do sentimento e processo civilizador:** um ensaio sobre a estética e a semiótica. Cadernos CED, v.12. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

_____. **A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para a educação humana.** Revista Pré-posições, v.17, n.2, Campinas, 2006.

PINSKY Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs). **História da Cidadania.** São Paulo: Contexto, 2005.

PINSKY, Jaime (Org.). **Práticas de Cidadania.** São Paulo: Cortez, 2004.

RAMOS, Fabio Pestana. **A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI.** In: PRIORE, Mary Del. História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 2002.

RAMOS, Danielle Sthepfane e ARAÚJO, Érica Daniela. **Cinderela e as Representações do Feminino.** MAFUÁ: Revista de Literatura em Meio Digital, n.12, Florianópolis: 2009.

RIBEIRO, Ivete. **Igreja Católica e Estado: Matrizes Referenciais de Valores Dirigidos à Família.** In: Cadernos de Pesquisa, n.91. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1994.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Criança Pequena e Desigualdade Social no Brasil.** In: FREITAS, Marcos Cezar. Desigualdade Social e Diversidade Cultural na Infância e na Juventude. São Paulo: Cortez, 2006.

SACCOMANI, Maria Cláudia e DUARTE, Newton. **A arte na formação humana na obra psicologia da arte de Vigotski.** Faculdade de Ciências e Letras - Pedagogia, Araraquara, s/d.

SANTOS, Juracy Marques. **Contribuições da psicanálise e psicologia social para as ciências da arte: Freud e Vygotsky em Discussão.** Estados Gerais da psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros. **Sinais dos Tempos: marcas da violência na escola.** Campinas: Autores Associados, 2002.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **O (im) próprio e o (im) pertinente na apropriação das práticas sociais.** Cadernos Cedex, Campinas, ano XX, nº 50, abril, 2000.

_____. **Memória, imaginação e subjetividade:** imagens do outro, imagens de si.

_____. LEV S. VIGOTSKI. **Imaginação e Criação na Infância.** São Paulo: Ática: 2009.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho:** um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1973.

SEFTON, Ana Paula. **Afetos de pai:** representações na literatura infanto-juvenil. UFRS, 2008.

SILVA, Enid Rocha de Andrade. **O direito à convivência familiar e comunitária:** os abrigos para

crianças e adolescentes no Brasil. Brasília: IPEA/CONANDA, 2004.

SILVA, Solange Carvalho. **Épocas da Literatura Alemã** em:
<http://www4.crb.ucp.pt/Estudosalemães/historialeve.pdf>

SINGER, Paul. **A cidadania para todos**. In: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2005.

SMOLKA, Ana Luisa Bustamante. **Estatuto do sujeito, desenvolvimento humano e teorização**. In: Marcos César Freitas e Moises Kuhlmann (Orgs). Os intelectuais da Infância. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Experiência e Discurso como lugares de memória**: a escola e a produção de lugares comuns in: Revista PRO – POSIÇÕES: Dossiê, Temas e Tendências na perspectiva histórico-cultural. Vol.17, n.2, Campinas, 2006.

SOIBET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In: PRIORE, Mary Del (Org). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2007.

STEFTON, Ana Paula. **Questões de gênero na literatura e na produção cultural para crianças**. em:
http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/S/Suyan_Maria_Ferreira_Pires_54.pdf

TORRES, Maximiliano. **A DESCONSTRUÇÃO DO FEMININO EM GRIMM E MARINA COLASSANTI**: A filha do Moleiro, Rumpelstisequim e a Moça Tecelã. Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

TRIDICO, Ana Amélia Aparecida et all. **A magia do recontar**: Apontamentos sobre a intertextualidade, dialogismo e polifonia na obra cinematográfica *Os Irmãos Grimm*. LIBEC – Line. Revista em Literacia e Bem Estar da Criança, 2007.

VIEIRA, Joice Melo. **Era uma vez...Esta pode ser a sua história**. Cadernus Pagu, n.26, p.59-85, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ANEXO
AS TRADUÇÕES BRASILEIRAS
PARCIAIS E COMPLETAS DOS CONTOS DE GRIMM

Quadro 1 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 1961 - 1996

Ano	Obra	Tradutor	Ilustrador	Editora	Comentários
1961	Contos e Lendas de Grimm	Íside M. Bonini	Ramirez	Gráfica e Editora Edigraf (SP)	Composta por 8 volumes. O vol.I traz um Prefácio de 8 páginas datado em Kassel em 3 de julho de 1819. A introdução traz as obras dos Irmãos Grimm e o contexto em que foram escritas. Além disso, há notas bio-bibliográficas de ambos extraídas da edição GRIMM – <i>Lê fiabe del foclore</i> , Enauldi, Turim, 1954.
1986	Branca de Neve e Outros Contos de Grimm	Ana Maria Machado	Ricardo Leite	Nova Fronteira	Obra selecionada para o Projeto Cantinho da Leitura da SEE/MG
1986	Chapeuzinho Vermelho e Outros Contos de Grimm	Ana Maria Machado	Ricardo Leite	Nova Fronteira	Obra selecionada pelo PNSL – FNDE
1986	Cinderela e Outros Contos de Grimm	Ana Maria Machado	Ricardo Leite	Nova Fronteira	Obra selecionada para o Cantinho da Leitura da SEE/MG
1986	Contos de Grimm	Ana Maria Machado	Ricardo Leite	Nova Fronteira	Obra selecionada pelo Projeto Cantinho da Leitura SEE/MG.
1987	Os Contos de Grimm – Col. Lendas e Contos	Tatiana Belinky	Janusz Grabianski	Paullus	Composta por 49 contos traduzidos do alemão. Consta no Arquivo dos Irmãos Grimm em Kassel.
1996	Contos de Grimm	Heloiza Jahn	Elzbieta Gaudazinska	Cia. Das Letrinhas	Obra recomendada pela a Fundação Nacional do Livro infantil.

Quadro 2 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 1996-2003

Ano	Obra	Tradutor	Ilustrador	Editora	Comentários
1996	Contos de Fadas Clássicos	Helen Cresswell	Carol Hawson	Martins Fontes	Reeditada em 2010.
2001	Col. Os mais famosos Contos de Grimm – Os músicos de Bremen	Sem indicação	Sem indicação	Todolivro	Não há sinopse e caracterização da obra. A editora foi consultada, não obtendo resposta.
2002	Contos de Grimm – Jacob Grimm	Monteiro Lobato	Sem indicação	Nacional	Composto por 10 contos traduzidos. Reeditado em 2010.
2002	Contos de Grimm – o príncipe sapo e outras histórias	Zaida Maldonado	Sem indicação	L&P e Poket	Reeditado o Vol. I em 2008, com o nome: Príncipe sapo, O E outras histórias.
2002	A Bela Adormecida, e A e outras histórias.	Zaida Maldonado	Sem indicação	L&P e Poket	A coletânea possui 192 páginas.
2002	Chapeuzinho Vermelho e Outros Contos por imagens	Rui de Oliveira e adaptadora: Luciana Sandroni	Sem indicação	Cia das Letrinhas	Sobre a ilustração, a sinopse traz o seguinte comentário: “As ilustrações fazem também referência à tradição dos grandes livros ilustrados de histórias clássicas, em que a potência narrativa da imagem e a riqueza de detalhes complementam os limites da palavra”.
2003	Contos de Grimm – Vol. I Coleção Clara Luz.	Maria Heloiza Penteadó	Sem indicação	Ática	Composta por sete contos. Recomendável pela Fundação Nacional do Livro infantil e Juvenil.

Quadro 3 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 2005 - 2007

Ano	Obra	Tradutor	Ilustrador	Editadora	Comentários
2005	Contos de Andersen, Grimm e Perrault.	Sem indicação	Sem indicação	Sciliano.	Na sinopse consta que há sete contos de Andersen, seis contos de Grimm e nove contos de Perrault. A editora foi consultada sobre o tradutor e ilustrador, sem obter resposta.
2005	Contos Dos Irmãos Grimm	Lia Wyler	Arthur Rackam	Rocco	Composto por 53 histórias, com ilustrações de 1867-1939, prefaciado por uma analista <i>junguiana</i> Clarissa Pintola Estes.
2007	Branca de Neve e a Rosa Vermelha – Col. Contos de Grimm	Walcyr Carrasco	Sem indicação	Ática	Não há sinopse e caracterização da obra. A editora foi consultada, não obtendo resposta.
2007	Era uma vez... Contos de Andersen e Grimm e Outras histórias Clássicas	Amir Matos	Sem indicação	Leitura	A editora foi consultada, respondendo que a obra não se encontra disponível para venda.

Quadro 4 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 2007 e 2008

Ano	Obra	Tradutor	Ilustrador	Editora	Comentários
2007	As melhores histórias de todos os tempos	Lídia Chiab e Mônica Rodrigues da Costa	Sem indicação	Publifolha	A editora foi consultada, respondendo que a obra não se encontra disponível para venda.
2008	Contos de Grimm – Vol. I	Grimm Wilhelm; Grimm, Jacob	Sem indicação	Bicho do Mato	Não há sinopse e caracterização da obra. A editora foi consultada, respondendo que não mais trabalha com este tipo de literatura e sim com temas ambientais. Busquei em outras editoras a indicação da obra e não a encontrei editada.
2008	Os mais belos Contos de Grimm – Vol. I	Poly Benatene e Gustavo Mazali	Sem indicação	Ciranda Cultural	Não há sinopse e caracterização da obra. A editora foi consultada, não obtendo resposta.
2008	Contos de Grimm – Contos de Fadas	Jacob Grimm	Sem indicação	Villa Rica	Não há sinopse e caracterização da obra. A editora foi consultada, não obtendo resposta.

Quadro 5 Traduções brasileiras completas e parciais da Obra de Grimm: 2008 - 2010

Ano	Obra	Tradutor	Ilustrador	Editadora	Comentários
2008	Irmãos Grimm – Contos de Fadas	Celso M. Parciornik com a apresentação de Oberg	Capa ilustrada por Michaella Pivetti	Illuminuras	Somente há ilustração na capa. Na sinopse diz que: há uma seleção de contos, alguns já conhecidos do público, outros publicados pela primeira vez em português, traz para o leitor a tradução do texto original dos Grimm. Possui 288 páginas.
2010	Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros	Maria Luiza X de A Borges, com a apresentação de Ana Maria Machado.	Sem indicação	Zahar	São 20 contos traduzidos com a biografia dos autores.
S/D	Contos de Grimm	Renata Fucikoka	Ricardo Leite	Martins Fontes	Não há sinopse e caracterização. Não obtive resposta da Editora

Quadro 6 Traduções brasileiras dos “Contos Isolados” da Obra dos Irmãos Grimm: 1990

Ano	Conto	Tradutor	Ilustrador	Editadora	Comentários
1990	Cinderela – Coleção Clássicos da Literatura Infantil	Sem indicação	Sem indicação	Loyola	Verifiquei estes contos numa Livraria católica e confirmei a ausência de indicação de tradutor e ilustrador. Trata-se mais de uma adaptação do que tradução.
1990	A Bela Adormecida – Coleção Clássicos da Literatura Infantil	Sem indicação	Sem indicação	Loyola	Verifiquei estes contos numa Livraria católica e confirmei a ausência de indicação de tradutor e ilustrador. Trata-se mais de uma adaptação do que tradução.
1990	Branca de Neve – Coleção Clássicos da Literatura Infantil	Sem indicação	Sem indicação	Loyola	Verifiquei estes contos numa Livraria católica e confirmei a ausência de indicação de tradutor e ilustrador. Trata-se mais de uma adaptação do que tradução.

Quadro 7 Traduções Brasileiras dos “contos isolados” da Obra dos Irmãos Grimm: 1990 - 1998.

Ano	Conto	Tradutor	Ilustrador	Editadora	Comentários
1990	Chapeuzinho Vermelho – Coleção Clássicos da Literatura Infantil	Sem indicação	Sem indicação	Loyola	Verifiquei estes contos numa Livraria católica e confirmei a ausência de indicação de tradutor e ilustrador. Trata-se mais de uma adaptação do que tradução.
1990	O pequeno polegar – Coleção Clássicos da Literatura Infantil	Sem indicação	Sem indicação	Loyola	Verifiquei estes contos numa Livraria católica e confirmei a ausência de indicação de tradutor e ilustrador. Trata-se mais de uma adaptação do que tradução.
1996	O pequeno polegar- Conto ilustrado	Sem indicação	Sem indicação	Scipione	Não há sinopse e caracterização da obra.
1996	Os seis criados do príncipe – Contos de Grimm	Maria Heloisa Penteadó	Anastassija Archipowa	Ática	Não há sinopse e caracterização da obra. Não obtive resposta da editora.
1998	A princesa e o sapo	Carlos Susekind	Will Eisner	Cia das Letras	
1998	A Casa da Floresta	Maria Heloisa Penteadó	Anastassija Archipowa	Ática	Não há sinopse e caracterização da obra. Não obtive resposta da editora.
1998	Rapunzel – Os sete corvos de Grimm	Maria Heloisa Penteadó	Anastassija Archipowa	Ática	Não há sinopse e caracterização da obra. Não obtive resposta da editora.

Quadro 8 Traduções brasileiras dos “Contos Isolados” da Obra dos Irmãos Grimm: 1998 – 2009

Ano	Conto	Tradutor	Ilustrador	Editadora	Comentários
1998	A guardadora de gansos	Maria Heloisa Penteadó	Anastassija Archipowa	Ática	Não há sinopse e caracterização da obra. Não obtive resposta da editora.
1998	João Felizardo – Contos de Grimm	Maria Heloisa Penteadó	Anastassija Archipowa	Ática	Não há sinopse e caracterização da obra. Não obtive resposta da editora.
1999	Cinderela – Contos de Grimm	Maria Heloisa Penteadó	Anastassija Archipowa	Ática	Não há sinopse e caracterização da obra. Não obtive resposta da editora.
2000	A Bela adormecida – Mãe Nevadas	Maria Heloisa Penteadó	Anastassija Archipowa	Ática	Não há sinopse e caracterização da obra. Não obtive resposta da editora.
2004	O alfaiate valente	Cristine Rohring	André Dugin e Olga dugina	Cosacnaify	
2008	Chapeuzinho Vermelho	Samuel Titan Junior	Susana Jansen	Cosacnaify	Recomendado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 2005 e pelo Programa Ler e Escrever em 2007.
2009	João e o Pé de feijão	Samia Rios	Salmo Dansa	Scipione	Salmo Dansa foi um dos ilustradores citados em entrevista pelo Dr. Phil em Kassel. Em 2008, este ilustrador teve duas exposições individuais na Alemanha: As Bruxas de Grimm – <i>Die Bruder Grimm Museum</i> Kassel, e “Marina e Mariana, na IJB. Sua versão “João e Maria”. Participou da coletivas <i>Marchen in Bilden aus aller Welt</i> , na IJB, onde também recebeu uma bolsa de três meses para desenvolver pesquisa sobre livros de imagem.

As traduções brasileiras dos irmãos Grimm

Conforme indicado na introdução desse estudo, realizei um levantamento sobre as traduções brasileiras dos irmãos Grimm em cento e vinte e duas editoras brasileiras, em busca da divulgação destas traduções no Brasil. As tabelas foram construídas utilizando-se a data como referência, em ordem crescente, ou seja, da data mais antiga, para a mais recente, conforme demonstrado.

Com os achados em mãos, considereei nas traduções dos contos parciais e completos e contos isolados:

- a) Tradutores brasileiros.
- b) Tradutores estrangeiros radicados no Brasil.
- c) Tradutores estrangeiros publicação em editoras brasileiras.
- d) Tradutores estrangeiros em editoras brasileiras.
- e) Traduções sem indicação dos nomes dos tradutores.
- f) Traduções sem indicação dos nomes dos ilustradores.

Com relação aos contos parciais e completos (coletâneas dos irmãos Grimm) foi possível encontrar como tradutores brasileiros: *Ana Maria Machado (Rio de Janeiro)*; *Carlos Susekind (Rio de Janeiro)*, *Cristine Rohring (São Paulo)*, *Heloiza Jahan (Rio de Janeiro)*, *Zaida Maldonado (Rio de Janeiro)*, *Rui de Oliveira (Rio de Janeiro)*, *Maria Heloiza Penteado (Araraquara – São Paulo)*, *Lia Wyler (Ourinhos – São Paulo)*, *Walcyr Carrasco (Bernardo dos Campos – São Paulo)*, *Amir Matos (Porto Alegre)*, *Lidia Chaib (São Paulo)*, *Luciana Sandroni (Rio de Janeiro)*, *Monica Rodrigues da Costa (Salvador-Bahia)*, *Celso M Parcionik (Cachoeira Paulista – São Paulo)*, *Maria Luiza X. A. Borges (Rio de Janeiro)*, *Monteiro Lobato (Taubaté – São Paulo)*, *Samuel Titan Junior (São Paulo)*, *Samia Rios (Santos – São Paulo)*.

Quanto aos tradutores estrangeiros radicados no Brasil que realizaram traduções de coletâneas, temos: *Tatiana Belinky (São Petersburgo - Rússia)*, *Poly Bernadete Gustavo Mazali (Buenos Aires-Argentina)*.

Contamos ainda com Helen Cresswell, tradutora inglesa, com tradução pela Editora Martins Fontes.

Não foi possível encontrar a naturalidade e a nacionalidade das autoras: *Íside M. Bonini* e *Renata Facikoka*, sendo que a primeira tradutora editou as suas traduções na Editora Edigraf de São Paulo em 1961 e a segunda pela editora Martins Fontes, s/d.

Sobre as traduções encontradas sem a indicação de tradutores temos as seguintes obras:

- Coleção Os mais famosos contos de Grimm – os músicos de Bremen, Editora Todo Livro, 2001.
- Contos de Andersen, Grimm e Perrault, Editora Siciliano, 2005.
- Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros, Editora Zahar, 2010.

Com relação aos contos isolados, temos os seguintes contos, sem a indicação de tradutores:

- Chapeuzinho Vermelho, Editora Loyola, 1990.
- O Pequeno Polegar – Coleção Clássicos da Literatura Infantil, Editora Loyola, 1990.
- O Pequeno Polegar – Conto ilustrado, Editora Scipione, 1996.

Caberia ainda acrescentar nesse item, as traduções que estão com os nomes dos autores, ou seja, Jacob e Wilhelm Grimm. São elas:

- Contos de Grimm, Vol. I, Editora Bicho do Mato, 2008.
- Contos de Grimm – Contos de Fadas, Editora Villa Rica, 2008.

Com este levantamento, temos ao todo 18 (dezoito) tradutores brasileiros dos contos de Grimm, sendo que destes, 11 (onze) são mulheres e 7 (sete) são homens. De modo geral, as traduções são realizadas predominantemente por apenas um tradutor.

Outro fato a ser considerado, são as **ilustrações** (grifo meu). Nas traduções achadas, algumas indicam o nome do tradutor, mas não o do ilustrador, embora haja menção de que o livro é ilustrado. É o caso das seguintes obras:

- Coleção Os mais famosos contos de Grimm – Os músicos de Bremen, que também está sem indicação de tradutor, Editora Todo Livro, 2001.
- Contos de Grimm – Jacob Grimm, de Monteiro Lobato. Há uma referência de que as ilustrações originais são da edição brasileira de 1932. Editora Nacional, 2001.
- Contos de Grimm – o príncipe sapo e outras histórias. Editora L&P e Poket, 2002.
- A Bela Adormecida e outras histórias. Editora L&P e Poket, 2002.
- Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagens. Cia das Letrinhas, 2002.
- Contos de Grimm – Vol. I. Coleção Clara Luz, Editora Ática, 2003.
- Contos de Andersen, Grimm e Perrault, Editora Sciliano, 2005.
- As melhores histórias de todos os tempos. Publifolha, 2007.
- Contos de Grimm, Vol. I. Editora Bicho de Mato, 2008.
- Os mais belos contos de Grimm Vol. I. Editora Ciranda Cultural, 2008.
- Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros, Editora Zahar, 2010.
- Chapeuzinho Vermelho – Coleção Clássica da Literatura Infantil, Editora Loyola, 1990.
- O Pequeno Polegar – Coleção Clássica da Literatura Infantil, Editora Loyola, 1990.
- O Pequeno Polegar – Conto Ilustrado, Editora Loyola, 1990.
- O Pequeno Polegar – Conto Ilustrado, Editora Scipione, 1996.

Talvez, porque as primeiras ideias sobre a ilustração trazem como princípio o comprometimento com a explicação ou ornamentação, advinda assim da palavra escrita, ou seja, usada no contexto da linguagem verbal.

Com relação aos contos isolados dos irmãos Grimm, considerei as observações possíveis de serem encontradas nos achados, considerando os seguintes critérios:

- a) Conto com maior número de traduções.
- b) Período de maior divulgação das traduções dos contos isolados.

Na amostra encontrada, é possível dizer que o conto com maior número de traduções é o *do Chapeuzinho*

Vermelho, ficando em segundo lugar os contos *Cinderela*, *A Bela Adormecida*, *A guardadora de gansos*, *O Pequeno Polegar*, *João e o pé de feijão e o alfaiate valente*. Por último ainda temos as traduções dos contos: *Os seis criados do príncipe*, *A casa da floresta e Rapunzel*.

O período de maior divulgação dos contos isolados está entre os anos de 1990 a 1999, num total de 13 (treze) contos. Entre o ano de 2000 a 2009 há 8 (oito) contos traduzidos. A posição se inverte em relação aos contos parciais e completos. Em 1961, há a tradução de uma coletânea de contos. Na década de 1980, entre 1986 a 1987, há cinco coletâneas e na década de 1990, em 1996, há duas coletâneas traduzidas.